



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

**DO CONSULTÓRIO PARA AS
AULAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE: TRAJETÓRIAS DE
PROFESSORES-ALUNOS DO CURSO DE ODONTOLOGIA (1972-1979).**

DANILO MOTA DE JESUS

**SÃO CRISTÓVÃO/SE
2022**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

**DO CONSULTÓRIO PARA AS
AULAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE: TRAJETÓRIAS DE
PROFESSORES-ALUNOS DO CURSO DE ODONTOLOGIA (1972-1979).**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe como requisito para obtenção do título de Doutor em Educação.

Área de Concentração: História, Sociedade e Pensamento Educacional.

Linha de Pesquisa: História da Educação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Josefa Eliana Souza.

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

J58d Jesus, Danilo Mota de
Do consultório para as aulas da Universidade Federal de
Sergipe : trajetórias de professores-alunos do curso de odontologia
(1972-1979) / Danilo Mota de Jesus ; orientadora Josefa Eliana
Souza. – São Cristóvão, SE, 2022.
163 f. : il.

Tese (doutorado em Educação) – Universidade Federal de
Sergipe, 2022.

1. Educação superior - História - Sergipe. 2. Odontologia –
Estudo e Ensino - Sergipe. 3. Intelectuais. 4. Cirurgiões dentistas -
Sergipe. 5. Professores universitários. 6. Universidade Federal de
Sergipe - História. I. Souza, Josefa Eliana, orient. II. Título.

CDU 378:616.314(813.7)(091)



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

DANILO MOTA DE JESUS

**DO CONSULTÓRIO PARA AS
AULAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE: TRAJETÓRIAS DE
PROFESSORES-ALUNOS DO CURSO DE ODONTOLOGIA (1972-1979).**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe como requisito para obtenção do título de Doutor em Educação.

Aprovada em: 15/12/2022

Prof^a. Dr^a. Josefa Eliana Souza (Orientadora)
Programa de Pós-Graduação em Educação – UFS

Prof. Dr. Luiz Eduardo Oliveira
Programa de Pós-Graduação em Educação – UFS

Prof. Dr. Joaquim Tavares da Conceição
Programa de Pós-Graduação em Educação – UFS

Prof^a. Dr^a. Maria Neide Sobral
Universidade Federal de Sergipe – UFS

Prof^a. Dr^a. Silvania de Andrade Santana
Universidade Tiradentes – UNIT

Prof. Dr. Ricardo Costa dos Santos
Colégio de Aplicação – UFS

SÃO CRISTÓVÃO/SE
2022

AGRADECIMENTOS

Quando eu iniciei o meu mestrado em 2016, tive a noção de que, mesmo estando fisicamente sozinho, estamos sempre acompanhados na hora de escrever um texto acadêmico, escoltados pelas ideias dos teóricos que estudamos e usamos como base para a escrita, além de amparados pelos nossos orientadores. E, para que esta pesquisa pudesse ser concretizada, tive o apoio de muitas pessoas, e minha gratidão a essas pessoas é eterna. Embora eu fale de pessoas, tenho muito a agradecer a Deus (em suas inúmeras nomenclaturas) por me permitir vivenciar esse momento e pelas oportunidades que Ele me proporcionou durante a minha jornada terrena; agradeço também *in memoriam* a todos os professores pioneiros do curso de Odontologia da UFS que não estão mais neste plano material e ao Professor Afrânio José de Bastos por me receber e me atender sempre que precisei.

Ao meu companheiro Anderson de Araujo pelo apoio e estímulo para ampliar meus campos de conhecimento, a ele minha eterna gratidão. Agradeço aos meus pais, Manoel e Matilde, por não interferirem nas minhas escolhas e me permitirem que eu alcançasse meus objetivos e seguir sempre. Agradeço aos meus irmãos (Gildásio, Gilmarques e Bruna) pelo afeto e pela compreensão durante todos esses anos, mesmo em meio aos desentendimentos, somos família.

Meus leais agradecimentos à minha orientadora Eliana Souza por aceitar orientar-me nessa caminhada que vem desde o mestrado, ela tem sido meu farol de conhecimento. Obrigado aos professores do PPGED (Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe) e do PROHIS (Programa de Pós-Graduação em História da UFS), que durante essa empreitada dividiram, comigo e com meus colegas, um pouco dos seus vastos conhecimentos. Obrigado também aos meus colegas das disciplinas de que participei no processo de doutoramento, a vocês desejo sucesso. Agradeço também aos funcionários do PPGED, nas pessoas de Guilherme e Regiane.

Minha gratidão ao GREPHES (Grupo de Estudos e Pesquisa sobre História do Ensino Superior) pelo acolhimento e pelas amizades que me proporcionou.

O auxílio recebido de algumas pessoas, durante este trabalho de pesquisa, merece a minha gratidão; assim, agradeço aos funcionários e estagiários do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e do Arquivo Central da UFS, do Arquivo Público do Estado e do CEMAS (Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense).

Minha gratidão à Professora Rosa Garcez, à Professora Edith Paixão, à Professora Tânia Fortes, aos dentistas Antônio Rezende (*in memoriam*), João Garcez Filho (filho de João Garcez) e Manoel Barreto (Manoel Cardoso); a Carminha (filha do Professor Fernando Vasconcelos), a Valéria (filha do professor Jessé), ao Prof. Álvaro (genro do Prof. Zequinha), a Júlio Passos (filho do Professor Manoel Passos), por me abrirem as portas de suas memórias para me auxiliar na construção dessa história que vem cada vez mais me encantando, a vocês meu muito obrigado.

Minha gratidão, também, aos professores e às professoras que participaram da banca de qualificação desta tese e aos que aceitaram o convite para avaliar este trabalho, vocês me impulsionam a querer fazer sempre o meu melhor.

Aproveito este espaço para agradecer a cirurgiã dentista Maria Anita do Nascimento Aguiar Santana (*in memoriam*), que durante minha graduação em odontologia exerceu um papel muito importante para minha formação pessoal e acadêmica, obrigado pelo acolhimento quando eu mais precisei, a senhora estará sempre em meus pensamentos e minhas orações. Muitas foram as pessoas que me auxiliaram de alguma forma durante esse meu percurso em busca do doutoramento; deste modo, se alguém não foi citado, perdoe-me, não foi intencional, mas sei, com certeza, que agradei pessoalmente. Obrigado!

[...] o educador libertador nunca pode manipular os alunos e tampouco abandoná-los à própria sorte. O oposto de manipulação não é laissez-faire nem a negação da responsabilidade que o professor tem na direção da educação. O professor libertador nem manipula, nem lava as mãos da responsabilidade que tem com os alunos. Assume um papel diretivo necessário para educar (FREIRE, 2014, p. 217).

RESUMO

Este estudo tem como objeto os professores dentistas do curso de Odontologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS), bem como os alunos egressos do curso que se tornaram professores do Departamento de Odontologia, entre os anos de 1972 e 1979. Trata-se de uma pesquisa histórica, de cunho bibliográfico, documental e memorial, na qual usamos como forma de abordagem os pressupostos da História Cultural e Social. Nosso objetivo é analisar as trajetórias de duas gerações de professores dentistas do Departamento de Odontologia da Universidade Federal de Sergipe (DOD/UFS) que atuaram entre os anos de 1972 e 1979. Como objetivos específicos, buscamos identificar dados biográficos dos professores dentistas do DOD/UFS e de professores egressos do departamento de odontologia da UFS, de modo a compor suas trajetórias acadêmica e profissional; analisar a contribuição dos referidos docentes dentistas para o campo educacional; identificar o que motivou o ingresso desses profissionais da saúde, professores do DOD/UFS, no campo educacional; inferir as disputas que ocorreram entre os docentes do DOD/UFS no campo da Odontologia. Para fundamentar este escrito, utilizamos os conceitos de campo, na perspectiva de Pierre Bourdieu (2002,2006,2021); o de intelectual, apoiados nos escritos de Jean François Sirinelli (2003), e de redes de sociabilidade, também baseados em Sirinelli (2003). Com o intento de compor a trajetória dos personagens desta pesquisa, usamos a técnica da entrevista, amplamente utilizada pela História Oral, com aplicação de questionário com o intuito de colher e reunir dados biográficos dos professores em questão. Com base nos dados levantados, nos questionamos: qual a trajetória dos professores do curso de Odontologia que possibilitou sua inserção na formação de profissionais na UFS no referido período? Pensamos que a hipótese que está mais próxima de resposta para a inquietação aqui proposta é a de que eles ingressaram no campo educacional uma vez que eram os mais capacitados para tal, além de já terem a docência como um objetivo de vida, pois faziam parte da Sociedade Civil Faculdade de Odontologia de Sergipe, que por muitos anos buscou a implantação da Faculdade de Odontologia, e o interesse no campo do ensino se deu como uma forma de visibilidade social que o cargo poderia proporcionar. Esta tese conseguiu, através da sua construção, mostrar as duas gerações de dentistas compostas por pioneiros e ex-alunos da UFS, bem como o motivo pelo qual ingressaram na carreira docente, suas contribuições para o ensino de odontologia no Estado de Sergipe, principalmente auxiliando na formação de novos profissionais que viriam a prestar serviço à sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Dentista docente. Departamento de Odontologia. Intelectuais. Universidade Federal de Sergipe.

ABSTRACT

The object of this study is the dentistry professors of the Dentistry Course of the Federal University of Sergipe (UFS), as well as the students who have graduated from the course and became professors of the Dentistry Department, between the years 1972 and 1979. This is a bibliographical, documental, and memorial historical research, in which we use the Cultural and Social History assumptions as a form of approach. Our goal is to analyze the trajectories of two generations of dentistry professors of the Dentistry Department of the Federal University of Sergipe (DOD/UFS) who have served from 1972 to 1979. As specific objectives, we sought to identify biographical data of DOD/UFS dentists and professors who graduated from the UFS dentistry department, in order to compose their academic and professional trajectories; to analyze the contribution of these dentist teachers to the educational field; identify what motivated the entry of these health professionals, DOD/UFS professors, in the educational field; to infer the disputes that occurred between DOD/UFS professors in the field of Dentistry. In order to base this paper, we used the concepts of field from Pierre Bourdieu's (2002,2006,2021) perspective, of intellectual based on Jean François Sirinelli's (2003) writings, and networks of sociability also based on Sirinelli (2003). In order to compose the trajectory of the individuals in this research, we used the interview technique, widely used in Oral History, with the application of a questionnaire with the purpose of collecting biographical data of the professors involved. Based on the data collected, we asked ourselves: what is the trajectory of the dentistry course professors that enabled their insertion in the education of professionals at UFS, during the period aforementioned? We believe that the closest hypothesis to answer the question proposed here is that they entered the educational field because they were the most qualified for that, besides having teaching as a life purpose, because they were part of the Civil Society of Dentistry School of Sergipe, which for many years sought the implementation of the Dentistry School, and the interest in the field of teaching occurred as a form of social visibility that the position could provide. This thesis was able to present the two generations of dentists comprised of pioneers and former students from UFS, as well as the reason why they joined the teaching career, their contributions to the teaching of dentistry in the state of Sergipe, mainly helping in the education of new professionals who would come to serve society.

KEYWORDS: Dentist professor. Dentistry Department. Intellectuals. Federal University of Sergipe.

RÉSUMÉ

Cette étude a pour objet les professeurs dentistes du Cours de médecine dentaire de l'Université fédérale de Sergipe (UFS), ainsi que les étudiants diplômés de ce cours qui sont devenus professeurs au Département de médecine dentaire, entre 1972 et 1979. C'est une recherche historique, de nature bibliographique, documentaire et mémorielle, dans laquelle on utilise comme approche les présupposés de l'Histoire Culturelle et Sociale. L'objectif est d'analyser les trajectoires de deux générations de professeurs dentistes du Département de Médecine Dentaire de l'Université fédérale de Sergipe (DOD/UFS) qui ont travaillé entre 1972 et 1979. Comme objectifs spécifiques, nous avons cherché à identifier les données biographiques des dentistes et professeurs du DOD/UFS diplômés du département de dentisterie de l'UFS, afin de composer leurs trajectoires académiques et professionnelles; analyser la contribution de ces professeurs dentistes au domaine éducatif; identifier ce qui a motivé l'entrée de ces professionnels de santé, professeurs du DOD/UFS, dans le champ éducatif ; pour déduire les différends survenus entre les professeurs du DOD / UFS dans le domaine de la dentisterie. Pour étayer cette thèse, on utilise les concepts de Champ pensés par Pierre Bourdieu (2002,2006,2021), celui d'intellectuel basé sur les écrits de Jean François Sirinelli(2003), et les réseaux de sociabilité basés également en Sirinelli (2003),. Afin de composer la trajectoire des personnages de cette recherche, on a employé la technique de l'entretien, largement utilisée par l'histoire orale, avec l'application d'un questionnaire afin de collecter et de rassembler les données biographiques des enseignants étudiés. À partir des données recueillies, on a demandé: quelle a été la trajectoire des professeurs du Cours de médecine dentaire qui a permis leur insertion dans la formation de professionnels à l'UFS, à cette période? On pense que l'hypothèse la plus proche d'une réponse à la question proposée ici, c'est le fait qu'ils sont entrés dans le domaine de l'éducation car ils étaient les plus qualifiés pour cela, outre ils avaient l'enseignement comme objectif de vie, car ils faisaient partie de la société civile La Faculté de médecine dentaire de Sergipe, qui depuis de nombreuses années a cherché à implanter la Faculté de médecine dentaire, et l'intérêt pour le domaine de l'enseignement s'est manifesté comme une forme de visibilité sociale donné pour le poste. Cette thèse est parvenue, à travers sa construction, à montrer aux deux générations de dentistes composées de pionniers et d'anciens élèves de l'UFS, ainsi que la raison pour laquelle ils ont rejoint la carrière enseignante, leurs contributions à l'enseignement de la médecine dentaire dans l'Etat de Sergipe, principalement en aidant à la formation de nouveaux professionnels qui viendraient rendre service à la société.

MOTS-CLÉS: Dentiste enseignant. Département de Médecine Dentaire. Intellectuels. Université Fédérale de Sergipe

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01	Arício Fortes (Foto de Formatura)	42
Imagem 02	Livro utilizado por Laura Amazonas no curso de Odontologia	48
Imagem 03	Carta resposta de Laura Amazonas ao IHGSE	49
Imagem 04	Certificado de Exame de Admissão no Atheneu Pedro II de 1936	64
Imagem 05	Maria Nou e os colegas da Faculdade Nacional de Odontologia	65
Imagem 06	Maria Rodrigues Nou (Foto de Formatura)	67
Imagem 07	Lélio Passos de Guimarães Fortes (Foto de Formatura)	69
Imagem 08	João de Andrade Garcez (Foto de Formatura)	71
Imagem 09	Formandos do Curso Fundamental (Colégio Atheneu s/d)	72
Imagem 10	Texto premiado na <i>Revista Vamos lêr!</i>	74
Imagem 11	Manoel Cardoso Barreto (Foto de Formatura)	76
Imagem 12	Afrânio José de Bastos (Foto de Formatura)	77
Imagem 13	Zilnah Pinto Maciel (Foto de Formatura)	79
Imagem 14	Diploma de Graduação de Fernando Vasconcelos.....	80
Imagem 15	Jessé de Oliveira Andrade (Foto de Formatura)	82
Imagem 16	Formatura da Escola de Sargentos da Aeronáutica (Fabiano Aguiar)	84
Imagem 17	Formatura em Odontologia de Fabiano Aguiar na UFC	85
Imagem 18	Maria Linhares Nou no VI Congresso Brasileiro de Odontologia	90
Imagem 19	Convite enviado à SOSE pela Comissão Organizadora do Congresso Brasileiro de Odontopediatria.....	92
Imagem 20	Recorte do <i>Jornal Diário de Pernambuco</i>	93
Imagem 21	Governador João Garcez em pronunciamento	95
Imagem 22	Dentistas em seus locais de trabalho e estudo	103
Imagem 23	Capas dos Atlas produzidos pelo Prof. José Reis	105
Imagem 24	Solicitação para inscrição no concurso para professor da disciplina Clínica Odontológica I.....	111
Imagem 25	Parte da carta enviada por Lélio Passos ao dentista Renato de São Paulo	114
Imagem 26	Aula teórico-prática do curso de Odontologia – UFS	116
Imagem 27	Identidade Funcional do Prof. Jessé Andrade	118

Imagem 28	Participação dos Professores em Congressos	120
Imagem 29	Futebol entre alunos e professores	121
Imagem 30	Edith Bastos (Foto de Formatura)	125
Imagem 31	Colação de grau (Tânia Fortes)	129
Imagem 32	Tânia Fortes palestrando na I Semana Acadêmica Odontológica	130
Imagem 33	Fotos de Formatura (Rosa Maria Viana de Bragança)	131
Imagem 34	Formandos em Odontologia 1976.2	132
Imagem 35	Alunos e homenageados	141
Imagem 36	Placas de formatura entregues aos professores homenageados	143

LISTA DE QUADROS

Quadro 01	Lista de teses e dissertações defendidas no PPGED sobre Biografia e Trajetória.....	20
Quadro 02	Lista de Professores.....	32
Quadro 03	Demonstrativo de fontes para a pesquisa, levantadas e copiadas.....	34
Quadro 04	Sócios da Sociedade Civil Faculdade de Odontologia de Sergipe (1957).	44
Quadro 05	Odontólogos vereadores em Aracaju	52
Quadro 06	Informações gerais sobre a primeira geração de dentistas professores da UFS.....	86
Quadro 07	Professores do curso de Odontologia e a profissão dos pais	88
Quadro 08	Local de formação dos dentistas (professores da UFS)	89
Quadro 09	Serviço Militar	98
Quadro 10	Onde esses dentistas atendiam	101
Quadro 11	Ambientes de trabalho e sociabilidade	102
Quadro 12	Instituições de ensino frequentadas por essa geração	103
Quadro 13	Disciplinas ofertadas no curso de Odontologia no ano de 1972	117
Quadro 14	Disciplinas ofertadas no curso de Odontologia no ano de 1973	118
Quadro 15	Atividades e cursos	134
Quadro 16	Informações gerais sobre a segunda geração de professores do DOD	137
Quadro 17	Segunda geração de professores: trajetória educacional.....	138
Quadro 18	Professores Homenageados pelos dentistas formados em 1973	140
Quadro 19	Homenagens e condecorações	145

LISTA DE ABREVIATURAS

APCD/SE	Associação Profissional de Cirurgiões Dentistas de Sergipe
APES	Arquivo Público do Estado de Sergipe
ASM/SE	Academia Sergipana de Medicina
BDTD	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior
CEFET/SE	Centro Federal de Educação Tecnológica de Sergipe
CEMAS	Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense
CONEPE	Conselho do Ensino e da Pesquisa
COVID	Coronavírus
CREMESE	Conselho Regional de Medicina de Sergipe
CRO	Conselho Regional de Odontologia
DOD/UFS	Departamento de Odontologia da Universidade Federal de Sergipe
DSI	Divisão de Segurança e Informação
FNO	Federação Nacional dos Odontologistas
GREPHES	Grupo de Estudos e Pesquisas sobre História do Ensino Superior
IAPC	Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Comerciantes
IAPTEC	Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Estivadores e Transportadores de Cargas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IHGSE	Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe
INPS	Instituto Nacional de Previdência Social
LDB	Levantamento de Dados Biográficos
MEC	Ministério da Educação e Cultura
OIs	Órgãos de Informação
PPGED	Programa de Pós-Graduação em Educação
PROHIS	Programa de Pós-Graduação em História
SCFO	Sociedade Civil Faculdade de Odontologia
SINDIMED/SE	Sindicato dos Médicos do Estado de Sergipe
SOMESE	Sociedade Médica de Sergipe
SOSE	Sociedade Odontológica de Sergipe

SUDEPE	Superintendência do Desenvolvimento da Pesca
UDN	União Democrática Nacional
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFS	Universidade Federal de Sergipe

SUMÁRIO

1 MIRANDO, ANDANDO E SEGUINDO: PROÊMIO DE UMA TRAJETÓRIA.....	17
1.1 OS ESPELHOS EM QUE NOS MIRAMOS	19
1.2 ELES NOS DERAM A DIREÇÃO	26
1.3 OS CAMINHOS POR ONDE ANDAMOS	32
2 OS INTELECTUAIS DO CETO ODONTOLÓGICO SERGIPANO E AS LUTAS PARA ESTRUTURAÇÃO DO CAMPO	41
2.1 UMA LEGITIMAÇÃO INTELECTUAL	45
2.2 A LUTA DE UMA GERAÇÃO	52
2.3 PERDERAM BATALHAS, E NÃO A GUERRA	57
3 DO CONSULTÓRIO À SALA DE AULA: CAMINHOS PARA A DOCÊNCIA ...	62
3.1 COMO TUDO COMEÇOU.....	63
3.2 A DOCÊNCIA SUPERIOR E A ODONTOLOGIA.....	86
3.2.1 A Odontologia, a docência ou a política?.....	94
3.2.2 As Forças Armadas na vida dos dentistas professores	98
4 DENTISTAS PROFESSORES E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA FORMAÇÃO DE NOVOS PROFISSIONAIS DA ODONTOLOGIA.....	109
4.1 O PRIMEIRO CONCURSO PARA PROFESSORES DENTISTAS NA UFS.....	110
4.2 ASSUMINDO A SALA DE AULA	116
5 UMA NOVA GERAÇÃO: DE DENTISTAS A PROFESSORES.....	124
5.1 A MAIS NOVA DOS MAIS VELHOS E A MAIS VELHA DOS MAIS NOVOS	125
5.2 UMA SUCESSÃO GERACIONAL.....	127
5.3 UMA ANÁLISE GERACIONAL	135
6 DAS HONRARIAS AOS MÉRITOS.....	140
6.1 FLORES EM VIDA.....	143
7 CAMINHOS SE ABREM PARA NOVAS PERSPECTIVAS: CONSIDERAÇÕES	147
REFERÊNCIAS.....	151
ANEXOS.....	161

1 MIRANDO, ANDANDO E SEGUINDO: PROÊMIO DE UMA TRAJETÓRIA

A cidade que acordava às cinco horas da manhã com a corneta do Quartel da Polícia Militar anunciando uma nova aurora, ao tempo que leiteiros e entregadores das padarias deixavam seus produtos nas janelas dos fregueses, descrita por Murillo Melins (2000), ensina a compreender a Aracaju dos anos 40¹, do século passado, quando os dentistas² aqui estudados começaram a deixar a capital sergipana, migrando temporariamente para outros centros urbanos, em busca de uma formação superior. Mas o cenário da cidade passou por diversas mudanças no decorrer do século XX, e Chaves (2004) leva a imaginar como seria interessante pegar o Bonde Circular, ou linha 5, partindo da Rua Itaporanga, passando pela Avenida Pedro Calazans, Praça da Bandeira, seguindo pela Avenida Barão de Maruim, retornado pela Rua Arauá até o Parque Teófilo Dantas. Esse passeio permitia mergulhar os olhos na arquitetura das fachadas dos casebres e casarões que compunham a paisagem urbana da capital. Aracaju, aos olhos de Melins (2000), era uma capital com o sossego de cidade interiorana e com ares de cidade em pleno desenvolvimento. O plano urbano possuía grande quantidade de cinemas (Guarany, Rio Branco, Vitória, Rex, São Francisco, Tupy e Operário), clubes, bares, cafés e cassinos, não faltavam na capital sergipana locais para diversão e pontos para encontros de amigos.

Durante um desses encontros no Ponto Chic³, considerado por Melins (2015) o preferido pela elite aracajuana, frequentado por políticos, intelectuais, músicos, artistas, boêmios, entre outros tipos, nasceu a ideia de fortalecer o *ceto* odontológico sergipano. Compreendemos *ceto* por um termo de origem italiana utilizado por Baiardi (1996, p. 13-85) para definir um grupo de pessoas identificadas por um complexo de traços sociais e interesses comuns.

¹ Foi a partir da década de 1940 que os dentistas, objeto desta pesquisa, começaram a deixar o Estado de Sergipe em busca da formação superior; esse fato nos trouxe a necessidade de buscar compreender o cenário urbano de Aracaju naquela época. Sem contar que até aquele período o Estado não apresentava muitas possibilidades de qualificação a nível superior, somente o Seminário Sagrado Coração de Jesus oferecia cursos superiores (Filosofia e Teologia). Mesmo com a tentativa de Graccho Cardoso de criar as Faculdades de Direito e Farmácia e Odontologia (que não prosperaram), o cenário sergipano, no que se refere à educação superior, ficou basicamente sem muita mudança entre os anos de 1913 e 1948 (com a criação da Faculdade de Economia), e a saída de jovens sergipanos para outros Estados em busca de formação superior era inevitável (grifo nosso).

² Essa categoria profissional possui outras denominações: cirurgião-dentista, odontólogo ou ainda odontologista, essa última pouco utilizada no presente, mas durante a escrita desta tese todas elas poderão aparecer.

³ O café, que funcionou durante muitas décadas no cruzamento entre as Ruas João Pessoa e Laranjeiras, foi testemunha de muitos dos casos e acontecimentos que ficaram na memória de muitos aracajuanos. O colunista do *Jornal Correio de Aracaju*, Freire Ribeiro, em 29 de março de 1961, após o anúncio do fechamento do café, escreveu que o Ponto Chic era o espelho, o coração, a língua e o olho da cidade, o jornal vivo de Aracaju.

Por muito tempo, a única entidade ligada à categoria era a Sociedade Odontológica de Sergipe, criada em 1928, que tinha caráter filantrópico e era de pouca representatividade no final dos anos de 1940. A ideia desse agrupamento de dentistas que se reunia no Ponto Chic era a criação de uma associação sindical (Associação Profissional dos Cirurgiões-Dentistas de Sergipe – APCD/SE) para que ela pudesse entrar na Federação Nacional dos Odontologistas (FNO), entidade criada em 1948 por iniciativa dos sindicatos do Ceará, de Recife, da Bahia, do Paraná, de Juiz de Fora, de Niterói, de Minas Gerais e do Rio de Janeiro (FNO, 2020), mas, por motivos que desconhecemos, a ação não deu certo, ficando registrada apenas em algumas páginas do Livro Ata da Sociedade Odontológica de Sergipe (SOSE).

Até a década de 1970 a maioria dos profissionais que realizavam serviços odontológicos em Sergipe não tinha a devida formação profissional. Essa foi uma das principais preocupações da categoria odontológica durante vários anos, o que veio a culminar na criação de algumas entidades com o intento de consolidar o *ceto* odontológico, mas essa situação começou a mudar com a criação do curso de Odontologia em 1970 na Universidade Federal de Sergipe, instituição que já estava funcionando no Estado desde 1968. O desejo de criação do referido curso vinha se estendendo desde 1926 com muitos conflitos, mas se consolidou devido ao engajamento de um grupo.

Este estudo tem como objeto os professores dentistas do curso de Odontologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS), especificamente aqueles lotados no Departamento de Odontologia entre os anos de 1972 e 1979. Trata-se de uma pesquisa histórica que está baseada em trabalhos bibliográficos, documentos e na memória coletiva, sendo utilizados como forma de abordagem os pressupostos da História Cultural, Social e Oral. Decidimos abordar esse objeto devido ao fato de que, durante a nossa pesquisa no mestrado, percebemos o quão importante foi o trabalho dos primeiros dentistas que fizeram parte do corpo docente do curso de Odontologia da recém-criada Universidade Federal de Sergipe⁴, ressaltando que os primeiros professores dentistas do referido curso foram atores importantes na luta para que a Faculdade de Odontologia pudesse ser criada.

A dissertação produzida no mestrado teve como objetivo analisar a história da formação do campo e a criação dos cursos de Odontologia de Sergipe no período de 1925 a 1975. O texto aborda a criação de algumas entidades representantes da categoria odontológica que foram de extrema importância para a estruturação do campo e para o nascimento do curso de

⁴ A UFS é advinda da unificação das Escolas e dos Institutos Superiores que existiam em Sergipe até o ano de 1968. Cf. Souza (2015).

Odontologia, curso esse que encontrou a força necessária para ser criado a partir da Universidade Federal de Sergipe, mas intrigas dentro do campo dificultaram a inclusão do curso na nova Universidade. Somente em 1970 o curso foi criado, em 1973 a primeira turma se formou, e em 1975 o curso foi reconhecido pelo Ministério da Educação. A necessidade de criar um curso de Odontologia em Sergipe se deu como uma necessidade social de fortalecimento do campo odontológico, que buscava erradicar a atividade dos dentistas práticos. Agora tentamos dar continuidade a esse estudo não mais mirando as instituições, mas os agentes, ou intelectuais, que as compuseram.

1.1 OS ESPELHOS EM QUE NOS MIRAMOS

A história dos intelectuais tornou-se, de acordo com Sirinelli (2003), um campo autônomo da história que, longe de se fechar sobre si mesmo, é um campo aberto centrado no cruzamento das histórias política, social e cultural. Para o estudioso, a história social dos intelectuais exige a análise sistemática de elementos dispersos, com finalidades prosopográficas.

Assim, procurando compreender a história dos intelectuais e suas trajetórias, pesquisando no Banco Digital de Teses e Dissertações da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), buscamos pelas palavras-chave “Trajetória” e “Intellectual” e encontramos um número interessante de trabalhos defendidos entre os anos de 2017 e 2021, sendo 160 dissertações e 124 teses. Já no Banco Digital de Teses e Dissertações da UFS, encontramos, no mesmo período de 2017 a 2021, 23 monografias, 171 dissertações e 33 teses. No Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da UFS, ao procurarmos pelos termos “Trajetória” e “Intellectual”, encontramos um total de 29 produções, desde 1998 até 2021 (dispostas no quadro 01), sendo 9 teses e 20 dissertações (1 dissertação e 5 teses no ultimo quinquênio) que tratam acerca de trajetórias, definidas por Bourdieu (2008, p. 189) como “uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou mesmo grupo) em um espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações”.

Quadro 01: Lista de teses e dissertações defendidas no PPGED sobre biografia e trajetória

Ano	Título	Pesquisador(a)	Orientador(a)
1998	Em Busca da Democracia: a trajetória de Nunes Mendonça	Josefa Eliana Souza	Prof. Dr. Jorge Carvalho do Nascimento
2002	Manoel Bomfim na História da Psicologia Educacional	Sônia Cristina Pimentel de Santana	Prof ^a . Dr ^a . Marta Vieira Cruz
2004	Brício Cardoso no Cenário das Humanidades do Atheneu Sergipense (1870-1874)	Christianne de Menezes Gally	Prof. Dr. Jorge Carvalho do Nascimento
2005	Saberes, virtudes e sofrimentos: formação, atuação e ensinamentos de Dom Quirino de Souza (1813-1863)	Dionísio de Almeida Neto	Prof. Dr. Jorge Carvalho do Nascimento
2006	O Celibato Pedagógico Feminino em Sergipe nas Três Primeiras Décadas do Século XX: uma análise a partir da trajetória de Leonor Telles de Menezes	Nivalda Menezes Santos	Prof ^a . Dr ^a . Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas
2006	Civilizar, Regenerar e Higienizar. A difusão dos ideais da Pedagogia Moderna por Helvécio de Andrade (1911-1935)	Cristina de Almeida Valença	Prof. Dr. Miguel André Berger
2006	A Trajetória de Alfredo Montes (1848-1906): representações da configuração do trabalho docente no ensino secundário em Sergipe	Simone Silveira de Amorim	Prof ^a . Dr ^a . Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas
2008	Da Medicina ao magistério: Aspectos da trajetória de João Cardoso do Nascimento Junior	Jussara Maria Viana Silveira	Prof. Dr. Jorge Carvalho do Nascimento
2008	República, Política e Direito: representações do trabalho docente e a trajetória de Carvalho Neto (1918-1921)	Maria do Socorro Lima	Prof ^a . Dr ^a . Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas
2009	Contribuições de Dom Luciano José Cabral Duarte ao ensino superior sergipano (1950-1968)	Fernanda Maria Vieira de Lima	Prof ^a . Dr ^a . Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas
2009	Leyda Régis: reminiscências de formação intelectual e atuação profissional em Sergipe	Marilene Lopes Almeida	Prof ^a . Dr ^a . Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas
2011	Espaços construídos, posições ocupadas: história docente de José Calasans Brandão da Silva em Sergipe	Silvânia Santana Costa	Prof ^a . Dr ^a . Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas
2013	Elite letrada e ofício docente em Sergipe no século XIX	Fábio Alves dos Santos	Prof ^a . Dr ^a . Eva Maria Siqueira Alves
2014	Trajetória de Núbia Nascimento Marques: contribuições para a educação em Sergipe	Elaine Aires Melnikoff	Prof. Dr. Jorge Carvalho do Nascimento

2014	Felte Bezerra (1933-1958) – um quartel de atividades lútero-científicas	Anna Karla Melo e Silva	Prof ^a . Dr ^a . Josefa Eliana Souza
2014	Monsenhor Soares e a Educação em Propriá (1949-1960)	Simone Silvestre Santos	Prof ^a . Dr ^a . Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas
2015	Caminhos cruzados: itinerários de pioneiros professores do ensino superior em Sergipe (1915-1954)	João Paulo Gama de Oliveira	Prof ^a . Dr ^a . Eva Maria Siqueira Alves
2015	José Aloísio de Campos: trajetória e representações sobre o seu reitorado na Universidade Federal de Sergipe (1976-1980)	Patrícia Francisca Matos Santos	Prof. Dr. Itamar Freitas de Oliveira
2016	Flagrando a vida: trajetória de Lígia Pina – professora, literata e acadêmica (1925-2014)	José Genivaldo Mártires	Prof. Dr. Joaquim Tavares da Conceição
2016	Propostas de educação na produção intelectual de Carvalho Neto (1926-1948): formação e ética do advogado, educação prisional, exercício do magistério e educação para o trabalho	Maria do Socorro Lima	Prof ^a . Dr ^a . Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas
2016	Entre fatos e relatos: as trajetórias de Carmelita Pinto Fontes e Rosália Bispo dos Santos na educação sergipana (1960-1991)	Ane Rose de Jesus Santos Maciel	Prof ^a . Dr ^a . Josefa Eliana Souza
2016	Nazaré Carvalho e a circulação de práticas educativas na TV sergipana (1971-1979)	Risia Rodrigues Silva Monteiro	Prof. Dr. Joaquim Tavares da Conceição
2016	Carvalho Déda e o jornal a semana: visibilidade da educação (1946-1969)	Vania Batista de Souza	Prof ^a . Dr ^a . Maria Neide Sobral
2017	Mestra na essência da palavra: trajetória docente de Ofenísia Soares Freire (1941-1966)	Renilfran Cardoso de Souza	Prof. Dr. Joaquim Tavares da Conceição
2018	O gênero biográfico no ensino das artes visuais: a vida e a pintura de José de Dome (1955-1981)	Luiz Fernando Cajueiro dos Santos	Prof ^a . Dr ^a . Josefa Eliana Souza
2018	Médicos por formação, docentes em ação: o consórcio do ofício de médico com o magistério (1966-1973)	Patrícia de Sousa Nunes Silva	Prof ^a . Dr ^a . Josefa Eliana Souza
2019	Manoel Bomfim e a educação: interfaces discursivas entre a pedagogia e a psicologia	Fátima Bezerra Negromonte	Prof ^a . Dr ^a . Maria Neide Sobral
2019	Mercedes Dantas e os discursos sobre a viagem pedagógica aos estados do Norte/Brasil (1930)	Rosimeire dos Santos Amaral	Prof ^a . Dr ^a . Maria Neide Sobral

2020	Do capelo ao fardão: a inserção de professoras na Academia Sergipana de Letras no século XX	José Genivaldo Mártires	Prof. Dr. Joaquim Tavares da Conceição
------	---	-------------------------	--

Fonte: Repositório Institucional da UFS (quadro organizado pelo autor).

Já no Programa de Pós-Graduação em História, também na UFS, buscando ainda pelos termos “trajetória” e “intelectual”, encontramos entre os trabalhos defendidos nos últimos cinco anos (2017-2021) o estudo de Eduardo Augusto Santos Silva (2017), em sua dissertação *Luciano José Cabral Duarte e as ressonâncias do Concílio Vaticano II, em Sergipe (1962-1971)*, na qual o autor analisa a atuação de D. Luciano na cobertura do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965) como repórter da revista de circulação nacional *O Cruzeiro* e do jornal aracajuano *A Cruzada*.

Silvaney Silva Santos (2018), em sua dissertação *José Augusto Garcez, uma trajetória no campo intelectual sergipano (1938-1972)*, busca reconstruir a trajetória do intelectual José Augusto Garcez (1938-1972), agente cultural sergipano, responsável pela edição e publicação de diversos autores locais através do Movimento Cultural de Sergipe, ideia criada pelo sergipano em 1953.

Ernania Santana Santos (2018), em sua dissertação com o título *Uriel da Costa: a trajetória intelectual de um judeu suicida em Amsterdam, no século XVII*, trata da trajetória da vida intelectual de um cristão-novo, centrada a partir das cidades do Porto, onde nasceu, de Amsterdam, para onde expatriou, e Hamburgo, onde morou por alguns anos; observando até que ponto as influências nesses lugares por onde esteve foram imprescindíveis para a sua alternância de pensamento até o término de sua vida.

Ivoneide Santos (2019), em sua dissertação intitulada *Da terra para as águas: trajetória de José Augusto dos Santos – (1929-2006)*, busca escrever sobre a história de um personagem excluído, com pouca leitura, negro, descendente de pai negro, mãe branca, natural de Sergipe e pertencente ao candomblé. Sua pesquisa objetiva construir a biografia desse homem por nome José Augusto dos Santos (1929-2006) à luz do gênero biográfico.

Nelson Santana Santos (2019), em sua dissertação *Entre consciências vigiadas e identidades híbridas: a trajetória de Antônio Henriques e os percursos culturais e identitários dos cristãos-novos face à atuação da inquisição portuguesa no âmbito da diáspora atlântica sefardita (1603-1662)*, busca investigar os possíveis conflitos identitários vivenciados pelos cristãos-novos presos (e processados) pela Inquisição portuguesa, residentes na Capitania de Pernambuco, nesse período imediatamente posterior ao final do domínio holandês. O autor optou por estudar a trajetória de Antônio Henriques, aliás, Isaac Cohen Henriques, o único

cristão-novo preso pela Inquisição portuguesa no período pós-holandês pela prática pública do judaísmo durante o domínio neerlandês sobre o Brasil.

Já no Programa de Pós-Graduação em Sociologia, ainda na UFS, encontramos entre os trabalhos defendidos nos últimos cinco anos (2017-2021) duas dissertações que tratam de trajetória e intelectual, sendo uma a de Ivan Paulo Silveira Santos (2017), no trabalho intitulado *Manoel Bomfim: trajetória, suas críticas e concepções sobre Brasil como nação*, em que analisa a trajetória e o pensamento do intelectual sobre a formação da nação brasileira. Assim, esse estudo é conduzido através de três perspectivas de análise: a trajetória da família e do autor, a formação acadêmica e sua constituição enquanto intelectual e a reflexão sobre a obra *A América Latina: males de origem*.

Por sua vez, Igor da Silva Salmeron (2017), em seu trabalho *Os médicos e seus espaços de atuação: das ressonâncias entre medicina e representatividade profissional em Aracaju*, busca analisar os médicos e os seus espaços de representação profissional, em específico, analisar quais as formas de participação em instâncias de atuação profissional dos médicos em Aracaju. O objeto central do trabalho são os médicos que ocupam ou ocuparam cargos de presidência nessas entidades, estudando acerca das suas carreiras e trajetórias biográficas, assim como seus percursos profissionais. Procura se atentar às entidades de representação profissional da classe médica aracajuana, as quais focalizou na Sociedade Médica de Sergipe (SOMESE), no Sindicato dos Médicos do Estado de Sergipe (SINDIMED/SE), na Academia Sergipana de Medicina (ASM/SE) e no Conselho Regional de Medicina de Sergipe (CREMESE).

O que essas pesquisas têm em comum com esta que produzimos é que todas elas abordam trajetórias intelectuais, a grande maioria das que foram produzidas no PPGED aborda trajetórias de intelectuais docentes, e os trabalhos de Mártires (2020), Silva (2018), Santos (2015), Oliveira (2015) e Silveira (2008) trazem a trajetória de intelectuais que atuaram na docência superior. Embora em campos diferentes do que tratamos nesta tese, todas essas pesquisas trazem contribuições importantes para a história da educação sergipana e nos auxiliaram a compreender o trabalho docente.

Ainda num contexto local, encontramos, no Repositório Institucional da Universidade Tiradentes, 46 trabalhos (entre teses, dissertações e artigos) que possuem os termos “trajetória” e “intelectual” como palavras-chave. Em relação a publicações em periódicos num âmbito global, encontramos 18.600 registros no Google Acadêmico entre 2017 e 2021, que se referem a “trajetória” e “intelectual” em língua portuguesa, 37.800 em língua inglesa, e 14.900 em língua francesa.

Em relação a livros e e-books que tratam de trajetória intelectual, pesquisamos em livrarias digitais, sebos e bibliotecas e encontramos algo em torno de 736 obras, mas destacamos *Destinos Mistos: os críticos do Grupo Clima em São Paulo 1940-1968*, de Heloisa Pontes (1998), na qual a autora trata de um grupo de intelectuais reunidos em torno da revista *Clima*, que acabou por ser reconhecida como herdeira do modernismo brasileiro. Em sua escrita, a autora demonstra como as afinidades entre eles – origens, leituras, lazer e projeto intelectual – ajudou a moldar uma contribuição inestimável para o campo intelectual no Brasil. É no sentido de cruzamento de trajetórias de vida que esse livro se aproxima do nosso estudo, o que os diferencia é o campo abordado.

Também nos chamou atenção o livro *Intelectuais da educação e Cultura Escolar*, organizado por Josefa Eliana Souza, Joaquim Tavares da Conceição e Ana Maria G. Bueno de Freitas (2017). O livro traz algumas trajetórias de intelectuais da educação brasileira, trabalho esse que nos auxilia a compreender a atuação intelectual de professores, e é esse fato que o aproxima do nosso estudo.

No contexto sergipano, encontramos alguns trabalhos bastante consultados quando se refere a pesquisas sobre trajetória intelectual, a saber, o *Dicionário Biográfico Sergipano*, de Armindo Guaraná (1925), *Memória de Políticos Sergipanos*, de Osmário Santos (2002), *Personalidades Sergipanas*, de Luiz Antônio Barreto (2007), o *Dicionário Biográfico dos Médicos Sergipanos*, de Antônio Samarone Santana, Lúcio Antônio Prado Dias e Petrônio Andrade Gomes (2009), e um livro mais recente, intitulado *Educadores de Sergipe à Luz da República, 1911-1971: (re)Construindo Trajetórias*, de autoria de Jouberto Uchôa de Mendonça e Maria Lúcia Marques Cruz e Silva (2017). Esses livros citados, do contexto sergipano, apresentam perfis biográficos de personalidades sergipanas em diversos campos, trazendo um resumo da vida de alguns intelectuais sergipanos; embora tratemos de trajetórias, esses livros nos auxiliam a compreender a vida dos intelectuais do nosso Estado.

Até o momento não identificamos estudos sobre trajetória intelectual de professores no campo odontológico brasileiro, tampouco no sergipano. Afirmamos isso com base nas pesquisas realizadas em bancos de dados (CAPES, BDTD, Domínio Público, Repositório Institucional da UFS e Google), bibliotecas e livrarias digitais e físicas, sebos, acervos e arquivos públicos e particulares (procuramos pelos termos “trajetória intelectual dentista”, “trajetória dentista” e “biografia dentista”). Entretanto, localizamos dois livros que trazem algumas biografias de dentistas: o primeiro, intitulado *História de Pioneiros: Odontologia em Mato Grosso do Sul*, de autoria de Edna Kohatsu e Nildes Prieto (2008), no qual as autoras abordam a história da Odontologia no Estado ao mesmo tempo que biografam alguns

personagens (dentistas diplomados e práticos) que auxiliaram na formação do campo da Odontologia sul-mato-grossense; já no livro *História da Odontologia no Brasil*, de Ernesto Salles Cunha (1963), identificamos algumas biografias de professores dos cursos de Odontologia do Rio de Janeiro e da Bahia.

O campo de pesquisa sobre trajetória intelectual é muito estudado e possui uma grande quantidade de publicações. Aqui destacamos apenas aqueles que localizamos e que mais podem ajudar-nos a compor as trajetórias dos primeiros dentistas docentes da UFS e dos primeiros alunos do curso de Odontologia da referida instituição que vieram a se tornar docentes nela.

Esta tese objetiva analisar as trajetórias de duas gerações de professores dentistas do Departamento de Odontologia da Universidade Federal de Sergipe (DOD/UFS) que atuaram entre os anos de 1972 e 1979. Como objetivos específicos, buscamos identificar dados biográficos dos professores dentistas do DOD/UFS e de professores egressos do departamento de odontologia da UFS, de modo a compor suas trajetórias acadêmica e profissional; analisar a contribuição dos referidos docentes dentistas para o campo educacional; identificar o que motivou o ingresso desses profissionais da saúde, professores do DOD/UFS, no campo educacional; inferir as disputas que ocorreram entre os docentes do DOD/UFS no campo da Odontologia.

O recorte temporal de 1972 a 1979 justifica-se porque foi no ano de 1972 que teve início o ciclo profissional⁵ do curso de Odontologia da UFS, embora o curso tenha sido criado em 1970; apenas a partir de 1972 os dentistas foram admitidos para ministrar disciplinas exclusivas do curso, e fechamos esse recorte no ano de 1979, ano em que a UFS passou por uma reestruturação curricular, sendo necessária a realização de concurso para novos professores para o curso de Odontologia. O curso básico era integrado ao curso de Medicina, tendo como professores os médicos daquele curso. Também ocorreu no referido ano a publicação da Resolução 22/79/CONEPE, que implementava a Departamentalização e a utilização do Sistema de Créditos pela UFS para o ano de 1980.

No ritmo do desencadeamento do objetivo desta tese, algumas questões foram formuladas: quem foram os dentistas e os egressos do DOD/UFS que conciliaram a atividade odontológica com o magistério? Por que decidiram ingressar no magistério? Qual a contribuição desses dentistas no campo do ensino em Odontologia? Como ocorreram as

⁵ A grande maioria dos cursos na área da Saúde é dividida em dois ciclos: o ciclo básico, em que os alunos têm aulas teóricas e práticas de disciplinas comuns a vários cursos na área (como a Medicina, a Odontologia, a Enfermagem etc.), e o ciclo profissional, no qual os alunos iniciam as aulas mescladas entre teoria e prática, ou somente prática, com disciplinas específicas do seu curso (grifo nosso).

disputas para que conseguissem adentrar o ensino de Odontologia na Universidade Federal de Sergipe? Ao pensar nessas questões, nos reportamos a Sanchez Gamboa (2017, p. 138) quando escreve:

As perguntas surgem da “problematização” do mundo da necessidade. A necessidade é transformada em “problema”. A essência de um problema é a necessidade, nas suas condições concretas. O domínio do racional das necessidades e dos problemas exige sua transformação em perguntas. O problema ganha possibilidade de superação, quando racionalizado e traduzido em indagações, em questões e em perguntas.

Diante das análises feitas durante o mestrado, nos surgiu a seguinte inquietação: como esses dentistas ingressaram no campo educacional e com qual interesse? Acerca dessa questão, surgiram algumas hipóteses, e, comungando com Azanha (1992), pensamos que o êxito na investigação científica, no que ela tem de mais relevante, que a criação de novas hipóteses, teorias e/ou conceitos, é refratário a qualquer regulação garantidora de resultados; sendo assim, podemos entender que qualquer conjunto de dados é compatível com uma pluralidade de hipóteses e não apenas com aquelas que estão à nossa disposição.

Desse modo, pensamos que a tese que responde a inquietação aqui proposta é a de que eles ingressaram no campo educacional devido ao fato de serem os mais capacitados para tal, alguns deles já tinham a docência em Odontologia como um objetivo de vida, e o interesse no campo do ensino se deu como uma forma de visibilidade social que o cargo (função) poderia proporcionar.

1.2 ELES NOS DERAM A DIREÇÃO

Definir a História Cultural, conforme Burke (2008), não é algo simples, visto que ela se apresenta como uma questão multi e interdisciplinar, não sendo, portanto, monopólio do historiador. Sendo assim, ela começa em diferentes lugares, diferentes departamentos do meio acadêmico, e ainda pode ser estudada fora dos muros das universidades. O autor ainda afirma que, desde a primeira vez que a pergunta “o que é História Cultural?” foi feita publicamente por um estudioso alemão em 1897, ela não tem uma resposta definitiva.

Pensando a História Cultural como campo historiográfico atravessado pela noção de cultura, é necessário que se compreenda bem o que vem a ser cultura ou qual conceito de cultura

se pretende estudar, uma vez que ela pode apresentar inúmeras definições. Frago (1995, p. 64)⁶ se refere a essa História Cultural aqui abordada como Nova História Cultural e a trata da seguinte forma:

[...] esta nova história cultural abarcaria a história da cultura material e a do mundo das emoções, dos sentimentos e do imaginário, assim como a das representações e das imagens mentais, a da cultura da elite ou dos grandes pensadores — história intelectual em sentido estrito — e a da cultura popular, a da mente humana como um produto sócio-histórico — no sentido vigostkyano — e a dos sistemas de significados compartilhados — no sentido geertziano — ou outros objetos culturais produto dessa mesmo pensamento, e entre eles, claro, a linguagem e as formações discursivas que criam sujeitos e realidades sociais. Tudo isso, aliás, não a partir de uma perspectiva fragmentada, mas sim conectada e integrada (tradução nossa).

Embora essa definição de História Cultural apresentada por Frago (1995) consiga dar conta de alguns campos caros ao estudo da História, não é um entendimento unânime, há quem diga que seja apenas mais um nome que vem substituir a já gasta e nem sempre bem definida história das mentalidades. A dificuldade em se traçar uma fronteira precisa entre a história cultural e as demais histórias (das ideias, das artes, da educação etc.), segundo Chartier (2009), deve-se ao fato de haver múltiplas concepções sobre cultura. Para Chartier (2009), o termo cultura pode se distribuir entre duas famílias de significados: uma que remete às obras e aos gestos que se submetem a um juízo estético ou intelectual numa dada sociedade e outra que diz respeito às “práticas comuns através das quais uma sociedade ou um indivíduo vivem e refletem sobre sua relação com o mundo, com os outros ou com eles mesmos” (CHARTIER, 2009, p. 34). Ou seja, no sentido estrito, refere-se às ações artísticas e intelectuais, e, no sentido antropológico, designa os costumes de uma sociedade.

Partindo do âmbito da História Cultural e Social, afirmando que elas são inseparáveis, Frago (1995) parafraseia Schoenwald (1992), concordando que a história social é sempre história cultural e que a História Cultural é História Social, e, em síntese, ambas são história. Barros (2005) segue um outro caminho ao afirmar que a História Social é um ramo da História que se interessa pelas ‘dimensões sociais’ de uma sociedade, pelos processos humanos (a

⁶ [...] esta nueva historia cultural abarcaría la historia de la cultura material y la del mundo de las emociones, los sentimientos y lo imaginario, así como el de las representaciones e imágenes mentales, la de la cultura de la élite o de los grandes pensadores — historia intelectual en sentido estricto — y la de la cultura popular, la de la mente humana como producto sociohistórico — en el sentido vigostkyano — y la de los sistemas de significados compartidos — en el sentido geertziano — u otros objetos culturales producto de esa misma mente, y entre ellos, cómo no, el lenguaje y las formaciones discursivas creadoras de sujetos y realidades sociales. Todo ello, además, no desde una perspectiva fragmentada sino conectada e integrada.

exemplo da industrialização, da modernidade, da colonização, entre outros, inclusive as revoluções) e não apenas pelos modos de organização e estruturas, pois, caso assim fosse, ela correria o risco de ser vista como uma História estética, e não dinâmica como ela é. Para o autor, quando um estudioso da História se interessa por pesquisar um grupo humano específico dentro de uma sociedade, ou até mesmo suas relações conflituosas e interativas, seu interesse poderá se voltar tanto para a elaboração de uma imagem sintetizada desse grupo social e de suas relações, como para a incidência de questões transversais nesse grupo.

E, ao pensar nesses agrupamentos humanos, os estudos de Bourdieu (2002) ajudaram a analisar e compreender, através do conceito de Campo, de que forma uma categoria profissional, neste caso a odontológica, se constituiu na sociedade sergipana levando-se em consideração as relações de forças medidas entre aqueles atores sociais os quais disputavam o campo. Para Bourdieu (2002), o campo é um espaço parcialmente autônomo que possui história e práticas específicas; é caracterizado por um espaço de possibilidades que tende a orientar a busca dos agentes, definindo um universo de problemas, de referências, de marcas intelectuais – todo um sistema de coordenadas relacionadas entre si. O campo é estruturado pelas relações concretas entre as funções ocupadas pelos agentes e instituições, que estabelecem o modo como as interações ocorrem; sendo assim, o campo é configurado pelas posições, pelas disputas e pelos interesses.

Para problematizar a trajetória dos sujeitos desta pesquisa não como agentes inertes situados em um tempo e um espaço e movidos pelas circunstâncias de sua época, mas seres com vontades, medos e expectativas que, diante de escolhas efetuadas ao longo de diferentes momentos de suas vidas, construíram paulatinamente uma história dentro de uma série de outras opções, ou não, que se apresentavam em certos momentos, vamos nos apoiar nos escritos de Bourdieu (2002;2006;2021), uma vez que ele nos oferece uma análise e interpretação interessantes sobre trajetória. Para o sociólogo francês, podemos entender trajetória como uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente, ou grupo, num determinado espaço onde ele é o responsável pelas transformações, estando o agente também sujeito a transformações constantes (BOURDIEU, 2006).

Esse autor complementa afirmando que não é possível compreender uma trajetória sem que se tenha construído antecipadamente os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço. O conceito de Trajetória será utilizado para fundamentar este estudo, uma vez que buscamos analisar parte da vida dos professores, mirando nossas lentes principalmente para as vidas acadêmicas e

profissionais, e esse conceito é evocado para discutir as ações e os caminhos trilhados por aqueles intelectuais.

Buscamos apresentar também as “estruturas de sociabilidade” da qual fizeram parte os docentes aqui tratados e a forma como essa rede era ativada diante de determinados interesses. De acordo com Sirinelli (2003, p. 248), “toda sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver, são estruturas de sociabilidades difíceis de apreender, mas que o historiador não pode ignorar ou subestimar”.

À luz de Sirinelli (1998), buscaremos investigar as primeiras experiências e as circunstâncias em que esses intelectuais viveram. Tratando dos passos iniciais na vida familiar do grupo de professores/dentistas estudado, assim investigamos quem foram esses docentes, onde nasceram e a origem familiar, “microclima” que caracteriza um microcosmo intelectual particular. Ao que o autor denomina de “microclima”, este era configurado no “microcosmo” das instituições culturais que eram frequentadas pelos intelectuais, no caso deste estudo, a Sociedade Odontológica de Sergipe, as Faculdades que os formaram e a Universidade Federal de Sergipe posteriormente, entre outros.

Buscando compreender o que seria um intelectual, Magalhães e Barreto (2016) afirmam que seria possível recorrer a Platão, Aristóteles, Immanuel Kant, Julien Benda, Max Weber, Norberto Bobbio, Jean François Sirinelli, entre tantos outros que teorizaram acerca do referido tema, e se questionam: qual destas acepções define o intelectual: sábio, erudito, literato, filósofo, rei, imperador, padre, diplomata, cientista, historiador, jurista, sociólogo, professor, jornalista? Sirinelli (2003) traz um relato em seu escrito em que também se questionou: “Um professor primário é um ‘intelectual’? E um oficial? A partir de que posto? E um padre? E alguém que vive de renda? Enfim, para aquela ocasião a resposta dada foi que, ser intelectual ‘é uma questão de qualidade humana’” (SIRINELLI, 2003, p. 241).

O autor não esclarece qual seria essa qualidade humana, porém apresenta a sua concepção de intelectual por meio de duas definições: “uma ampla e sociocultural, englobando os criadores e mediadores culturais” (SIRINELLI, 2003, p. 242), e a outra “mais estreita, baseada na noção de engajamento na vida da cidade como ator” (SIRINELLI, 2003, p. 243). Na primeira definição, estão abrangidos o jornalista, o escritor, o professor secundário, o erudito, bem como os criadores e mediadores em potencial, como, por exemplo, os estudantes. Já na segunda definição estaria localizado um grupo mais específico, no qual os indivíduos exercem uma atividade de maior influência no cenário público, ao defenderem um ponto de vista ideológico ou uma causa de impacto social, como, por exemplo, a assinatura de

manifestos, testemunha ou consciência de fatos. Quando abordarmos a vida dos intelectuais, usaremos duas classificações de intelectual: o engajado e o despertador.

Baseados em Sirinelli (2003), buscaremos compreender o “intelectual engajado” a partir de seu envolvimento no campo político, no campo social e no campo cultural, ou seja, no campo da produção do conhecimento, inseparavelmente, e o “intelectual despertador”, com base na sua influência cultural e mesmo, às vezes, política. Esse intelectual despertador pode abrigar dentro de si as influências de um outro que marcou uma geração anterior, tornando mais compreensíveis os percursos dos intelectuais.

Entendendo que esses percursos feitos pelos intelectuais não são um mar em calma, Collins (1998) afirma que a vida intelectual é, antes de tudo, conflito e discordância. Porém, isso não significa que não haja algum tipo de acordo. O conflito intelectual é sempre limitado pelo foco em certos tópicos e pela busca de aliados. Sendo ele a fonte de energia da vida, é limitado por si só. Ainda segundo o autor, a vida intelectual acontece em uma série de níveis incorporados, começa no centro com um ser carregado de emoções e consciência, rodeado por uma rede intelectual e sua dinâmica, sobre a qual há oportunidades de mercado para ideias que se abrem em momentos específicos.

A situação é competitiva, e aqueles que têm as primeiras chances conseguem uma grande vantagem na eminência criativa; outros são constrangidos a se tornarem seguidores ou rivais adotando o rumo oposto aos já adotados pelos líderes. Alguns que chegam tarde demais permanecem desafiados que são esmagados pela estrutura. E essa competitividade pode ser observada principalmente quando abordamos a formação do campo intelectual que era composto pelos primeiros professores dentistas do Departamento de Odontologia da Universidade Federal de Sergipe, a criação do curso de Odontologia, conforme descreve Jesus (2018) na sua dissertação, traz mais a fundo essa competição que existiu no campo da Odontologia.

O universo que buscamos trabalhar é composto por duas gerações de professores que tiveram suas formações acadêmicas em épocas distintas. A primeira geração é composta por professores formados entre as décadas de 1940 e 1960, e a segunda é formada na década de 1970, com isso trabalharemos com esses dois grupos de professores. E, para melhor entender o conceito de gerações, vamos nos apoiar nos escritos de Mannheim (1993).

Mannheim (1993) desenvolve o seu conceito de geração destacando que a posição daqueles que nascem em um mesmo tempo cronológico não é definida pela possibilidade de estar presente nos mesmos acontecimentos e vivenciarem semelhantes experiências, mas como esses indivíduos processam esses acontecimentos ou experiências de modo semelhante. O autor

ainda afirma que a duração das gerações é determinada de maneira diferente de acordo com os casos. Alguns definem a duração do efeito de geração em quinze anos (por exemplo, Dromel), mas a maioria dos autores sustenta que dura trinta, com base na seguinte consideração: os primeiros trinta são anos de formação; somente ao atingir essa idade é que o indivíduo adulto começa a ser público, criativo, e, quando chega aos sessenta, o homem deixa a vida.⁷

Os indivíduos que crescem como contemporâneos experimentam influência semelhante da cultura intelectual e da situação político-social que os formam. Eles constituem uma geração, uma contemporaneidade, porque essas influências são homogêneas. Desse modo, ocorre uma mudança, em vez de ser um simples dado cronológico, a contemporaneidade significa, na história do espírito, a existência de influências semelhantes. E é precisamente por essa reversão que a abordagem da questão escapa de um plano pelo qual ela se tornou uma espécie de aritmética mística e passa para o domínio daquela temporalidade interior nua que pode ser apreendida através da compreensão (MANNHEIM, 1993).

Então, Mannheim (1993) analisa o problema das gerações com o objetivo de contribuir para uma sociologia do conhecimento que também é uma sociologia histórica: as ideias de do autor expressam momentos históricos; o conhecimento como um fenômeno histórico deve ser colocado, por um lado, em perspectiva em relação ao estágio evolução em que está, e em seus vínculos com outras áreas da realidade social, por outro.

Assim, pensamos que o conceito de geração, bem como os conceitos de campo, redes de sociabilidade e intelectual, são capazes de nos auxiliar a alcançar os objetivos aqui propostos e a responder as questões e os problemas presentes neste estudo.

⁷ Essa visão de deixar a vida aos 60 anos de idade não é válida para os dias atuais, uma vez que a expectativa de vida em todo o mundo mudou desde o século passado; por exemplo, no Brasil, segundo dados do IBGE (2018), a expectativa de vida chega aos 76,3 anos; já na Europa, de acordo com a Organização Mundial de Saúde (WHO, 2018), a expectativa de vida no continente europeu chegou a 77,9 anos no ano de 2015, chegando a 83,1 em alguns países do continente.

1.3 OS CAMINHOS POR ONDE ANDAMOS

Com a finalidade de identificar os primeiros dentistas/docentes do curso de Odontologia da UFS, bem como os alunos egressos do curso que vieram a se tornar professores no Departamento de Odontologia, fizemos uso dos pressupostos da História Cultural e Social, de modo a elucidar suas contribuições no campo educacional sergipano entre os anos de 1972 e 1979.

Para a realização desta etapa da pesquisa, elencamos todos os professores dentistas do curso de Odontologia dentro do recorte temporal, sendo 15 da primeira geração (os fundadores) e mais 7 dentistas que vieram a compor o corpo docente do curso de Odontologia no decorrer dos anos, mas desses 7, mesmo ministrando aulas no curso, 2 ficaram de fora, uma vez que faziam parte de outros departamentos. São eles: Ronaldo Ribeiro de Oliveira (Departamento de Morfologia) e Marta Ribeiro Piva (Departamento de Patologia). Com isso, organizamos esses professores em dois grupos, como mostra o quadro 02, a seguir.

Quadro 02: Lista de professores

1ª Geração	Ano de ingresso
Afrânio José de Bastos	1972
Carlos José de Magalhães de Melo	1972
Fabiano da Silva Aguiar	1972
Fernando dos Santos Vasconcelos	1972
José Reis da Cunha	1972
Lélio Passos de Guimarães Fortes	1972
Manoel Menezes Passos	1972
Maria Linhares Nou	1972
Armando Rodrigues de Brito	1973
Edildécio Andrade Vieira	1973
Jessé de Oliveira Andrade	1973
João de Andrade Garcez	1973
Manoel Cardoso Barreto	1973
Maria José Moura	1973
Zilnah Pinto Maciel	1973
2ª Geração	Ano de ingresso
Edith Maria Bastos Paixão	1976
Djenal Santana	1979
Maria José Oliveira Santana	1979
Rosa Maria Viana de Bragança Garcez	1979
Tânia Maria Vieira Fortes	1979

Fonte: Jesus, 2018; Paixão, 1999.

O passo seguinte, após identificação dos sujeitos desta pesquisa, foi localizá-los ou encontrar parentes próximos que pudessem auxiliar-nos na composição da trajetória desses professores; assim, buscamos com eles fontes, orais e documentais, para fomentar nossa escrita. Dentre as fontes que podem ser tratadas pela análise da História Cultural, estão aquelas que trazem dentro delas indícios e/ou evidências que remontam às trajetórias de vida, para assim compor um dossiê, um dos objetivos deste trabalho.

Para a construção deste estudo, foram utilizadas as seguintes fontes/indícios⁸: escritos já produzidos sobre a UFS, sobretudo aqueles de autoria dos membros do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre História do Ensino Superior (GREPHES)⁹, além de atas, relatórios administrativos, notícias em jornais, fotografias, boletins e entrevistas. Todas essas fontes foram analisadas e confrontadas, e fizemos isso através do método crítico, que, segundo Prost (2015), consiste em confrontar os dados com tudo aquilo que já se sabe sobre o assunto abordado do lugar e do tempo em questão; para o autor, a crítica se confunde com a história e se afina ao passo que a história se amplia e se aprofunda.

O levantamento desses dados foi realizado em bibliotecas físicas e digitais, no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), no Arquivo Público do Estado de Sergipe (APES), no Arquivo Geral da UFS, no Conselho Regional de Odontologia e em plataformas digitais (a exemplo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional e do IHGSE), além da Plataforma Integrada de Ouvidoria e Acesso à Informação (Fala.BR), de responsabilidade da Controladoria Geral da União. Também tivemos acesso a acervos particulares, como os das famílias dos professores Lélío Fortes, José Reis, Fernando Vasconcelos, Jessé Andrade, Maria Nou e Zilnah Maciel, nos quais encontramos uma diversidade de material que foi de grande importância na escrita deste estudo. Alguns dos documentos encontrados nos acervos e arquivos antes citados podem ser encontrados no quadro 03.

⁸ Burke (2004) sugere a substituição do termo fontes por indícios do passado no presente, pois, para ele, o termo indícios se refere a manuscritos, livros, edificações, móveis, paisagens urbanas ou rurais, além dos diferentes tipos de imagens (fotografias, pinturas, gravuras etc.); dessa forma, as utilizaremos no texto como palavras sinônimas.

⁹ Criado em 2011, o GREPHES já conta com uma quantidade relevante de trabalhos produzidos, dos quais destacamos as dissertações de Maciel (2016), Santana (2016), Silva (2014), Matos (2013), Santos, (2011), Carmo (2011), e as teses de Silva (2018) e Maciel (2020), além das pesquisas para dissertações e teses em andamento, dentre outros trabalhos apresentados em congressos e publicados em revistas.

Quadro 03: Demonstrativo de fontes para a pesquisa, levantadas e copiadas

Tipo de documento	Local
Atas de reunião da Sociedade Odontológica de Sergipe.	Conselho Regional de Odontologia de Sergipe
Atas de reunião do Conselho Regional de Odontologia – Sergipe.	
Lista dos profissionais inscritos no Conselho Regional de Odontologia de Sergipe.	
Manuscritos e registros datilografados do dentista e prof. Lélío Fortes.	Acervo da Família do dentista e Prof. Lélío Fortes
Cartas, telegramas, ofícios, portarias, resoluções, declarações, relatórios, normas direcionados a diversos órgãos.	
Ficha de inscrição de alguns membros da Sociedade Odontológica de Sergipe.	
Fotografias dos primeiros professores e dos primeiros alunos formados na UFS, do curso de Odontologia.	
Currículo vitae, livro de memórias, fotografias, diplomas, condecorações e um atlas de sua autoria.	Acervo da Família do dentista e Prof. José Reis Cunha
Fotografias, medalhas, documentos de identidade, certificados, diplomas, placas de homenagem, santinhos, documentos de quando serviu ao exército, e um Caderno de Assentamentos.	Acervo da Família do dentista e Prof. Jessé de Oliveira Andrade
Documentos de identificação, carteiras de trabalho, fotografias, certificados e diplomas.	Acervo da Família das dentistas e Prof. ^{as} Maria Linhares Nou e Zilnah Pinto Maciel
Fotografias.	Acervo da Família do dentista e Prof. Afrânio Bastos e do Prof. Fabiano Aguiar.
Documentos de identificação, carteiras de trabalho, fotografias, currículo vitae, certificados e diplomas.	Acervo da Família do dentista e Prof. Fernando Vasconcelos
Jornais de Sergipe.	Hemeroteca do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe
Documentos diversos dos professores contratados pela UFS (1973-1978).	Arquivo Central UFS
Documento referente ao reconhecimento do curso de Odontologia.	
Atas e certificados.	Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense

Fonte: Quadro elaborado pelo autor com base nos documentos encontrados.

Devido ao fato de as fontes fazerem parte da memória das famílias, não foi possível nos apropriar delas fisicamente, entretanto solicitamos autorização para copiá-las, essas feitas de maneira rápida, dinâmica e segura, através do aplicativo *CamScanner*, que digitaliza as imagens por meio da câmera do smartphone, as enquadra (mas permite a edição) e as salva em nuvem, possibilitando acesso a essas imagens em diversos tipos de dispositivos, desde que estejam conectados à internet.

Dentre as fontes citadas no quadro 03, as fotografias atraem nossos olhares e nos auxiliam a construir em nossas mentes uma imagem mais próxima da realidade vivida na época aqui estudada. Sontag (2004) afirma que as fotografias talvez sejam os objetos mais misteriosos que compõem o ambiente moderno, elas nos fornecem um testemunho, equivalem a uma prova incontestável de que determinada coisa aconteceu, mas, caso não sejam bem analisadas, podem distorcer a realidade, entretanto sobre elas existe um pressuposto de que algo existe, ou existiu, e era semelhante ao que se apresenta na imagem. A autora ainda afirma que a representação da realidade pela câmera oculta mais do que o que revela. Por isso, a necessidade de cruzamento das fontes na pesquisa se faz muito importante.

Pensando dessa forma, não nos apoiamos apenas nas fontes oficiais, pois, conforme Bosi (2003), elas não dão conta das paixões individuais que se escondem por trás dos episódios, desse modo a memória oral se faz um instrumento precioso se desejamos construir crônicas do cotidiano. Com base nesse argumento, e no alargamento das fontes que a História Cultural oferece, utilizamos como ferramenta de pesquisa os pressupostos da História Oral, pois, além de estabelecer uma relação entre o historiador e os sujeitos da história, ela suscita novas documentações e objetos.

Poucos campos da pesquisa histórica na atualidade ilustram melhor que a história é sempre construção do que a História Oral (FRANÇOIS, 2008). Os estudos baseados na história oral se favorecem de instrumentos teóricos de diferentes disciplinas correlatas às ciências humanas, pois se trata de uma metodologia interdisciplinar por excelência. Memórias e histórias constituem-se em referências para a projeção do futuro, mas, principalmente, significam a existência dos sujeitos e desses como grupo, estabelecendo elos com um passado particular e com um futuro através da narrativa (LUCINI, 2007).

Segundo Souza (2008, p. 9), “num processo de evocação do passado, a lembrança e o esquecimento constituem componentes relacionados, um não existe sem o outro.” Dessa forma, buscar o processo de atualização do passado, quando evocado, se faz como um exercício de grande importância para a realização desse tipo de estudo, haja vista que a memória nos

proporciona o sentimento de pertencimento e de existência com os seres socialmente perspectivados (SOUZA, 2008).

Nesse sentido, esse passado evocado por meio da memória chega até o historiador através das entrevistas, e são elas uma técnica que emerge do campo da História Oral. Esta, na concepção de Alberti (2005), é uma metodologia de pesquisa que surgiu por volta de 1948 e consiste na realização de entrevistas gravadas com sujeitos que participaram direta ou indiretamente, ou testemunharam, de acontecimentos e momentos do passado e do presente.

Através das entrevistas, consideradas aqui como fontes que documentam o passado, que as lembranças afloram ou emergem, e nós, historiadores, devemos estar atentos para nos apossar de tais lembranças, dando-lhes sentido e significado para a reconstituição dos fatos. Sob esse viés, consideramos a entrevista de suma importância para compreender a constituição do campo odontológico e sua configuração em torno do curso de Odontologia (UFS), além de traçar uma trajetória daqueles que conciliaram a Odontologia e o magistério.

Para a elaboração do roteiro biográfico coletivo construído nesta pesquisa, utilizamos os seguintes critérios: ter sido professor efetivo do curso de Odontologia e ter pertencido ao Departamento de Odontologia. Os campos que compõem o questionário contemplam os seguintes aspectos: nome, nascimento, filiação, naturalidade, formação escolar, o porquê da escolha da Odontologia, o porquê de consorciar a Odontologia ao magistério, o porquê de lecionar na UFS, vinculações em academias/institutos e associações, trajetória profissional, trajetória política, obras publicadas, cargos ocupados. O questionário foi criado na plataforma Google Formulário e foi preenchido pelo próprio autor durante a entrevista, esta que foi realizada presencialmente, quando possível, ou por telefone¹⁰, respeitando o desejo do entrevistado¹¹. Essas informações coletadas nos levaram a uma análise comparativa do conjunto desses dados biográficos, o qual apresenta como propósito colocar em evidência questões em comum e peculiaridades, além de estabelecer um parâmetro geral a respeito desse grupo e traçar um perfil desses atores sociais.

¹⁰ Durante a nossa busca pelos professores e/ou por seus parentes para entrevistá-los, tentamos por diversos meios uma forma de localizá-los, e o que mais parecia ser difícil de encontrar foi o que mais nos surpreendeu. Sabendo que alguns dos professores serviram às Forças Armadas, enviamos um e-mail para a Capitania dos Portos de Sergipe, que entrou em contato com a filha de um deles, e assim tivemos o contato do Professor Fabiano Aguiar, que mora atualmente no interior do Rio de Janeiro. Um outro ponto importante sobre as entrevistas foi que, devido à pandemia da COVID-19, tivemos de entrevistar algumas pessoas por telefone, visto que o momento pedia isolamento social.

¹¹ Em detrimento da pandemia causada pelo SARS-CoV2 (vírus causador da COVID-19), tivemos muitas dificuldades para a realização desta pesquisa, uma vez que todos os arquivos estiveram fechados, impossibilitando a consulta de algumas fontes e a descoberta de outras novas, sem contar que os professores e parentes deles que foram entrevistados pertencem a um grupo considerado de risco para contrair a doença, dessa forma tivemos de realizar algumas entrevistas por telefone.

Esta é mais uma pesquisa relacionada com estudos em andamento no Grupo de Estudos e Pesquisas sobre História do Ensino Superior (GREPHES), conduzido pela professora Dr^a. Josefa Eliana Souza. O objetivo do grupo é investigar as transformações históricas verificadas no âmbito do Ensino Superior, e seu objeto principal é a Universidade Federal de Sergipe/UFS. O Grupo também tem, em seu rol, pesquisas que buscam investigar as trajetórias de intelectuais da educação, representações, práticas pedagógicas, criação, circulação e difusão de impressos da UFS e de outras instituições superiores. Entre os trabalhos produzidos pelo GREPHES temos artigos, dissertações, teses e livros, a exemplo do livro *História e Memória: Universidade Federal de Sergipe (1968-2012)*, lançado em 2015.

No intuito de dar continuidade às pesquisas sobre o curso de Odontologia da UFS e a formação do campo da Odontologia em Sergipe, acreditamos que este estudo responderá algumas inquietações que se deram durante a escrita da dissertação *Uma História da Odontologia em Sergipe: do ensino a estruturação do “campo” (1925-1975)*, concluída em 2018. A graduação em Odontologia nos instigou a buscar o conhecimento sobre a formação do campo odontológico em Sergipe, mas foi durante as aulas no mestrado que o desejo pela pesquisa floresceu; a ausência de trabalhos que tratassem, de forma mais ampla, acerca da história da profissão em solo sergipano foi a centelha que nos estimulou a iniciar esta empreitada que hoje nos move.

Nas minhas memórias de infância, não encontrei o desejo de ser cirurgião-dentista, lembro-me muito bem da vontade de ser professor. Nas brincadeiras com minha irmã e meus vizinhos, eu adorava ser o professor; me lembro de quando estava na 3ª série, do antigo 1º grau, e li um poema de Vinicius de Moraes chamado “A porta” e me encantei, e, por causa desse poema, a escola fictícia em que eu lecionava nas brincadeiras passou a se chamar Escola de 1º Grau “Vinicius de Moraes”. Na minha trajetória educacional, tive alguns professores que se tornaram referências para mim, fortalecendo o desejo do magistério. Na 8ª série, comecei a dar aulas de reforço escolar e, quando iniciei o Ensino Médio, decidi que queria ser professor de Matemática, mas penso que nossos desejos nem sempre se tornam realidade. Depois de duas tentativas fracassadas no vestibular da UFS para o curso de Matemática, decidi tentar um curso técnico no antigo Centro Federal de Educação Tecnológica de Sergipe (CEFET/SE) e escolhi “construções prediais”, um curso que tinha suas disciplinas baseadas essencialmente na matemática, e tive a felicidade de ser aprovado em segundo lugar.

As aulas tiveram início em 2005, e eu me encantei pelo curso, embora enfrentasse diariamente uma viagem de mais de 150 km em meio à ida e volta entre Aracaju e Moita Bonita, mas nada me abatia, pois estava me identificando com o curso. Entretanto, decidi fazer o Exame

Nacional do Ensino Médio (ENEM) naquele mesmo ano (2005) e consegui uma bolsa, pelo Programa Universidade para Todos (PROUNI), em uma faculdade privada e abandonei o curso no CEFET-SE, iniciando assim uma trajetória no campo do ensino. Comecei a cursar Letras Português – Inglês na extinta Faculdade Atlântico no ano de 2006 e lá encontrei minha essência. Mas por inquietação fiz mais uma vez o ENEM e novamente me escrevi no PROUNI tentando uma vaga na Universidade Tiradentes, mas sem muita expectativa, uma vez que eu escolhi os cursos mais caros e mais concorridos da instituição.

Em 2007, tinha iniciado o terceiro semestre de Letras quando recebi a convocação para me apresentar na Universidade para realizar a matrícula no curso de Odontologia. Pensei muito, pois era um curso que eu não sabia se conseguiria me manter nele devido ao alto custo dos materiais utilizados nas aulas, e eu havia encontrado na licenciatura uma parte de mim que me fazia muito feliz e completo, mas a ideia de um retorno financeiro maior foi muito forte, por isso acabei abandonando Letras e comecei Odontologia. Com muita dificuldade e com a ajuda de muitas pessoas, consegui concluir o curso em 2011, digo muitas pessoas porque poderia começar a citar nomes e acabar me esquecendo de alguém e não vejo isso como positivo.

Ao concluir a graduação, sentia que me faltava algo, mas poucas das especialidades da Odontologia me chamavam atenção; me inscrevi para a seleção de mestrado no recém-criado Programa de Pós-Graduação em Odontologia da UFS, mas não obtive sucesso, então, por admiração a um dos professores da graduação em Odontologia, resolvi fazer especialização em odontologia legal, pensando que poderia ser um impulso para entrar posteriormente na área acadêmica, e em 2014 tentei mais uma vez a seleção de mestrado em Odontologia, e mais uma vez fiquei de fora, porém fui aprovado no Programa de Saúde e Meio Ambiente da Universidade Tiradentes, mas, devido à disposição das aulas, não me matriculei.

No ano de 2015 que minha trajetória teve uma mudança de direção: no mês de maio daquele ano, fui a uma cerimônia de comemoração do aniversário da UFS na qual foi lançado um livro chamado *História e Memória da UFS*, de autoria da Professora Josefa Eliana Souza, e, ao folhear o livro, fui direto procurar sobre o curso de Odontologia, mas o referido curso não fazia parte da proposta do livro. Foi naquele momento que eu pensei que contar a história do curso na UFS seria um caminho para voltar ao meio acadêmico. Entrei em contato com a professora, apresentando-lhe uma certa quantidade de fontes, e ela me disse que, se eu fosse aprovado no processo seletivo do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED), ela me orientaria.

Mais uma vez eu mudei de rumo depois de uma seleção difícil, visto que eu não era do campo do ensino, fui aprovado e iniciei em 2016 o mestrado em Educação. Nas aulas do

mestrado, me encantei com a pesquisa, e hoje é ela que me move. Através da Pós-Graduação, consegui unir dois campos que fazem parte da minha vida e do meu desejo, a Odontologia e a docência.

Esta tese será apresentada em sete seções. Iniciamos com a **Introdução**, na qual apresentamos como surgiu a intenção de escrita desta tese, os caminhos metodológicos, os objetivos, e recepcionamos os teóricos e os conceitos que nos acompanharam durante a produção deste texto; neste espaço também esclarecemos o recorte temporal da pesquisa, justificamos a importância deste trabalho, apontamos as obras que mais se aproximam do objeto deste estudo, indicamos os locais onde realizamos a pesquisa e as fontes utilizadas, além da estrutura do texto da tese.

Em seguida, apresentamos a segunda seção, intitulada **Os intelectuais do ceto odontológico sergipano e as lutas para estruturação do campo**; nela mostramos como esse campo intelectual foi formado e como a intenção de criação de um curso de Odontologia estimulou uma categoria profissional a buscar o desenvolvimento da profissão.

Na terceira seção, **Do consultório à sala de aula: caminhos para a docência**, buscamos compor uma trajetória educacional da primeira geração de professores dentistas, continuando a apresentação dos sujeitos desta pesquisa seguindo o que começamos na seção anterior. Ainda intentamos compreender os caminhos que levaram esses dentistas a se tornarem professores.

Na quarta seção, **Dentistas professores e suas contribuições na formação de novos profissionais da Odontologia**, mostramos como se deu a seleção dos primeiros professores dentistas do curso de Odontologia da UFS, buscando esclarecer o que levou esses dentistas ao posto de docentes, como eles se prepararam para isso e de que forma eles contribuíram para a educação sergipana, além de tentarmos compreender a contribuição desses professores na formação de novos profissionais da Odontologia em Sergipe.

Na quinta seção, intitulada **Uma nova geração: de dentistas a professores**, buscamos mostrar como os primeiros alunos do curso se tornaram docentes, o porquê de entrarem no universo da educação e os caminhos percorridos nessa empreitada, além de entrelaçarmos as trajetórias desses sujeitos. Já na sexta seção, **Das honrarias aos méritos**, fazemos um levantamento das homenagens e honrarias que esses professores receberam durante suas vidas. Por sua vez, na sétima seção, tecemos algumas considerações acerca de tudo o que foi tratado neste estudo.

Não temos a pretensão de sermos detentores de uma verdade absoluta, nem mesmo dizer a última palavra sobre o objeto aqui abordado, mas decerto temos o intuito de oferecer contribuições originais ao conhecimento sobre o campo intelectual da Odontologia sergipana.

2 OS INTELECTUAIS DO CETO ODONTOLÓGICO SERGIPANO E AS LUTAS PARA ESTRUTURAÇÃO DO CAMPO

Até o final do século XIX, era possível contar nos dedos a quantidade de dentistas formados que atuavam em Sergipe; até então, a Odontologia no Estado era baseada na prática e no aprendizado do tipo mestre-discípulo. Nyceu Dantas, em um artigo publicado na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe* em 1920, descreve como o campo odontológico estava organizado na capital sergipana e no interior do Estado. Ele faz uma digressão na qual descreve o campo odontológico desde 1820 até seu tempo (as primeiras décadas do século XX). No panorama descrito por Dantas (1920), ele aponta quem foram os primeiros dentistas formados que atuaram na atenção odontológica, além de descrever como aconteciam os procedimentos e até mesmo a reação dos pacientes ao atendimento odontológico. Essa publicação nos dá uma noção de como o campo da Odontologia científica nasceu em Sergipe.

Trata-se de um campo que se desenvolveu de forma lenta, mesmo com o impulso que recebeu da estrutura governamental na década de 1920, quando aconteceu a primeira tentativa de criação de um curso superior na área da saúde. Idealizado pelo então Presidente do Estado, Maurício Graccho Cardoso (1922-1926), em 1926, começou a funcionar em Aracaju a Faculdade de Farmácia e Odontologia de Sergipe, posteriormente nomeada Faculdade de Farmácia e Odontologia “Aníbal Freire”, que teve seu corpo docente formado por médicos, engenheiros e um farmacêutico.

No entanto, a Faculdade não prosperou, encerrando suas atividades no ciclo básico, comum aos dois cursos (JESUS, 2016; SANTOS, 2017). Embora se encontre em alguns relatos do governo da época informando que o fim da Faculdade tenha se dado por questões financeiras, é certo que a evasão dos alunos por medo de não ter seu diploma reconhecido foi o real motivo. conforme Jesus (2018), no ano de 1928, uma outra ação buscou aproximar os dentistas diplomados do Estado, a criação da Sociedade Odontológica de Sergipe – SOSE, descrita como uma corporação científica, literária e de práticas odontológicas, autônoma e independente, foi a primeira entidade pensada para o, e pelo, ceto odontológico sergipano.

Para os sociólogos, *ceto* refere-se às diferenças e hierarquias associadas ao pertencimento cultural, aos estilos de vida, mas também à definição política de condições sociais. Em sociedades econômicas capitalistas, a condição de classe (status social) depende da classe, mas até certo ponto (BAGNASCO, 2016). Ainda segundo esse autor, o conceito weberiano de *ceto* está relacionado com comunidade cultural, prestígio e estilo de vida,

reivindicação de acesso a oportunidades materiais de vida, mas não com base em mercado. Também tem relação com etnia, sexo, idade, padrões de consumo, tecidos de relacionamentos e sociabilidade, estratégias de habitação e assim por diante.

A referida sociedade era formada por dentistas renomados da capital sergipana. Desde a criação dessa instituição encontramos um homem que teve um papel importante na estruturação do campo em questão, Arício de Guimarães Fortes (imagem 01), que, além de dentista, foi servidor público estadual, professor da Escola Normal, tendo chegado ao mais alto grau da carreira de funcionário público da época, o de diretor da Secretaria Geral do Estado, quando só existia no governo de Sergipe uma secretaria. No governo Eronildes de Carvalho, ocupou por cinco anos a direção do Departamento de Educação do Estado (SANTOS, 1992), um dentista que muito fez pela categoria odontológica em sua geração.

Imagem 01: Arício Fortes (Foto de Formatura)



Fonte: Acervo da família de Bonifácio Fortes, 1925.

Afirmamos isso baseados nos registros de sua presença constante nas ações da SOSE (assumindo na instituição diversos cargos, entre eles o de presidente). Arício Fortes também foi o primeiro presidente da Sociedade Civil Faculdade de Odontologia (SCFO), criada em 9 de abril de 1957 (PAIXÃO, 1999). Embora Jesus (2018) já tenha abordado a criação da SCFO, que culminou na criação do curso de Odontologia, buscaremos lançar nossos olhares sobre os intelectuais que fizeram parte dela, principalmente daqueles que a ela estavam associados na segunda metade da década de 1960.

Os intelectuais¹² que encontraremos na SCFO pertenciam a uma classe social mais abastada, uma vez que para se tornar dentista em Sergipe, até a década de 1960, era necessário ter uma boa condição financeira, pois o candidato deveria se mudar para outra cidade, em geral para uma capital, e as favoritas dos sergipanos eram Salvador, Recife, São Paulo e Rio de Janeiro. Embora as capitais fossem as preferidas, entre os meados dos anos de 60 e início dos 70 (do século XX), o interior de Pernambuco (mais especificamente para a cidade de Caruaru) passou a atrair alunos sergipanos para estudar Odontologia.

A necessidade de deixar o Estado para estudar Odontologia foi uma constante na vida de muitos sergipanos. E, tentando mudar esse cenário, no ano de 1957, a SCFO comoveu intelectuais de outros campos, a exemplo dos médicos Augusto César Leite e Gileno da Silveira Lima, além de políticos e empresários, para se unirem no intuito de auxiliar a Sociedade a alcançar seus objetivos. A Sociedade Civil Faculdade de Odontologia possuía sócios fundadores e sócios beneméritos, como mostra o quadro 04.

¹² Entendemos por intelectual, com base em Sirinelli (2003), os sujeitos que desempenham atividades laborais associadas ao escrito, tanto como criadores, como na qualidade de mediadores de conhecimento.

Quadro 04: Sócios da Sociedade Civil Faculdade de Odontologia de Sergipe (1957)

Fundadores		Beneméritos
Almira Nascimento	Jurandir Cavalcanti	Augusto César Leite
Antônia Maria da Silva	Lélio Passos de G. Fortes	Carlos Santos
Arício de Guimarães Fortes	Manoel Cardoso Barreto	Carlos Alberto B. Sampaio
Creuza do Valle Passos	Manoel Menezes Passos	Gileno da Silveira Lima
Edildécio Andrade Vieira	Maria Carmo Almeida	João Carvalho de Aragão
Everalda Andrade	Maria Linhares Nou	José Machado de Souza
Fernando Lemos Ferreira	Maria Viana T. Bragança	Muciano Cabral
Francisco Moreira de Souza	Mário Bastos	
João de Andrade Garcez	Maria Maciel de Andrade	
João Garcez Vieira	Paulo Lemos Ferreira	
João Simões dos Reis	Walmy Nou de Brito	
Joaquim Lima de Carvalho	Walter Bastos	
José Reis da Cunha	Yolanda Vieira Mello	
Josete Pinto Cruz	Zilnah Pinto Maciel	

Fonte: Quadro criado pelo autor com base nos documentos da SCFO.

Esses sócios contribuíam não só financeiramente, mas também abrindo os caminhos possíveis para que os desejos/anseios da SCFO pudessem ser alcançados, e isso era dado por meio das redes de sociabilidade estabelecidas. Além dos sócios apresentados no quadro 04, o governador do Estado na época, Leandro Maciel¹³ (1955-1959), da União Democrática Nacional (UDN), se prontificou a contribuir com a causa, e, com isso, a diretoria da Sociedade conseguiu verbas, por meio da bancada sergipana na Câmara Federal, para a instalação da Faculdade de Odontologia. Porém, o governador voltou atrás com sua promessa. E, ao tentar uma audiência com o governador, os representantes das Sociedade Civil foram menosprezados¹⁴, levando Arício Fortes a renunciar à presidência da entidade. Depois desse acontecimento, a SCFO passou por um momento de adormecimento, um período que se estendeu até o ano de 1964.

Desde sua criação, em 1957, a Sociedade Civil Faculdade de Odontologia contou com alguns dos seus membros que não desistiram da criação da Faculdade de Odontologia, tais como: Lélio Fortes e seu pai Arício Fortes foram sujeitos que se mostraram como peças importantes para a concretização desse desejo antigo. Embora tenha se decepcionado com a

¹³ Conforme Dantas (2004), Leandro Maciel mostrou-se um executivo dinâmico, realizou importantes obras principalmente em Aracaju, como a conclusão dos trabalhos do novo aeroporto, resolveu o problema do porto e ampliou a rede elétrica na capital e no interior. Apesar dessas e outras realizações, seu governo foi marcado pelo autoritarismo e por uma intensa onda de violência.

¹⁴ Cf. Jesus (2018).

atitude de Leandro Maciel, que voltou atrás¹⁵ com sua promessa de ajudar na criação da Faculdade de Odontologia, Arício não abandonou a SCFO e continuou nela até sua morte em 1971. Devido a seu posicionamento de liderança, Arício se configurou nesse contexto como um intelectual despertador, que para Sirinelli (2003) é aquele que se torna uma referência para as gerações intelectuais seguintes, influenciando na forma como os novos intelectuais veem/vivem a cultura e a política. Afirmamos isso porque ele foi referência para muitas de suas alunas quando ensinou na Escola Normal Ruy Barbosa e despertou em seu filho mais novo o desejo de ser dentista e nos dois filhos o gosto pela docência.

2.1 UMA LEGITIMAÇÃO INTELECTUAL

Voltando na linha temporal, vamos até 1884 para evocar o momento em que a Odontologia brasileira entra na academia, com a criação dos cursos de Odontologia nas Faculdades de Medicina da Bahia e do Rio de Janeiro. Esse acontecimento inicia uma nova fase da prática odontológica no Brasil. Todavia, a Odontologia já existia como profissão registrada no Brasil desde 1856, e sobre esse assunto o decreto imperial (Decreto 1.764, de 14 de maio de 1856) determinava em seu capítulo VII:

Art. 80. O que pretender exame para obter o titulo de Dentista, ou Sangrador juntará a seu requerimento documentos que provem a sua moralidade.

Art. 81. O exame dos dentistas versará sobre: 1º Anatomia, Physiologia, Pathologia e anomalias dos dentes, gengivas e arcadas alveolares. 2º Hygiene e therapeutica dos dentes: 3º Descrição dos instrumentos que compoem o arsenal cirurgico do dentista: 4º Theoria e pratica da sua applicação: 5º Meios de confeccionar as peças da prothese e orthopedia dentaria.

Art. 82. O que assim se habilitar perante a Faculdade terá o titulo de - Dentista aprovado (s/p).

Embora a lei existisse, na prática nada mudou. Ferrari e Araújo (2015) afirmam que devido à pequena quantidade de dentistas e algumas dificuldades encontradas naquele momento, eles preferiam permanecer na ilegalidade a passar pelo processo burocrático exigido para obter o título, mantendo o formato de Odontologia ensinada do tipo “mestre-aprendiz”.

¹⁵ Segundo Lélío Fortes em palestra proferida na Maçonaria em 1967, quando tudo estava bem encaminhado, um desentendimento incidiu entre o Governador e os alunos da Escola de Química por questões referentes a melhores vencimentos para os professores, desentendimento esse que se agravou quando, em um ato de protesto, os estudantes realizaram um enterro simbólico do Governador do Estado num protesto pela perda de alguns professores, alguns de renome internacional (FORTES, 1967).

O curso criado em 1884, anexo às Faculdades de Medicina, manifestava um caráter prático da Odontologia como uma profissão emergente, que estava subordinada à Medicina, mas em um *status* de inferioridade. Os dentistas não adquiriram um prestígio suficiente que colocasse a Odontologia no mesmo nível da Medicina, da Engenharia e do Direito, permanecendo por muito tempo renegada a uma ocupação de posição inferior, considerada apenas como arte, sobretudo porque, ainda, continuava a ser largamente exercida por práticos, muitas vezes sujeitos analfabetos, provenientes, em geral, das camadas sociais mais baixas (CARVALHO, 2003).

Esse lugar de inferioridade é confirmado quando se analisam os escritos de Freitas (1995) ao escrever que os responsáveis por ministrar as disciplinas clínicas e específicas, nos cursos de Odontologia das Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia, não recebiam o título de professor, e o ciclo básico acontecia durante cerca de 15 dias, período em que os alunos tinham demonstrações laboratoriais de anatomia e histologia, além das aulas teóricas.

O curso tinha duração de dois anos, tempo que se manteve praticamente inalterado por quase 50 anos. Algumas mudanças aconteceram no âmbito educacional com o passar dos anos; em 1911, por exemplo, a Lei Orgânica do Ensino Superior e Fundamental da República (Decreto 8.659, de 5 de abril de 1911), popularmente conhecida como “Lei Rivadavia”, reorganizou o curso de Odontologia, elevando sua duração para três anos e determinando que a seleção dos alunos ocorresse por meio de processo seletivo (vestibular).

Rosenthal (2001) afirma que, através de decreto promulgado pelo Presidente Epitácio Pessoa no dia 29 de novembro de 1919, o curso, que, até então, era oferecido pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, seria transferido para a Faculdade de Odontologia e teria duração de quatro anos, porém, mesmo com uma lei atualizada, o curso de Odontologia da Faculdade de Farmácia e Odontologia (criada em Sergipe em 1925) teve como parâmetros em sua concepção a Lei Rivadavia, seguindo o modelo do curso que existia anexo à Faculdade de Medicina da Bahia.

Embora as mudanças tenham ocorrido de forma lenta no âmbito do ensino de Odontologia, uma coisa ficou evidente no que diz respeito à profissão: o intento de legitimar a Odontologia como uma atividade prática baseada na cientificidade. Contudo, a Odontologia ficou refém da prática mesmo com a existência de cursos de formação profissional, e isso se deu devido à falta de publicações sobre a Odontologia em língua portuguesa que pudessem dar um caráter de intelectualidade à profissão, ainda que, segundo Cunha (1963), existissem alguns artigos em revistas, tais como *Arte Dentária* (1869) e *Revista Dentária* (1879); esses artigos não tinham um conteúdo didático suficiente para auxiliar no preparo de profissionais dentistas.

Ainda de acordo com Cunha (1963), elevando um pouco mais o nível científico da profissão, a falta de livros e materiais impressos que auxiliassem os dentistas brasileiros era cada vez mais sentida. Foi pensando nesse interesse da categoria que a Casa Cardoso¹⁶ (de Cardoso & Cia.) mandou editar o *Manual do Dentista*, uma obra baseada no tratado do Professor Dr. Chapin Aaron Harris, um dos fundadores da Baltimore College of Dental Surgery¹⁷, uma cuidadosa compilação de tudo o que havia de essencial em anatomia, terapêutica, patologia, cirurgia e mecânica dental. O trabalho de organização da obra ficou a cargo de Veridiano de Carvalho.

Em 1895, no Ceará, o dentista Anderson Ferro publicou por meio da Tipografia Universal o livro *Hygiene da Bocca: considerações sobre a arte dentária*; esse cirurgião-dentista gozou de ótima reputação na literatura cearense, chegando a fazer parte da **Padaria Espiritual**, instituição constituída pela nata literária do Ceará (CUNHA, 1963).

Isso fez surgir um campo intelectual diferente, constituído por dentistas formados em Escolas Superiores, seguindo um modelo de organização da inteligência que, segundo Coelho (1999), ao longo de todo o século XIX espalhou-se pela Europa e alcançou o Brasil, onde Academias e Institutos constituíram-se em espaços de animação intelectual e de construção de ideologias profissionais, decisivas, como se sabe, para o estabelecimento de jurisdição sobre áreas do saber até então reivindicadas por “práticos”. Portanto, mais do que as Escolas, foram aquelas agências que conferiram estatuto de profissão ao exercício das artes liberais no Brasil.

A formação intelectual desses dentistas não se constituía apenas no saber fazer, necessário à Odontologia, mas também no conhecimento teórico, além de conhecer bem as letras¹⁸ e outras línguas, como o francês, o inglês e o alemão. Essa necessidade de o estudante de Odontologia conhecer outras línguas foi observada quando buscamos livros que os alunos utilizavam durante o curso, e mesmo com a existência de livros em língua portuguesa, durante as primeiras décadas do século XX, era comum o uso de livros em francês nos cursos de Odontologia. A primeira cirurgiã-dentista sergipana, Laura Amazonas¹⁹, quando estudava na

¹⁶ Na concepção de Ernesto Salles Cunha (1963), era um estabelecimento de materiais cirúrgicos e odontológicos que existia na Rua da Quitanda, 86, na cidade do Rio de Janeiro, por volta de 1880.

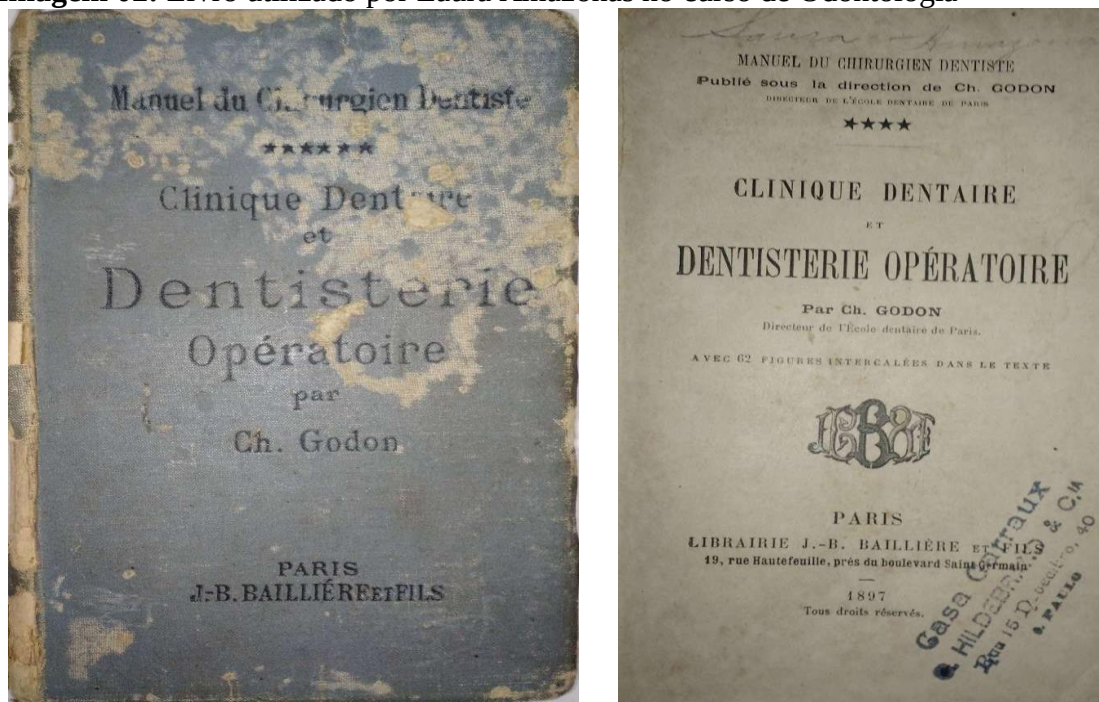
¹⁷ Sobre o prof. Dr. Chapin Aaron Harris e a Baltimore College of Dental Surgery, cf. Jesus (2019).

¹⁸ Compreendemos letras como um conjunto de conhecimentos literários e linguísticos.

¹⁹ Laura Amazonas nasceu no dia três de maio de 1884, à rua Itabaianinha, na capital Aracaju. Filha de Manoel Amazonas e Dona Josepha da Silveira Lacerda Amazonas. Laura Amazonas fez o curso primário em pequena escola situada à rua Itabaiana, no Centro da cidade de Aracaju, tendo como professora sua madrinha, a senhora Rosa. Após os estudos propedêuticos na cidade natal, segue, por iniciativa de um parente chamado Cleobo, para

Faculdade de Pharmacia e Odontologia de São Paulo tinha como livro didático o *Manuel du Chirurgien Dentiste* (imagem 02).

Imagem 02: Livro utilizado por Laura Amazonas no curso de Odontologia



Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (fotografado pelo autor em 2016).

O caráter intelectual que a referida dentista possuía se confirmou quando, em outubro de 1916, ela foi convidada a ser sócia efetiva do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, no entanto, em carta resposta ao convite, ela afirmou que por questões pessoais não se integraria à entidade (imagem 03).

Santos, São Paulo. Lá permanece por longa temporada para completar seus estudos e ingressa na Faculdade de Pharmácia de São Paulo (Menezes, 2017). Sobre Laura Amazonas Cf. Santana (2016).

Imagem 03: Carta resposta de Laura Amazonas ao IHGSE

IHGS, A, Q, CX 336, DO C 132

Ilmo Sr. Dr. ^{2º} ^{1º} José Luiz da Costa Filho, M.D. 1º
Secretário do Instituto Histórico e Geográfico
de Sergipe

Eliminada
Em 10-11-1916.
Costa Filho

Sciência, pelo vosso officio de 12
do corrente, de ter sido eleita socia effectiva desse
Instituto, venho, penhorada, agradecer-vos a
honrosa distincção que acaba de me ser conferi-
da, declarando-vos que motivos justos me im-
pedem de ser socia do referido Instituto

Saudações

Aracaju, 17 de Outubro de 1916.

132

Laura Amazonas.

Arch. ne. se. Costa, Brant

Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (digitalizada pelo autor em 2016).

Essa carta (imagem 03) nos levou a pensar no porquê de Laura Amazonas recusou o convite, e encontramos em Menezes (2017) uma resposta que até o momento parece bem clara; segundo o autor, a cirurgiã-dentista não compactuava com o culto à evidenciação pessoal, preferindo os trabalhos discretos e de pouca publicidade. Sustentando essa afirmação, Menezes (2017) nos traz a informação de que a dentista também recusou um título honorífico que lhe foi oferecido pela Câmara Municipal de Vereadores de Aracaju.

Em Sergipe, os poucos dentistas formados por faculdades durante as primeiras décadas do século XX passaram a ser considerados como intelectuais pela sociedade sergipana apenas pelo fato de possuírem um diploma de curso superior. Um exemplo desses dentistas que foram considerados intelectuais é José Magalhães Carneiro²⁰, que, conforme Guaraná (1925), em 1900 começou a ensaiar-se na Literatura, escrevendo em jornais e revistas da época. Foi no *O Vespertino*, jornal literário publicado em Aracaju em 1901 que escreveu as “Moças que casam”, série de perfis que foram apreciados; em 1909, teve mais um de seus poemas publicado no jornal sergipano *O Espião*. Já no ano de 1910, foi delegado de polícia na capital sergipana e, no ano seguinte, lente²¹ da cadeira de Geographia, Chorographia e Cosmographia no Atheneu Sergipense. Em 1920, foi demitido do cargo de lente do Atheneu e referenciado pelo Relatório do Presidente do Estado como advogado e, segundo Nascimento e Nascimento (2012), desempenhou o cargo de vereador na cidade de Aracaju entre os anos de 1920 e 1924. No ano de 1940, publicou o *Panorama Intelectual de Sergipe*. Outro dentista intelectual foi Nyceu Corrêa Dantas²², que por muito tempo fez parte do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, sendo o primeiro a escrever sobre a História da Odontologia em Sergipe, e, assim como José Magalhães Carneiro, também se formou em Ciências Jurídicas.

Embora uma parte dos poucos dentistas formados existentes no Estado preferissem a solidão dos seus consultórios, outros conciliaram a atividade clínica com o serviço público, como afirma Jesus (2018). Alguns sergipanos, além de atuarem como dentistas, exerceram outras atividades, a exemplo de Mário Bastos, que foi Oficial do Gabinete do Presidente do Estado de Sergipe entre 1918 a 1922, Estevão de Magalhães²³, que foi Diretor da Secretaria da Assembleia Estadual, e Francisco Travassos, que foi lente da Escola de Aprendizes Artífices. Esses dentistas faziam parte de uma categoria intelectual que se diferenciava daquele que, segundo Mannheim (1963), se convencionou chamar de intelectual, o “letrado”, que, por aquela época, começava a ampliar sua margem de autonomia em relação ao poder, animando uma

²⁰ Filho do Major Augusto de Magalhães Carneiro e de D. Francisca Barreto de Magalhães, nasceu em Aracaju a 13 de novembro de 1880. Fez em Sergipe o curso de Humanidades, seguindo para a capital da Bahia em março de 1899, onde se matriculou no curso de Odontologia, formando-se em 1900 e regressando no mesmo ano à terra natal. Clinicou em Sergipe até 1902, seguindo no ano imediato para o Estado de S. Paulo. Com a reorganização do ensino público, foi nomeado por ato de 2 de setembro de 1911 professor vitalício de Geografia geral, corografia e noções de cosmografia do Atheneu Sergipense (GUARANÁ, 1925).

²¹ Para Alves (2005b), o corpo docente do Colégio Atheneu Sergipense era composto por membros de diferentes categorias. No Estatuto de 12 de janeiro de 1871, há duas categorias de professores, o catedrático e o professor substituto em exercício. Dessa forma, lentes e professores formariam o quadro docente do referido Colégio. Os professores ministravam Desenho, e as demais cadeiras seriam lidas pelos lentes.

²² Cf. Jesus, Simões e Reis (2017).

²³ Cf. Guaraná (1925).

incipiente opinião crítica. Oliveira (2015, p. 31) nos auxilia a compreender o tempo em que os intelectuais vivem:

[...] os intelectuais pertencem a uma época, a um tempo e um espaço nos quais estão a todo o momento trocando experiências e sendo formados, não tem como pensar que o intelectual é simplesmente formado por si e sim por um conjunto de ideias e sujeitos em diferentes momentos e espaços da sua vivência.

Esses dentistas, que também consideramos intelectuais, viveram em um período no qual o simples fato de ser formado por uma instituição de Ensino Superior já os diferenciava das demais camadas da sociedade; embora a maior parte deles já fizesse parte de uma elite econômica, ao retornar das Faculdades, passava também a compor uma elite cultural. E, reforçando nosso entendimento, Petrarca (2017) afirma que os diplomas de cursos superiores constituíram os movimentos de reestruturação das elites, desempenhando papel fundamental na renovação dos dirigentes regionais. A autora ainda complementa sua ideia afirmando que a educação universitária e algumas profissões, sobretudo as liberais, exerceram um importante papel na constituição do espaço político, além de auxiliarem na manutenção da condição de poder das famílias dirigentes. Essas famílias procuraram a garantia de sua visibilidade e sobrevivência política por meio dos diplomas dos filhos, uma vez que estes lhes proporcionariam acesso a cargos políticos.

Alguns dos dentistas diplomados que viviam em Sergipe, até a década de 1960, exerceram cargos políticos, a exemplo de Nyceu Dantas, que foi Deputado Estadual, Aristides Napoleão de Carvalho, que exerceu o cargo de Governador do Estado por uma semana, entre os dias 27 de março a 2 de abril de 1935, e outros anteriormente citados exerceram funções públicas por indicação política. Já a partir da década de 1970, e diretamente ligados a esta tese, localizamos três dentistas que exerceram cargos políticos, a saber: João de Andrade Garcez, que esteve à frente do poder político máximo do Estado pelo período de nove meses, em mandato tampão, como Governador de Sergipe entre os anos de 1970 e 1971; Carlos José Magalhães de Melo, que assumiu em 1985 o cargo de Deputado Federal como suplente, na legislatura de 1983-1987, na vaga do Deputado Gilton Garcia; e Manoel Cardoso Barreto, que exerceu o cargo de Vereador da capital sergipana entre os anos de 1963 e 1967. Esses três últimos dentistas estiveram diretamente ligados ao processo de estruturação do campo odontológico sergipano e especialmente à criação do curso de Odontologia no Estado de Sergipe.

Diferente da Medicina, a presença de odontólogos na política sergipana até o final do século XX, ao que sabemos até o momento, era pouco frequente. Na Assembleia Legislativa, por exemplo, não encontramos registros de dentistas, nem mesmo práticos, assumindo cargo de deputado; já na Câmara Municipal de Aracaju, encontramos alguns dentistas exercendo a função de vereador, como podemos observar no quadro 05.

Quadro 05: Odontólogos vereadores em Aracaju

Nome	Mandato
Abrahão Crispim	1989-1992 / 1993-1996
João Simões dos Reis ²⁴	1904-1905
José Magalhães Carneiro	1920-1924
Manoel Cardoso Barreto	1963-1967
Rui Gomes Fonseca Dórea	1993-1996

Fonte: Nascimento e Nascimento (2012).

Embora tenhamos encontrado apenas esses dentistas como políticos, é certo que outros profissionais da Odontologia tenham exercido cargos políticos pelos outros municípios do Estado de Sergipe; entretanto, também é certo que o quantitativo fica muito abaixo se comparamos com os profissionais da Medicina.

2.2 A LUTA DE UMA GERAÇÃO

Até janeiro de 1970, Sergipe possuía apenas 59 dentistas registrados no Conselho Regional de Odontologia, sendo que grande parte desses profissionais se concentrava na cidade de Aracaju (CRO/SE, 1983), segundo dados do IBGE. Sergipe possuía 79 dentistas, número muito pequeno para um Estado que na época possuía 900.744 habitantes (IBGE, 1972). E a atividade de charlatões e dentistas práticos²⁵ ainda era grande, principalmente no interior. Dessa

²⁴ Esse dentista que Nascimento e Nascimento (2012) trazem no quadro é homônimo ao dentista que abordamos algumas vezes neste estudo, pois, se for o mesmo odontólogo, pode existir um equívoco na data em que ele exerceu a função política, visto que João Simões dos Reis nasceu em 4 de novembro de 1916. Contudo, não encontramos, nas nossas pesquisas, outro João Simões atuando como odontólogo em Sergipe.

²⁵ Profissional que desempenha de forma empírica a atividade odontológica, sem a devida formação em curso de nível superior.

forma, a criação do curso de Odontologia em terras sergipanas se deu como uma forma de mudança desse quadro até então apresentado.

Os relatos sobre esse cenário são bem antigos; desde a década de 1920 que o desejo de ter profissionais da Odontologia formados em Sergipe era recorrente, e, no andamento da história da Odontologia sergipana, existiram três momentos em que esse desejo esteve perto da concretização: o primeiro deles em 1925, com a criação da Faculdade de Farmácia e Odontologia de Sergipe, instituída e extinta em 1926; depois a criação da Sociedade Civil Faculdade de Odontologia de Sergipe em 1957; e, por último, a criação da Faculdade de Odontologia de Sergipe em 1966. Jesus (2018) trata de forma ampla sobre cada uma dessas fases, embora o autor não faça essa divisão. Em função disso, não vamos nos aprofundar na primeira fase, uma vez que ela não apresenta uma ligação direta com os intelectuais que compõem este estudo.

Em agosto de 1949, aconteceu uma reunião no IHGSE, organizada pela Federação Nacional de Odontologistas (FNO) juntamente com a Delegacia Regional do Ministério do Trabalho, na tentativa de criar a Associação dos Profissionais Cirurgiões-Dentistas de Sergipe (APCD/SE), e assim por meio dela fundar um sindicato para a categoria odontológica. Entre os dentistas que estavam na reunião encontramos um dos sujeitos da nossa pesquisa, o dentista Manoel Menezes Passos²⁶, como um dos membros da diretoria eleita naquela ocasião como tesoureiro; outros dentistas de renome da época também estavam presentes naquela solenidade, a exemplo de Celso Oliva, Laura Amazonas, Francisco Moreira Souza e Mário Bastos. Na segunda reunião, em 16 de agosto de 1949, encontramos outros dentistas além dos citados anteriormente; estavam presentes Hercílio Prado Almeida, João Santana, Almira Nascimento, Mário Bastos e seu filho Walter Bastos, e as irmãs Walmir e Maria Nou²⁷.

Maria Nou encontrou em casa a inspiração para ser dentista; seguindo os passos da irmã, fez o curso preparatório pré-médico no Atheneu Pedro II (de Sergipe) e foi aprovada na Faculdade Nacional de Odontologia da Universidade do Brasil. A influência familiar na escolha da profissão também foi algo que aconteceu na vida de Lélío Fortes²⁸, filho do dentista Arício de Guimarães Fortes e da dona de casa e auxiliar de consultório do marido, Saldalina Passos de

²⁶ Nascido na cidade de Capela/SE em 1919, filho do casal Felipe Faro Passos e Mariana Menezes Passos. Na ficha cadastral de Manoel Meneses Passos no Conselho Regional de Odontologia de Sergipe, consta como sua data de nascimento o dia 23/12/1919, porém encontramos em registros do Centro de Memória do Colégio Atheneu Sergipense (CEMAS) como sua data de nascimento o dia 23/12/1920.

²⁷ Maria Rodrigues Nou era filha do juiz José Rodrigues Nou e da dona de casa Eridice Linhares Nou, nascida na cidade de Laranjeiras/SE em 8 de dezembro de 1919, local onde cresceu e realizou seus estudos iniciais.

²⁸ Lélío Passos de Guimarães Fortes nasceu na capital sergipana em 20 de janeiro de 1925, fez seus estudos iniciais no Colégio Tobias Barreto e Curso Complementar Pré-médico no Colégio Atheneu Sergipense em 1941.

Guimarães Fortes. Lélío ingressou no curso de Odontologia na Faculdade de Medicina da Bahia (Escolas Anexas de Farmácia e Odontologia) e se mudou para Salvador em 1943. Retornou para Aracaju assim que concluiu o curso em 1945 e começou a trabalhar no consultório do pai, que ficava na parte frontal da sua residência, localizada na Praça Olímpio Campos, 428, um local muito privilegiado na época. Lélío era um daqueles dentistas que se entregava às causas em que acreditava e foi com essa determinação que ele ingressou na Associação Profissional dos Cirurgiões-Dentistas de Sergipe em 1950, quando foi eleito 2º secretário dela. Outros dentistas tiveram relevante contribuição para que o campo odontológico sergipano pudesse se estruturar, principalmente no que diz respeito ao combate à atuação de dentistas práticos.

A atuação desses profissionais foi uma das pautas da assembleia da APCD/SE realizada em 13 de novembro de 1950; Roque Policiano, em seu momento de fala, colocou-se à disposição da Associação para fazer tudo o que estivesse ao alcance da FNO e dentro da lei para solucionar o caso e disse que já havia começado a tarefa no Departamento de Saúde. Francisco Moreira solicitou que um ofício fosse enviado ao Departamento de Saúde e ao Governo do Estado para cobrar medidas das autoridades estaduais quanto à irregularidade do quadro de funcionários do Estado, uma vez que existia um dentista prático atendendo na Casa de Justiça. Moreira orientou que no ofício se fizesse lembrar ao Governador que deveria impedir que essa ilegalidade continuasse em Sergipe, pois o dentista prático não tinha licença para clinicar na capital. Essa situação foi o primeiro registro que encontramos em Sergipe no que diz respeito à luta em defesa do campo da Odontologia como um espaço que estava ainda em formação.

O campo, segundo Bourdieu (1989, 2002), é um lugar de luta entre os agentes que o integram e que buscam manter ou alcançar determinadas posições. Os campos, enquanto microcosmos dotados de autonomia, são lugares onde lutas são travadas em busca da conquista de posições e de capital. Sua estrutura envolve conflitos e tensões. Esses conflitos, aos quais Bourdieu se refere, foram constantes durante as reuniões da Associação Sergipana de Cirurgiões-Dentistas e nas outras entidades ligadas ao campo odontológico.

Embora a atuação dos dentistas práticos no Estado fosse comum, a atuação deles em um órgão do Governo do Estado não nos surpreende, pois esses profissionais, por seu grande número e por seu conhecimento das dificuldades e necessidades da população, acabavam exercendo uma grande influência política nos locais onde eles possuíam seus consultórios, a ponto de serem protegidos por políticos, bem como assumindo cargos públicos. Por mais que tenhamos procurado fontes que pudessem fortalecer essa afirmação, nada encontramos em Sergipe até o momento, no entanto encontramos diversos relatos de políticos em outros Estados

defendendo esses trabalhadores, e Carneiro (1981) foi quem nos forneceu o maior número de relatos especialmente na região Sudeste. No que se refere à ascensão dos práticos a cargos públicos, foi relatada por Carvalho (2003, p. 145) ao escrever:

Na análise de 50 processos de um Conselho Regional de Odontologia, encontramos três dentistas práticos que se candidataram a vereadores. Dois deles foram eleitos, sendo que um desses dois é o presidente da câmara municipal da cidade. Os dois mantêm a atividade de dentistas práticos juntamente com a vereança. Também observamos várias situações em que os processos abertos pela promotoria foram suspensos no Fórum (3 casos) ou casos em que os dentistas práticos foram apenas intimados a depor (2), porém a maioria dos processos não vai além das denúncias do Conselho Regional à promotoria ou delegacia, uma vez que não existe qualquer abertura de processo ou de investigação. Finalmente, um dos conselhos de odontologia consultado via entrevista telefônica respondeu que um dos motivos para a existência de dentistas práticos é a “convivência de alguns órgãos fiscalizadores que detêm o poder de polícia, em face de muitos dentistas práticos ocuparem cargos políticos no interior do Estado”.

Esse relato de Carvalho (2003) é do ano de 2002. Ele reforça nossa afirmação no que diz respeito à força política dos dentistas práticos, que se perpetuou até os anos 2000. Enquanto os práticos mantinham seu prestígio, os dentistas formados de Sergipe lutavam pela legitimação de seu campo, mas a batalha não estava sendo fácil; a primeira derrota aconteceu em 1954, quando, em mais uma assembleia da APCD/SE, foi informado que o desejo de transformar a Associação em sindicato não seria possível até aquele momento; para continuar os trabalhos, uma nova diretoria foi posta à eleição para o biênio seguinte, e como presidente foi eleito José Reis da Cunha²⁹.

Na ata da referida Assembleia, ainda localizamos mais dois dentistas que viriam a desempenhar papéis relevantes para o campo da Odontologia; estavam presentes o jovem João de Andrade Garcez³⁰, na época com 28 anos de idade, e Edildécio Andrade Vieira³¹. Essa foi a última reunião da APCD/SE.

Essa derradeira Assembleia encerrou um ciclo nada exitoso para o *ceto odontológico* sergipano. Compreendemos *ceto*, a partir do escrito de Bagnasco (2016), como um grupo de

²⁹ Nascido em 22 de agosto de 1925 na capital sergipana, filho do casal Josué de Carvalho Cunha e Ambrosina de Reis Cunha, fez seus estudos em Aracaju e os superiores na capital baiana, no curso de Odontologia da Faculdade de Medicina, conseguindo seu diploma em 1948.

³⁰ João de Andrade Garcez, nascido na cidade de Laranjeiras/SE em 25 de junho de 1926, filho do empresário Álvaro de Freitas Garcez (proprietário de um alambique/destilaria) e da dona de casa Maria Leonice de Andrade Garcez. Fez seus estudos primários no Grupo Escolar Padre Dantas, em Maruim/SE.

³¹ Nascido em Aracaju em 16 de outubro de 1921, filho do casal Benedito Dias Vieira e Amália Andrade Vieira, realizou seus estudos iniciais e na capital sergipana, onde em 1941 realizou a segunda série do Curso Preparatório Pré-médico no Atheneu.

indivíduos com interesses comuns. Entretanto, os dentistas não se dariam por vencidos; embora tivessem perdido essa batalha, havia algo muito maior em jogo, e essa geração que aqui chamamos de intelectuais não estava disposta a desistir tão facilmente. Com o passar do tempo, outros dentistas se integraram ao agrupamento, como o dentista Afrânio José Bastos³², que veio da capital baiana e, ao chegar a Sergipe, encontrou o Estado em um momento em que a violência estava em alta.

Com o Governo de Leandro Maciel (1955-1959), um dos líderes mais truculentos que esteve sob o comando de Sergipe, sua gestão foi marcada por prisões, espancamentos, assassinatos e transferência constante de funcionários públicos. Ainda que a opressão tenha sido uma das marcas da sua administração, conforme Dantas (2004, p. 130), Maciel “proporcionou novo impulso ao processo de modernização da capital”, “considerando que o crescimento estava estrangulado por três setores: porto, energia e aeroporto, com determinação procurou sanar os problemas”. Buscando esse crescimento, Dantas (2004) afirma que o governador melhorou o salário dos professores, porém isso não foi por livre vontade. Pelo que as fontes nos mostram, a educação não foi prioridade para o referido governo, e Jesus (2018, p. 89) nos faz perceber através das palavras de Lélío Fortes:

[...] um desentendimento incidiu entre o Governador e os alunos da Escola de Química por questões referentes a melhores vencimentos para os professores, desentendimento este que se agravou, quando em um ato de protesto os estudantes realizaram um enterro simbólico do Governador do Estado, num protesto pela perda de alguns professores, alguns de renome internacional.

Esse desentendimento provocou a fúria no Governador, afetando as Faculdades existentes na época, e uma nova entidade que acabara de ser criada, a Sociedade Civil Faculdade de Odontologia de Sergipe, que foi legalmente registrada em 9 de abril de 1957, tendo seu Estatuto publicado no Diário Oficial do Estado em 18 de junho. Além de dentistas, possuía outras personalidades alheias à categoria que auxiliaram de alguma maneira para que a

³² Filho do telegrafista (funcionário dos Correios) José do Nascimento Bastos e da dona de casa Alice de Melo Bastos, nascido na capital baiana em 10 de setembro de 1927. Afrânio fez seus estudos iniciais em diversas escolas, entre elas o Colégio Brasil, o da Professora Maurina, o da Professora Isaura, e completou seus estudos no Colégio Carneiro Ribeiro, todos em Salvador. Quando concluiu seus estudos iniciais, seu pai queria que ele fizesse Engenharia na Escola Politécnica da Bahia, porém, diferentemente do que queria José Bastos, Afrânio decidiu fazer Odontologia, ingressou no referido curso da Faculdade de Medicina em 1950, sendo contemporâneo de dois sergipanos, Mário Policiano de Novaes e Manoel Barreto Cardoso. Enquanto estudava, conheceu uma sergipana por quem se apaixonou, e começaram a namorar. Após concluir o curso em 1952, conseguiu trabalho nos Correios por intermédio do seu pai, e em 1955 foi para Sergipe para atender num consultório que existia na agência central de Aracaju, assim iniciando sua jornada em solo sergipano.

Faculdade de Odontologia pudesse ser criada; no entanto, a Odontologia sergipana perdeu outra batalha, levando a SCFO à hibernação.

2.3 PERDERAM BATALHAS, E NÃO A GUERRA

A década de 1960 foi uma das mais importantes para a Odontologia sergipana; duas das entidades ligadas à categoria (SOSE e SCFO) recuperaram o fôlego e voltaram a trilhar os caminhos em busca de seus objetivos, abrindo o campo para que mais uma entidade pudesse ser criada (o Conselho Regional de Odontologia – CRO/SE). Embora cada uma possuísse sua função específica, estavam interligadas pelos interesses daqueles que as compuseram.

Foi em 1964 que João Simões dos Reis³³ percebeu a oportunidade para tirar a SCFO do seu estado letárgico, e a criação da Faculdade de Medicina de Sergipe foi o que deu ânimo à categoria para voltar às atividades. O dentista resolveu tomar a frente da Sociedade, encorajando o grupo para voltar a lutar. E, para isso, João Simões ativou sua rede de sociabilidade, convidando o comerciante e vice-cônsul de Portugal no Brasil, Serafim Gonçalves de Oliveira, para presidir a Sociedade, convite que teve todo o apoio dos dentistas que faziam parte do agrupamento. De acordo com Sirinelli (2003, p. 252-253), as redes

[...] secretam, na verdade, microclimas à sombra dos quais a atividade e o comportamento dos intelectuais envolvidos frequentemente apresentam traços específicos. E, assim entendida, a palavra sociabilidade reveste-se, portanto, de uma dupla acepção, ao mesmo tempo “redes” que estruturam e “microclima” que caracteriza um microcosmo intelectual particular.

Em outras palavras, as redes dizem respeito às relações que estruturam um microclima, e essas aproximam ou distanciam os membros pertencentes a um grupo de indivíduos. Essas redes, ou estrutura de sociabilidade, variam de forma natural, com as épocas e os subgrupos

³³ “João Simões dos Reis era cirurgião dentista, atendia a clientela mais abastada de Sergipe. Era o dentista das autoridades, dos ricos, cobrava caro por seus serviços, mas levava a vantagem de estar atualizado com técnicas e tecnologias levadas aos congressos, nacionais e internacionais e não deixava de atender os amigos, ainda que eles não pudessem pagar. Seu consultório da rua Itabaianinha, entre São Cristóvão e Geru, não era de bom aspecto arquitetônico, não era bonito, não tinha luxo, mas desde as primeiras horas da manhã assistia ao desfile de figuras importantes, que iam em busca dos pivôs de ouro e das restaurações com material de primeira qualidade. A causa da vida de João Simões dos Reis foi a criação de uma Faculdade de Odontologia. Criou uma sociedade, investiu em imóvel, agregou parcerias, mas foi vencido pela maioria da área médica que preferia que a odontologia fosse um curso, dentro da Faculdade de Medicina, a uma escola autônoma. Uma luta de muitos anos, uma frustração e um certo isolamento, como forma de recusar a derrota” (BARRETO, 2004, s/p).

intelectuais que se analisam (SIRINELLI, 2003). Os microclimas, ainda na concepção do sociólogo francês, são espaços intelectuais, como revistas, jornais, manifestos, que funcionam como lugar de “movimentos de ideias, no sentido das posições tomadas, os debates suscitados e as cisões advindas”. Nesse sentido, o microclima de que esses intelectuais fizeram parte no início de suas trajetórias foi a Sociedade Odontológica de Sergipe (SOSE), que, mesmo não tendo uma transmissão de ideias como os jornais e as revistas, por muito tempo foi o *locus* onde os dentistas sergipanos debatiam sobre as questões da categoria e também sobre outros assuntos da vida cotidiana.

Como aconteceu em 1957, com a ativação de outras redes, mais uma vez iniciou-se uma mobilização do *ceto* odontológico, que voltou a buscar apoio político entre os deputados da bancada sergipana, conseguindo angariar verbas do orçamento da República para a Faculdade de Odontologia, conseguindo também que profissionais pudessem se qualificar em universidades no Sul do país, preparando assim os futuros professores da Faculdade.

O primeiro a contar com essa possibilidade de qualificação foi o próprio João Simões, que foi enviado com bolsa de estudos para a Faculdade de Farmácia e Odontologia de Piracicaba para estagiar na cadeira de Histologia, mas, devido ao Golpe Civil-Militar, o dentista teve sua bolsa de estudos cortada e foi obrigado a voltar para Sergipe e ocupar o seu cargo em uma das autarquias (FORTES, 1967).

Conforme Motta (2014), o Regime Militar constituído a partir de 1964 teve duas dimensões: sendo ele construtivo e destrutivo, em sua face destrutiva, a demissão e a aposentadoria de professores considerados ideológicos, além do afastamento de líderes docentes acusados de cumplicidade com movimentos estudantis, foram algumas dessas ações do Estado. Por outro lado, em sua face construtiva, os militares implantaram reformas de grande impacto no Ensino Superior que até o presente dão forma ao sistema de ensino universitário brasileiro. A implantação do Regime Militar não foi algo democrático, uma vez que representou o interesse de uma minoria conservadora e que no início deixou a população desorientada. Dantas (2014, p. 21) descreve o estado de caos vivido pelos aracajuanos no primeiro dia do Golpe:

Notícias imprecisas sobre deslocamento de tropas do Exército começaram a circular em Aracaju na noite de 31 de março de 1964. Grupos de diferentes conotações ideológicas passaram a inquietar-se. Enquanto os mais identificados com o conservadorismo torciam pela intervenção militar, os de esquerda, em geral, resistiam a acreditar em mudança institucional.

Na manhã do primeiro dia de abril, a grande maioria das casas comerciais permaneceu fechada. Numerosas pessoas acorreram a Praça Fausto Cardoso [...]. Começava a configurar-se uma nova fase política.

Com o Golpe Civil-Militar de 1964, as atividades em prol da Faculdade de Odontologia continuaram de maneira silenciosa até 1966, quando, apoiados pelo Conselho Superior de Educação do Estado, especialmente por Dom Luciano José Cabral Duarte³⁴, iniciou-se o movimento de estudos para a confecção de um anteprojeto para a criação da Faculdade de Odontologia. Paixão (1999) diz que, por conta da impossibilidade de a Faculdade ser tão somente mantida pela SCFO, devido a dificuldades financeiras, os membros da Sociedade Civil e da Sociedade Odontológica buscaram formas de criar a Faculdade como um órgão estadual, além de isso facilitar a incorporação dela à UFS, acerca da qual o projeto de criação já tramitava na Câmara de Ensino Superior do Conselho Estadual de Educação.

Com o apoio da classe política do Estado, segundo Jesus (2018), em 20 de dezembro de 1966, o Projeto de Lei nº 62/66 foi aprovado pela Assembleia Legislativa, e, no dia 28, o Governador do Estado assinou a Lei nº 1.448, criando a Faculdade de Odontologia de Sergipe. O passo seguinte foi conseguir um local para a instalação da Faculdade, e Serafim Gonçalves (o Presidente da SCFO) viu como boa oportunidade a compra de um prédio localizado à Praça Tobias Barreto. Com a Faculdade criada como órgão estadual e possuindo local para instalação, partiu-se para outra etapa, a criação dos Estatutos para ela.

Em 1967, Lourival Batista assumiu o Governo do Estado através de uma eleição indireta regida pelo AI3³⁵, e, em 22 de fevereiro daquele mesmo ano, uma comissão de dentistas reuniu-se com o professor Carlos Alberto Barros Sampaio³⁶, Secretário de Educação e Cultura, e com Dom Luciano José Cabral Duarte, com a finalidade de serem estudadas as providências para o funcionamento da Faculdade de Odontologia. Segundo Fortes (1967), ficou João Simões dos Reis encarregado de organizar e elaborar, em acordo com o grupo dos dentistas, os Estatutos da Faculdade.

³⁴ Sobre a atuação de D. Luciano no Conselho Federal de Educação, cf. Maciel (2020).

³⁵ Ato Institucional Nº 3, de 5 de fevereiro de 1966, fixou datas para as eleições de 1966, dispôs sobre as eleições indiretas e nomeação de Prefeitos das Capitais dos Estados e dá outras providências.

³⁶ De acordo com Graça e Nascimento (2013), Carlos Alberto Barros Sampaio é natural da cidade de Itabaiana/SE, nascido em 18 de abril de 1906; era economista formado pela Faculdade de Ciências Econômicas de Sergipe, também era professor na Escola de Comércio (onde exerceu o cargo de diretor por vários anos) e na Faculdade onde foi graduado. Ocupou o cargo de Secretário de Educação e Cultura entre os anos de 1966 e 1970 no Governo de Lourival Batista e em 1970 foi nomeado Conselheiro do Tribunal de Contas do Estado, órgão do qual foi presidente. É patrono da Academia Sergipana de Ciências Contábeis. No Conselho Estadual de Educação, apresentou um desempenho muito satisfatório auxiliando na aprovação de diversas propostas para a melhoria da educação sergipana. Para mais informações, cf. Graça e Nascimento (2013).

De acordo com Fortes (1967), um modelo elitista e excludente de Faculdade foi elaborado por João Simões, sem consultar os membros da SCFO, gerando uma contenda interna na Sociedade. Fortes (1967) e Paixão (1999) concordam que o modelo proposto por Simões previa a formação de dentistas sanitaristas (normalmente formados em curso de pós-graduação), um currículo de cinco anos, quando o usual eram quatro anos, obrigatoriedade de tempo integral (o que dificultava a entrada de estudantes menos favorecidos para a Faculdade, e principalmente daqueles que precisassem trabalhar para estudar), além de estágio obrigatório, e não remunerado, em postos de saúde do interior pelo período de um ano, ou seja, o aluno deveria ter condições financeiras para se manter na cidade onde fosse designado para estagiar.

O modelo não foi aceito pela maioria da Sociedade. João Simões teve apoio de apenas três membros (Serafim Gonçalves, João Garcez Vieira e Bráulio Cabral Vieira), assim os outros dentistas, um total de 30, resolveram, ao invés de rearranjar o Estatuto escrito por Simões, confeccionar um substituto. Os dois foram entregues ao Secretário de Educação e Cultura. Para representar o restante dos dentistas nessa divisão de ideias da SCFO, João de Andrade Garcez foi designado, e a proposta apresentada pela grande maioria dos dentistas saiu vitoriosa.

O grupo liderado por João Garcez contou com o apoio da SOSE. Jesus (2018) e Paixão (1999) concordam que, por mais que as duas entidades tivessem finalidades diferentes, ambas defendiam os mesmos interesses, uma vez que os membros das duas sociedades eram basicamente os mesmos. A SOSE também passou por um período de hibernação; depois da tentativa frustrada de criação do sindicato dos dentistas de Sergipe na década de 1950, a Sociedade entrou em estado de letargia. Somente com a chegada a Sergipe do capitão dentista do Exército Edgar Batista de Matos, em 1965, que, ao saber da existência da Sociedade Odontológica, procurou meios de reativar a sociedade, uma vez que os olhares estavam todos voltados para a SCFO e a intenção de criação da Faculdade de Odontologia.

Segundo Jesus (2018), em 2 de abril de 1965, no Ginásio Charles Moritz, foi realizada uma assembleia da SOSE a que nenhum dos membros da diretoria compareceu, apenas cinco sócios efetivos estavam presentes. Para que a reunião pudesse ser legalmente válida, José Reis Cunha sugeriu a inclusão de novos sócios no quadro da Sociedade, por meio de petição oral, e os dentistas Afrânio José Bastos, Bráulio Cabral Vieira, Edgar Batista de Matos, Maria José de Moura e Maria Tereza Lacerda Mota solicitaram suas entradas como membros da SOSE e tiveram suas petições aprovadas, tendo foro legal para continuar a assembleia. Uma nova diretoria foi eleita.

Nessa reunião localizamos mais uma personagem que desempenhou um papel importante no ensino de Odontologia, Maria José de Moura³⁷. Outra dentista que participou do projeto desde o início foi Zilnah Pinto Maciel³⁸. Isso nos faz pensar que, mesmo a Odontologia sendo um campo ainda com predominância masculina, algumas mulheres já se posicionavam, mostrando sua importância. Bourdieu (2021) afirma que o campo designa um sistema de relações objetivas entre posições que são determinadas pela estrutura de distribuição dos diferentes tipos de capital, cuja posse comanda o acesso aos lucros específicos em jogo no campo em consideração. E essas mulheres buscavam se posicionar nesse espaço não apenas visando o acesso aos lucros que o campo poderia oferecer, mas também para mostrar que não eram inferiores aos homens, como a sociedade da época pregava.

A luta dessas mulheres, dentistas, seguia uma ideia que já vinha sendo defendida no Brasil desde 1832, quando a autora Nísia Floresta, vítima de um relacionamento abusivo, desafiou as tradições e os costumes da sociedade ao publicar seu livro *Direitos das Mulheres e Injustiças dos Homens* (MORAES, 2017). Ela foi a primeira mulher brasileira que denunciou o mito da superioridade masculina em uma publicação e defendeu as mulheres como pessoas inteligentes que merecem igual respeito. Essas mulheres, dentistas, sergipanas eram muito inteligentes e desde sua formação vinham mostrando à sociedade que o papel delas não era se esconder atrás de uma figura masculina, como o fez Guiomar Calazans e Melo (que largou a Odontologia após contrair matrimônio), mas mostrar que elas poderiam assumir qualquer função que quisessem, como fez Laura Amazonas, que se colocou em um campo de atuação de predominância masculina.

Além dessas dentistas, outros foram se integrando ao grupo aos poucos, no entanto foi perceptível a presença de alguns dentistas no projeto de criação da Faculdade de Odontologia desde o início da Sociedade Civil em 1957. Foram eles Lélcio Passos de Guimarães Fortes, Manoel Cardoso Barreto, Manoel Menezes Passos, José Reis da Cunha, Maria Linhares Nou, João de Andrade Garcez, Edildécio de Andrade Vieira e Zilnah Pinto Maciel. Embora outros membros da Sociedade Civil estivessem engajados no mesmo projeto desde o início, eles não se consagraram como professores no curso de Odontologia.

³⁷ Filha do casal Manoel Lúcio de Moura e Ana da Costa Moura, Maria José nasceu no dia 25 de dezembro de 1925 na cidade de Aracaju, local onde cresceu e realizou seus estudos iniciais. Em 1955, iniciou o curso de Odontologia na Universidade Federal da Bahia, concluindo o curso em 1957, quando retorna à sua cidade natal e, junto com outros dentistas, se engaja no projeto de criação da Faculdade de Odontologia.

³⁸ Nascida em Aracaju no dia 28 de agosto de 1929, filha de Braz Teles Maciel e Maria Emília Pinto Maciel, ingressou aos 18 anos na Faculdade Nacional de Odontologia da Universidade do Brasil, concluindo seu curso em 1949.

3 DO CONSULTÓRIO À SALA DE AULA: CAMINHOS PARA A DOCÊNCIA

O processo de criação das instituições ligadas à Odontologia de Sergipe seguiu o mesmo modelo utilizado para a criação daquelas ligadas à classe médica, uma vez que o campo da Medicina já possuía uma estrutura mais sólida. Isso pode ser comprovado quando analisamos a história da Medicina em Sergipe como um campo de atuação intelectual que foi consagrado com a criação da Sociedade Médica de Sergipe em 1937 e que progrediu com a fundação da Sociedade Civil Faculdade de Medicina de Sergipe e do Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia em 1953, do Conselho Regional de Medicina de Sergipe em 1957 e, por fim, em 1961, a criação da Faculdade de Medicina de Sergipe, e foi se mirando nas ações da categoria médica que o *ceto* odontológico sergipano conseguiu edificar suas conquistas.

Embora afirmemos esse espelhamento, duas situações foram diferentes nesses dois campos. A primeira delas é que a SOSE foi criada anteriormente à Sociedade Médica, e a segunda, ao contrário dos professores da Faculdade de Medicina que já possuíam uma larga experiência nas disciplinas que iriam lecionar, como podemos observar na escrita de Silva (2007, p. 266) ao se referir aos professores do curso de Medicina, dizendo que

Muitos desses professores já possuíam uma larga experiência nas matérias pelas quais ficaram responsáveis, tendo realizado cursos de qualificação, estágios em grandes instituições de saúde, trabalhos científicos publicados em revistas especializadas, participação em seminários, simpósios e congressos científicos, atividades profissionais, sem contar que a maioria já exercia o magistério em outras unidades de ensino superior, tanto em Sergipe quanto em outros Estados.

Os professores que vieram a compor o curso de Odontologia não tinham experiência docente com as disciplinas as quais lecionaram; alguns já haviam lecionado em escolas, como é o caso de Manoel Cardoso Barreto, que já havia ministrado aulas no Ginásio Possidônia Bragança, na cidade de Laranjeiras/SE, onde também assumiu cargo de diretor, e nos Colégios Jackson de Figueiredo, Colégio Nossa Senhora de Lourdes, Colégio Arquidiocesano Sagrado Coração de Jesus e Colégio Atheneu, onde também exerceu a função de diretor; Manoel Menezes Passos também lecionou no Colégio Arquidiocesano e no Colégio Atheneu; Maria José Moura deu aula no Jackson de Figueiredo (antes de entrar na Faculdade), e Jessé de Oliveira Andrade foi instrutor no Colégio Militar do Rio de Janeiro, mas nenhum deles tinha experiência em docência no Ensino Superior. Embora não saibamos se algum dos professores

da Faculdade de Medicina tinha experiência na docência superior, é certo que eles buscaram uma qualificação para as aulas no curso de Medicina. Segundo Silva (2007, p. 266), alguns professores do curso de formação médica

Foram encaminhados, a fim de vivenciarem experiências em centros de estudos médicos mais avançados. A primeira e imediata preocupação era a capacitação dos professores das disciplinas do curso básico. Assim, o Dr. Antônio Garcia e o Dr. Lourival Bomfim foram se preparar na Universidade de Pernambuco. Estagiaram nas disciplinas Bioquímica e Biofísica, especialmente, nas preparações das aulas práticas. Também o professor Antero Pales Carozo realizou estágio na Faculdade de Medicina da Bahia e o professor Lourival Bomfim foi enviado para os Estados Unidos da América, para realizar curso de especialização.

O preparo dos professores para ministrar aulas na Faculdade de Odontologia sempre esteve nos planos da SCFO, uma vez que se sabia que eles não possuíam o devido preparo, e isso pode ser comprovado com a ida de João Simões para o interior de São Paulo em 1964 para estagiar na disciplina Histologia³⁹ na Faculdade de Farmácia e Odontologia de Piracicaba, como relatado anteriormente. Com o passar dos anos, outros também tiveram a oportunidade de qualificação.

3.1 COMO TUDO COMEÇOU

Antes de se tornar professor, todo e qualquer sujeito necessita passar pela escola, é por meio da educação que um intelectual é formado. E com o grupo aqui estudado não poderia ser diferente. Diversos foram os ambientes educacionais frequentados por esses homens e essas mulheres que foram professores da UFS.

Foi do Colégio Atheneu Sergipense que saiu a primeira estudante de Odontologia desse grupo. Maria Linhares Nou foi aprovada no exame de admissão do referido Colégio em 1936, como pode ser observado na imagem 04. Maria Rodrigues Nou, como foi registrada, nasceu em uma família de formação religiosa espírita, aprendeu as primeiras letras em casa, junto com os irmãos, com uma professora particular, recebendo dos pais o incentivo aos estudos desde cedo. Em 1938, conseguiu aprovação nos exames da 1ª série da secção pré-médica, de primeira época

³⁹ Disciplina que faz parte do curso básico de todas as graduações ligadas ao campo da Saúde e Ciências Biológicas (grifo nosso).

do Atheneu Pedro II⁴⁰, no entanto seu nome aparece na ata como Maria Rodrigues Nou. Embora estejamos a tratando como Maria Linhares Nou, seu nome de batismo era Maria Rodrigues Nou, e existe, durante um certo período da vida dela, uma divergência com seu nome nas fontes encontradas. Apenas em 1947 ela consegue na justiça mudar seu nome para o nome como a trataremos no decorrer do texto: Maria Linhares Nou.

Imagem 04: Certificado de Exame de Admissão no Atheneu Pedro II de 1936

Ministerio da Educação e Saúde Pública

Atheneu Pedro II
EQUIPARADO AO COLEGIO PEDRO II

Certificado de exame de admissão N. 283

Certifico que *Maria Linhares Nou*
filho de *José Rodrigues Nou*
natural de *Sergipe*, nascido em *outubro*
de 1926, foi considerado aprovado em exame de
admissão em 20 de *fevereiro* de 1936, com o se-
quinte resultado:

Português : escrita	60	; oral	100	; final	80
Aritmetica : escrita	75	; oral	60	; final	82
Geografia	60				
História do Brasil	50				
Ciencias Naturais	60				
Média geral	sessenta	(60)			

Aracaju, 3 de *março* de 1936

O Inspetor, *Dr. José Albino de Azevedo*

Visto _____
Inspetor Regional

Fonte: Centro de Memória do Colégio Atheneu Sergipense (CEMAS).

Apesar de suas notas no exame de admissão não terem ultrapassado um nível mediano, sua determinação durante o Curso Complementar Pré-Médico⁴¹ lhe rendeu a aprovação na

⁴⁰ Sobre o Colégio Atheneu Pedro II, Atheneu Sergipense e suas mudanças de nomenclaturas, cf. Alves (2005a).

⁴¹ Cursos criados com a Reforma Francisco Campos (1936); cursos com dois anos de duração que eram complementares ao curso fundamental de seis anos e que eram obrigatórios para o ingresso em qualquer escola superior, e eram apresentados em três modalidades: Pré-Médico, Pré-Politécnico e Pré-Jurídico (ALVES, 2005b).

Faculdade Nacional de Odontologia da Universidade do Brasil. Diferente do que comumente acontecia, ao escolher a profissão, ela não se espelhou no pai (juiz) ou na mãe (dona de casa), seu sonho era fazer Medicina, mas acabou seguindo os passos da irmã Walmir, que estava cursando Odontologia na mesma instituição de ensino em que ela foi aprovada. Na Capital Federal, ao contrário de sua irmã que ficou na casa dos avós, Maria Nou ficou hospedada num pensionato enquanto esteve estudando, pois a casa dos avós não tinha condições de abrigar as duas irmãs. Para Maria Nou, viver no Rio de Janeiro foi um dos melhores momentos da sua vida, visto que fez diversos amigos na Faculdade (imagem 05) e pôde desfrutar dos ares de uma cidade moderna.

Imagem 05: Maria Nou e os colegas da Faculdade Nacional de Odontologia



Fonte: Acervo pessoal da família Nou.

Um pouco dessa modernidade é visto na imagem 05, moças concluindo um curso de predominância masculina numa época em que as mulheres eram preparadas para se tornarem esposas (donas do lar). Esse pequeno grupo trilhou um caminho diferente, mas com certeza não foi de uma forma fácil, embora seus pais tenham aceitado as escolhas feitas por essas damas, é certo que eles tenham ouvido algum tipo de oposição (ou até mesmo desaforos) por parte de

outros parentes e até mesmo de vizinhos. Mas, conforme Maciel (2020), José Rodrigues Nou, pai de Maria, por ter uma formação religiosa espírita, sempre dizia às filhas que o melhor esposo era a profissão. Maria Nou passou três anos na capital do Brasil desfrutando de momentos de aprendizado e tendo acesso a um estilo de vida que muito demoraria para chegar à sua terra natal.

A formatura desses jovens foi uma festa tanto para eles (formandos) quanto para seus familiares, um evento que foi capturado pelas lentes da câmera em três situações. Uma delas é essa representada na imagem 05, em que temos na base da fotografia um grupo de mulheres trajando roupas de gala para uso diurno, seguindo os padrões de moda e etiqueta da época, ostentando seus chapéus⁴² e cabelos enfeitados com flores, além dos acessórios (bolsas, luvas e broches). Ainda que a imagem seja em branco e preto, é possível perceber que algumas das moças já faziam uso de maquiagem. Embora só vejamos oito moças nessa foto, a turma possuía doze mulheres, logo as demais talvez tenham ficado de fora por causa da angulação da câmera. Segundo Berger (2017), as fotografias são testemunhas de uma opção humana, sendo, assim, um resultado da decisão de um fotógrafo. A fotografia não celebra nem o acontecimento em si nem a faculdade de ver em si, visto que ela é uma mensagem sobre o acontecimento que ela registra. O verdadeiro conteúdo da fotografia é invisível. Uma outra coisa nos chamou atenção na imagem, foi a existência de um “ponto preto” acima do peito ou na lapela em cada um dos formandos, o que nos faz pensar que pode ser um broche confeccionado para a formatura ou uma representação profissional (símbolo da Odontologia).

⁴² Itens muito caros na época devido à escassez, pois o produto normalmente vinha da Europa, e naquele momento acontecia uma grande guerra envolvendo alguns países do continente, e a maioria das fábricas estava sem funcionar (grifo nosso).

Imagem 06: Maria Rodrigues Nou (Foto de Formatura)



Fonte: Acervo pessoal da família Nou.

Já na imagem 06, podemos ver mais um dos momentos da formatura de Maria Nou em uma pose fotográfica muito comum para os formandos; sobre seu colo, o capelo e o canudo (porta-diploma), e em seu dedo anelar esquerdo um belo anel de formatura, três símbolos de um objetivo alcançado. Avelar (2007) afirma que a cerimônia de formatura, a colação de grau, mais precisamente o anel, a beca, o convite, o desejado canudo, sem falar da imagem fotográfica, em que o formando se ostenta paramentado, são registros memoráveis de um tipo de Capital Cultural adquirido. A noção de capital cultural foi construída, na concepção de Bourdieu (1979), para dar conta da disparidade de desempenho escolar, enfatizando desde o início a distribuição desigual entre as classes dos instrumentos necessários à apropriação de bens culturais. Uma última instância de capital cultural é a das qualificações acadêmicas. Estas, como moedas, são relativamente independentes em valor de seus portadores. Essa forma certificada e garantida de capital cultural levanta toda a questão das funções sociais do sistema educacional e pode levar a uma consciência prática da relação entre capital cultural e sistema econômico.

A imagem 06 é parte de uma lembrança (“santinho de formatura”)⁴³ que foi confeccionada para presentear os parentes e amigos próximos, e este de Maria Nou foi dado de presente a sua avó e suas tias em fevereiro de 1943. Na foto ela escreveu: “A minha avó e tias ofereço esta recordação da minha formatura. Maria Nou. Rio, 8/2/43”. Maria Rodrigues Nou, mesmo apaixonada pelo Rio de Janeiro, teve de retornar a Aracaju em 1943, pois, segundo Maciel (2020), a mãe dela estava doente, e ela se sentiu na obrigação de voltar para acompanhar a mãe nos cuidados com a saúde. Após concluir sua graduação e com o diploma de cirurgiã-dentista, logo iniciou na justiça um processo solicitando que o sobrenome de sua mãe fosse incorporado ao seu, mesmo sabendo que seu nome era uma homenagem a sua avó paterna; cinco anos depois, ela ganhou a causa judicial e, a partir de 1947, passou a chamar-se Maria Linhares Nou.

No ano em que voltou para Sergipe, no Estado era ainda muito pequeno o número de mulheres atuando na Odontologia⁴⁴, mas, com o apoio da família, montou consultório odontológico na Rua Estância, 478, onde por muitos anos desempenhou a atividade odontológica. Embora seu consultório estivesse localizado nas proximidades do centro da capital, ele não ficava na região do comércio, que era onde ficavam os consultórios mais procurados. Esse fato não impediu que ela criasse uma boa clientela. Em 1966, passou a atuar também no Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Comerciantes (IAPC)⁴⁵ como cirurgiã-dentista aprovada em concurso público.

Além de Maria Nou, encontramos também nas Atas de Exames os nomes de Lélío Fortes, na 1ª série do Curso Complementar Pré-Médico, no ano de 1941, mas, antes de ingressar no Atheneu, Lélío foi aluno do Colégio Tobias Barreto, e a boa educação que recebeu nas duas instituições de ensino lhe rendeu a aprovação no curso de Odontologia anexo à Faculdade de Medicina da Bahia. Em 1943, iniciou sua vida acadêmica, e para isso teve de fixar residência em Salvador, e a pensão de D. Rosa, localizada à Rua General Labatut, nº 4, foi por muito tempo sua morada, concluindo a formação superior em 1945 (imagem 07).

⁴³ O santinho de formatura era uma fotografia do(a) formando(a) que comumente era dada por ele(a) aos parentes e amigos mais próximos como uma recordação daquele momento que representava uma mudança significativa na vida dele(a) (grifo nosso).

⁴⁴ Até o ano de 1942, conseguimos elencar 13 dentistas atuando em Sergipe: Laura Amazonas, Guiomar Calazans (atuou até a década de 1920, abandonou a Odontologia), Ester Aranha (atuava em Riachuelo), Mary Firpo, M^a. Anita de Cavalcante Leite, Dulce Menezes, Francisca Marsillac, M^a. Baptista Santanna Vilame (atuava em Maruim), M^a. Viana Tavares de Bragança, Waldir Nou (irmã de Maria Nou) e Creuza do Valle Passos.

⁴⁵ Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Comerciantes, órgão criado durante o Governo Constitucionalista de Getúlio Vargas (1934-1937) no ano de 1934; com o passar dos anos, expandiu suas áreas de atuação, passando a ter como finalidade principal financiar projetos de habitação popular nas grandes cidades. O órgão existiu entre os anos de 1934 e 1966, quando foi criado o INPS (Instituto Nacional de Previdência Social) (grifo nosso).

Imagem 07: Lélío Passos de Guimarães Fortes (Foto de Formatura)



Fonte: Acervo da família de Lélío Fortes.

Na fotografia, ou melhor, no “santinho de formatura” que Lélío deu para sua namorada Ester (a quem chamava carinhosamente de Estelita), percebemos um jovem de pouco mais de 20 anos de idade em traje de colação de grau. Um modelo específico utilizado pelos odontolandos da Faculdade de Medicina da Bahia, no qual nos dois babados do jabeaux (jabour)⁴⁶ podemos identificar o símbolo da Medicina, fazendo alusão à Faculdade onde o curso funcionava. Esse modelo de jabour foi a única alteração que percebemos nas vestes dos formandos do curso de Odontologia da Faculdade de Medicina da Bahia desde a sua criação até meados de 1960. No tocante à influência pela escolha da profissão, foi em casa que Lélío encontrou sua inspiração ao ver o seu pai Arício Fortes, dentista, atendendo os pacientes no consultório que ficava na parte frontal da residência na Praça Olímpio Campos.

⁴⁶ Peitilho confeccionado em renda, semelhante a um babador, preso ao pescoço, que é acoplado à beca de formatura de alguns cursos (grifo nosso).

No que se refere ainda à pensão onde Lélío viveu durante sua estadia em Salvador, há um impasse entre as fontes sobre o nome da proprietária do local. Silvério Fontes (1981), num discurso na Academia Sergipana de Letras, afirmou que morou na mesma pensão que Lélío (estabelecimento que segundo ele pertencia a D. Rosa); já João Garcez, que também morou na mesma pensão, afirmou numa entrevista ao *Jornal da Cidade* (1992) que o estabelecimento pertencia a D. Amélia. Essa pensão foi morada temporária de muitos sergipanos, além de João Garcez, José Guimarães, Silvério Fontes e José Garcez Dórea.

A citada hospedaria foi o local que serviu de apoio para João de Andrade Garcez no período em que se encontrava como aluno na capital baiana; lá ele buscava dar continuidade a sua formação educativa, que começou ainda no interior do Estado de Sergipe. Seu contato com as primeiras letras se deu na cidade de Maruim, no Grupo Escolar Padre Dantas; em seguida, cursou o ginásio no Colégio Salesiano, em Aracaju, e, ao terminar o curso ginasial em 1941, ingressou no Ateneu Sergipense para realizar o Curso Complementar na área pré-médica, no qual teve como professores José Augusto da Rocha Lima, Franco Freire, José Cardoso, Alfredo Monte, Felte Bezerra, Dr. Bragança e Costa Pinto (SANTOS, 2002).

Em 1943, para Abreu et al. (2010), concluiu o Curso Complementar no Colégio Atheneu, mudando-se para Salvador no ano seguinte, 1944. Conforme Santos (2002), o desejo do jovem João de estudar Odontologia se deu por influência dos seus tios, que eram dentistas práticos e tinham uma grande clientela no interior do Estado. Formou-se em 1946 (imagem 08), iniciando sua vida profissional ainda em Salvador, aproveitando o consultório de um colega que cedeu o espaço para que ele trabalhasse à noite; aos finais de semana, o dentista João Garcez trabalhava na cidade de Mata de São João/BA.

Imagem 08: João de Andrade Garcez (Foto de Formatura)



Fonte: Acervo particular de João Garcez Filho.

Essa fotografia de João Garcez foi uma das que mais percebemos detalhes suntuosos. Além dos elementos comuns a todas as outras fotos de formatura, como o anel na mão esquerda e o barrete, essa imagem traz elementos não comuns nas imagens produzidas na época, como um lenço na mão direita e uma luxuosa pelerine caída sobre o ombro esquerdo que não era comum o uso por alunos (era e é algo comumente utilizado por professores, mas cobrindo os dois ombros), e uma belíssima cadeira em madeira esculpida, digna da realeza. Ao analisar essa imagem, evocamos Kossoy (2020, p. 115) quando ele afirma que “uma imagem contém em si um inventário de informações acerca de um determinado momento passado; ela sintetiza no documento um fragmento do real visível, destacando-o do contínuo da vida”.

Além de João Garcez e Lélío Fortes, outro sergipano estudou Odontologia na Bahia na mesma época. Manoel Menezes Passos começou seus estudos na cidade de Rosário do Catete/SE e, ao concluir o ensino primário, mudou-se para Aracaju para completar sua formação, tornando-se aluno no Atheneu, segundo Oliveira (2015), concluiu o curso

fundamental em 1939 (imagem 09), sendo colega de turma de Maria Thetis Nunes, e teve o professor Oscar Nascimento como Parainfo da turma; no ano de 1941, concluiu a 2ª série do Curso Complementar Pré-Médico; em 1943, transferiu-se para Salvador para dar início ao curso de Odontologia, no qual teve Lélío Fortes como colega de turma.

Imagem 09: Formandos do Curso Fundamental (Colégio Atheneu, s/d)⁴⁷



Fonte: Alves, Oliveira e Macedo (2021).

Na fotografia acima, identificamos Manoel Passos na segunda fila, ao lado de um rapaz de óculos no lado direito; embora Alves, Oliveira e Macedo (2021) classifiquem a imagem como sem data, Oliveira (2015) já havia datado com base em matéria publicada no *Jornal Folha da Manhã* (de 6 de dezembro de 1939). Manoel Menezes Passos foi o único da família a chegar ao Ensino Superior; seu desejo era fazer Medicina, mas não foi aprovado, e, ao ser convocado para a segunda opção que escolheu (Odontologia), preferiu iniciar o curso a esperar mais um ano para tentar novamente Medicina. Ao retornar a Aracaju, atendeu em consultório particular localizado à Rua Maruim, 125, e em 1961 foi aprovado em concurso público para o cargo de

⁴⁷ Na fotografia percebe-se um grupo de alunos alinhados e fardados, representando um padrão comum da época. Na concepção de Varela e Alvarez-Úrias (1992), os uniformes escolares são artefatos culturais e instâncias pedagógicas que vestem e muito dizem sobre os corpos dos(as) estudantes e se apresentam como um dos sutis aparatos e marcadores disciplinares de governo e de produção dos corpos dirigidos à população infantil escolarizada de outrora e da atualidade. Sobre uniformes escolares, cf. Ribeiro e Silva (2012).

cirurgião-dentista do IAPC, mesmo concurso em que Maria José Moura foi aprovada, sendo realocado para o serviço no Instituto Nacional de Previdência Social em 1967. Desempenhou atividade docente como professor de História Natural no Colégio Atheneu Sergipense e Ciências no Colégio Arquidiocesano Sagrado Coração de Jesus.

No ano de 1952, participou do Centro de Ação Democrática, onde assinou o “Manifesto ao Povo Sergipano” juntamente com outros membros da sociedade⁴⁸, o qual foi publicado em 1953 pela revista *A Ordem* (revista católica de periodicidade mensal fundada no Rio de Janeiro em 1921, sob a direção de Jackson de Figueiredo, e extinta em 1990), sendo ele o único cirurgião-dentista do grupo. O Centro de Ação Democrática foi um dos microclimas que caracterizaram a trajetória de Manoel Passos; um outro espaço que teve muita influência na sua trajetória foi a Ordem Rosacruz⁴⁹.

Nessa mesma geração de alunos do Atheneu, localizamos quatro alunos. Além de Manoel Passos, Lélío Fortes e João Garcez, encontramos Edildécio Vieira inscrito na 1ª série do mesmo curso no ano de 1942, e na 2ª série no ano de 1943. No ano de 1941, ganhou um prêmio de literatura da *Revista Vamos Ler!* (imagem 10) no valor de 10\$000 (dez mil réis) pelo texto “É melhor não ter parentes”.

⁴⁸ Lucilo Costa Pinto, José Silvério Leite Fontes, José Bonifácio Fortes Neto, Rosalvo José Calazans, José Amado Nascimento, João de Seixas Dória, José de Campos, Manuel Cabral Machado, Antônio Garcia Filho, Josefina Sampaio Leite, Antônio Fagundes Costa, Luiz Rabelo Leite, Walter Cortez, Manuel de Santiago Menezes, José Barreto Fontes, José Rollemberg Leite, Maria de Lourdes Araújo Santos, Osvaldino de Figueiredo, Maria Linda dos Santos, Fernando Duarte dos Santos, Max José Ribeiro e Jorge Montalvão.

⁴⁹ A Ordem Rosacruz é uma organização de caráter místico-filosófico, não sectária e sem fins lucrativos que reúne fraternalmente homens, mulheres, jovens e crianças no mesmo ideal: o aperfeiçoamento intelectual, psíquico e espiritual. Tradicionalmente, é considerada a mais antiga fraternidade do mundo, sendo o prolongamento da Fraternidade criada pelo Faraó Tutmés III em 1503 a.C. e que se destinava a estudar, experimentar e praticar os mais altos princípios da natureza, do homem e do universo, em contraste com as crenças supersticiosas que estavam difundidas entre o povo da época. Disponível no site: <https://www.amorc.org.br/historia-do-rosacruccianismo/>. Acesso em: 17 abr. 2021.

Imagem 10: Texto premiado na *Revista Vamos lêr!*

Fonte: *Revista Vamos lêr!*, Ano V, n. 198, p. 48.

Mas um fato incomum aconteceu com esse jovem. Diferente dos outros que partiram para cursar Odontologia, Edildécio ingressou no Exército, porém não sabemos se por opção ou convocação; trata-se de um fato tenso, pois nesse mesmo período uma Grande Guerra assolava o planeta, Guerra essa que deixou marcas no solo sergipano.

Para Cruz (2012), a Segunda Guerra Mundial chegou ao litoral sergipano, deixando 551 mortos e 51 feridos e naufragos dos bombardeios vindos de um submarino alemão identificado como U-507. Três navios sergipanos afundaram nas águas do oceano Atlântico, o Baependy e o Araraquara, em 15 de agosto de 1942, e, no dia seguinte, o Aníbal Benévolo; poucos Estados brasileiros sofreram tanto com os eventos militares da Segunda Guerra Mundial quanto Sergipe. Entre 1942 e 1944, submarinos alemães se movimentaram ao longo da costa sergipana e atacaram vários navios mercantes, gerando a morte de centenas de pessoas. Segundo o historiador, o mais trágico aconteceu em agosto de 1942, quando um único submarino alemão teve o poder de atacar sequencialmente sete embarcações em Sergipe e na Bahia. Ainda de acordo com Cruz (2012), 1.051 pessoas foram mortas em ataques a navios na costa brasileira, mais da metade em áreas litorâneas de Sergipe.

Em meio à situação caótica criada pela Guerra, conforme Cruz (2012), uma situação de medo generalizado pairou sobre a capital sergipana; aos poucos os aracajuanos passaram a

conviver com os militares norte-americanos e brasileiros de outras regiões, a exemplo de soldados gaúchos que vigiavam a praia. Nesse período de pandemônio que vivia Aracaju, a jovem Maria Nou se encontrava na Capital Federal, e todos os outros, Lélío, Manoel Passos, João Garcez e Edildécio, eram alunos do Atheneu e vivenciaram toda a tensão e o terror que a Guerra trouxe para Sergipe.

Em 1945, a Guerra se finda, mas foi somente em 1947 que Edildécio retomou seus estudos e foi aprovado no curso de Odontologia da Faculdade de Medicina da Bahia, concluindo-o em 1949, mesmo ano em que a Faculdade de Odontologia da Universidade Federal da Bahia (FOUFBA) foi constituída como uma unidade autônoma. Em 1948, estava com a patente de 2º Sargento e foi dispensado, indo para a reserva. Ao ser diplomado como dentista, Edildécio retornou a Aracaju, onde iniciou suas atividades clínicas em seu consultório particular; também começou a atuar no SESI (Serviço Social da Indústria) e em 1955 ingressou no Departamento de Saúde Pública do Estado de Sergipe e atuou no Hospital de Aracaju como odontólogo.

Enquanto esteve estudando na capital baiana, é bem provável que Edildécio tenha encontrado José Reis da Cunha pelos corredores da Faculdade, ou mesmo da clínica odontológica, visto que José Reis estava cursando Odontologia desde 1946. Zé Reis, como era conhecido, aprendeu a ler e escrever no Educandário Jackson de Figueiredo, onde concluiu sua formação primária; depois estudou no Atheneu Sergipense, onde fez o ensino secundário e realizou o Curso Complementar Pré-médico, sendo então aprovado no curso de Odontologia, iniciando sua formação superior em 1946. No que tange à sua trajetória profissional, José Reis desempenhou a função de cirurgião-dentista em consultório próprio, foi funcionário do Departamento Administrativo do Serviço Público, cargo que ele assumiu através da aprovação em concurso público, concurso esse que era motivo de muito orgulho para ele pelo fato de ele ter sido o primeiro colocado entre as regiões Norte e Nordeste. Também trabalhou como dentista do Instituto Nacional de Assistência Médica e Previdência Social (INAMPS), chegando a ocupar o cargo de Supervisor de Odontologia.

Também formados na Universidade Federal da Bahia (UFBA), encontramos no ano de 1950 dois dentistas que viriam também a se tornar professores no curso de Odontologia da UFS, foram eles: Manoel Cardoso Barreto e Afrânio José de Bastos; o primeiro, sergipano, nascido na cidade de Siriri/SE, onde iniciou sua formação educativa, depois se mudou para Salvador, onde fez o Curso Ginásial, mais especificamente no Colégio Antônio Vieira, e, em seguida, foi aprovado na Faculdade de Odontologia da UFBA, concluindo o curso em 1952 (imagem 11).

Imagem 11: Manoel Cardoso Barreto (Foto de Formatura)



Fonte: Acervo de Manoel Nunes Barreto.

Ao finalizar o curso, voltou para Sergipe e iniciou suas atividades como cirurgião-dentista no interior do Estado, atendendo nas cidades de Siriri, Nossa Senhora das Dores, Capela e Laranjeiras. Nessa última também exerceu o cargo de diretor do Ginásio Possidônia Bragança. Sua demissão do Ginásio em 1959 foi noticiada no periódico pernambucano *O Jornal* como uma situação que causou agitação na pacata cidade do interior. Já em Aracaju, ele atuou como professor no Atheneu Sergipense, no Colégio Jackson de Figueiredo e no Nossa Senhora de Lourdes. Atendeu em consultório odontológico em Aracaju e criou uma das primeiras clínicas odontológicas de Sergipe (Odontoclínica de Sergipe, localizada no 3º andar do Edifício Aliança, no cruzamento das Ruas Laranjeiras e Itabaianinha). Buscando complementar sua formação odontológica, foi a Recife, onde conseguiu se especializar em Odontopediatria e Ortodontia Preventiva.

Manoel Cardoso foi colega de turma, na graduação, de Afrânio Bastos; este, nascido na capital baiana, teve sua formação básica realizada em diversos colégios, uma vez que seu pai queria que todos os filhos estudassem juntos. Segundo Bastos (2020), ele foi aluno no Colégio Brasil, no Colégio de Dona Maurina, no Colégio de Dona Isaura e no Colégio das Irmãs Meireles; já o curso ginásial foi realizado no Colégio Carneiro Ribeiro; após concluir o curso ginásial, ele não foi direto para a faculdade, ficou um ano parado sem estudar, mas, no ano seguinte, 1949, começou a estudar com um grupo de amigos para tentar o vestibular da

UFBA, onde foi aprovado em 1950 na Faculdade de Odontologia, mesmo ano em que iniciou o curso, recebendo o grau de cirurgião-dentista no ano de 1952 (imagem 12).

Imagem 12: Afrânio José de Bastos (Foto de Formatura)



Fonte: Acervo particular de Afrânio Bastos.

A formatura é um momento muito especial para o aluno, e para Afrânio Bastos esse momento, retratado na imagem 11, foi demasiadamente importante. Afirmamos isso com base no que vimos quando o entrevistamos em 2017; ao questioná-lo sobre a existência de alguma foto de sua formatura, ele abriu a carteira e retirou dela essa imagem, de um belo jovem paramentado de beca, capelo e jabour, um traje padrão para os formandos em Odontologia na Universidade Federal da Bahia. Essa fotografia nos leva a pensar nas mudanças que aconteceram nos modelos de “santinhos de formatura” com o passar do tempo; tanto essa imagem quanto a imagem 07 (da formatura de Lélío Fortes) mostram um padrão diferente daquele da formatura de Maria Nou, bem como do de Arício Fortes, no qual o “santinho” desses dois últimos parecem mais um convite de formatura. O curso de

Odontologia da UFBA permaneceu sem alterações em seus ritos de formatura por algum tempo, e assim também aconteceu com a duração do curso, que até meados de 1960 continuou sendo ofertado em três anos.

Ainda na década de 1950, ao mesmo tempo que Manoel Cardoso e Afrânio estavam cursando Odontologia, encontramos mais um membro do grupo aqui estudado, ingressando no mesmo curso no ano de 1951. Armando Rodrigues de Brito iniciou sua formação educativa na cidade de Piranhas/AL, local de seu nascimento, mas deu continuidade aos estudos em Aracaju, até ingressar na Faculdade de Odontologia da Bahia. Armando foi mais um dos estudantes de uma geração que viria a se tornar professor na maior instituição de Ensino Superior de Sergipe do século XX. Após concluir sua graduação, ele se especializou em Endodontia, vindo a se tornar um pioneiro naquela especialidade em Sergipe; seu nome aparece na revista *Endo* publicada em 2017 como um professor pioneiro especialista em Endodontia em Sergipe. Foi aspirante a Oficial R/2 Dentista do Ministério da Guerra. Além de Manoel Cardoso e Afrânio Bastos, teve contato com outros estudantes que viriam a fazer parte de sua rede de sociabilidade, a exemplo de Fernando Vasconcelos e Sylvia Andrade Bastos.

Enquanto esse grupo de jovens se deslocava para a capital baiana para iniciar sua formação profissional, encontramos uma jovem que resolveu ir um pouco mais longe, em direção à Capital Federal, assim como havia feito Maria Nou. Zilnah Pinto Maciel, e todas as suas irmãs, receberam em casa a orientação e a incumbência de estudar e se preparar para a vida futura.

Zilnah foi mais uma das mulheres dentistas desse agrupamento que se enveredou pelos caminhos da docência. Sua trajetória educacional começou na cidade de Aracaju, porém o curso ginasial foi realizado na Capital Federal. Junto com suas duas irmãs, foi enviada para o Rio de Janeiro, onde também completou sua formação superior; ingressou na Faculdade Nacional de Odontologia no ano de 1947, aos 18 anos, e ainda naquele ano foi aprovada para o curso de formação da Cruz Vermelha Brasileira; assim como outros dentistas que citamos anteriormente, sua vontade era fazer o curso de Medicina, mas, como não foi aprovada na primeira opção, decidiu não perder tempo e cursar Odontologia, recebendo o diploma de cirurgiã-dentista em 1949 (imagem 13). Na Faculdade de Odontologia, Zilnah teve como professores: Carlos Otto Newland, Francisco Bruno Lobo, José Édimo Soares Martins, Ruy Oscar da Cunha, Hosanna Glória dos Santos, Agripino Ether, Agenor Almada, entre outros.

Imagem 13: Zilnah Pinto Maciel (Foto de Formatura)



Fonte: Acervo particular da Família de Zilnah.

Nessa foto de formatura, encontramos um padrão diferente no jabour e na composição da fotografia em comparação com a foto dos outros dentistas até então trajetoriados; enquanto a beca e o anel de formatura são algo comum a todos, por mais que em algumas fotografias não seja possível observar o anel, o capelo com o símbolo da Odontologia, a imponência dos detalhes da cadeira na qual a jovem odontolanda aparece sentada e o formato do jabour representam uma cultura fotográfica daquele momento e lugar específicos.

Após concluir a graduação, Zilnah retornou a Aracaju, onde iniciou suas atividades em consultório particular; em 1955, iniciou uma nova empreitada profissional como dentista do INAMPS, e, dez anos depois, em 1965, passou a atender no ambulatório de Odontologia na cidade de Laranjeiras/SE (estabelecimento sob a administração da Superintendência do Desenvolvimento da Pesca (SUDEPE), órgão vinculado ao Ministério da Agricultura), mas somente em 1971 ela foi nomeada por decreto.

Zilnah Maciel foi a segunda e última dentista dessa geração de professores a estudar na Capital Federal. A maior parte dos dentistas desse grupo realizou sua formação superior

na capital baiana, como foi o caso de Fernando dos Santos Vasconcelos, que fez seus estudos primários no Colégio Marquês de Abrantes (1943), em Salvador; o curso ginásial foi feito no Instituto Normal da Bahia (1947), já o curso científico foi no Colégio Estadual da Bahia (1950). Viveu a infância no bairro da Ribeira, ainda muito cedo, por volta dos 17 anos, casou-se com uma vizinha que era filha do médico e professor da Faculdade de Medicina da UFBA (Nabal Alves Guimarães). Em 1952, ingressou na Faculdade de Odontologia da Bahia, na mesma época em que Manoel Cardoso e Afrânio Bastos estavam concluindo a graduação, e Armando se encontrava em meados do curso. Fernando recebeu o certificado de conclusão do curso de Odontologia em 1954 (imagem 14), ainda muito jovem, aos 21 anos. Ao deixar a Faculdade, foi aprovado no concurso para Auxiliar Administrativo no Departamento Nacional de Obras Contra a Seca (DNOCS), mas em 1957 encontramos fontes que demonstram que ele estava exercendo a função de cirurgião-dentista já morando na capital sergipana.

Imagem 14: Diploma de Graduação de Fernando Vasconcelos



Fonte: Acervo da Família de Fernando Vasconcelos.

Ao final desse mesmo ano (1957), Maria José de Moura retorna de Salvador após ter concluído sua graduação. Ela fez seus estudos iniciais no Grupo Escolar Manoel Luiz; após concluir seus estudos iniciais, começou a lecionar no Colégio Jackson de Figueiredo; como escrito anteriormente, segundo Moura (2021), foi por influência de uma amiga chamada Neide (que se casou e foi morar em Salvador/BA) que Maria Moura resolveu fazer Faculdade. Ela prestou vestibular na Faculdade de Odontologia na UFBA e foi aprovada, iniciando o curso em 1955 e concluindo sua graduação em 1957. Com poucos meses de formada, atendeu em seu consultório o colunista d'*O Jornal* (RJ), fato que rendeu a ela uma nota de elogio dentro da matéria que o jornalista veio fazer em Sergipe, na qual ele escreveu:

[...] Folheamos o romance enquanto esperavamos ser atendidos pela dra. Maria José Moura, cirurgiã-dentista, que nos aliviou de uma dessas dores de dente que so acontecem quando a gente viaja. E ela foi tão amável que de modo algum quis cobrar o curativo. Nós eramos visitantes e o sergipano tem o dom de transformar visitas em amigos (SIC.) (JULIO, 1958, p. 8).

Seu consultório ficava no Edifício Aliança, na esquina entre as Ruas Itabaianinha e Laranjeiras, numa região privilegiada no centro comercial de Aracaju. Na concepção de Moura (2021), além do consultório, Maria Moura também trabalhou no Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Estivadores e Transportadores de Cargas (IAPTEC⁵⁰).

O último dentista dessa geração de professores a se formar pela Universidade Federal da Bahia foi Jessé de Oliveira Andrade; ele fez seus estudos iniciais ainda na cidade de Arauá/SE, em 1949 se apresentou às Forças Armadas para alistamento e, em fevereiro do mesmo ano, foi aprovado no exame de seleção e ingressou na Escola de Sargentos das Armas (ESA), sendo obrigado a voltar para o Rio de Janeiro, sua terra natal. Sua permanência como aluno na ESA se findou em 22 de dezembro de 1949, quando concluiu o curso de formação. É certo que Jessé não foi um aluno regular na escola civil, uma vez que Andrade (2020) afirmou ter ouvido dele ter feito sua formação ginásial pelo artigo 49⁵¹. Recebeu, em março de 1951, o Certificado de Conclusão do Curso Ginásial pelo Colégio Estadual de Sergipe.

De 1950 a 1951, permaneceu em Sergipe servindo no 28º Batalhão de Caçadores do Exército, quando solicitou remoção para o Colégio Militar no Rio de Janeiro, onde desenvolveu

⁵⁰ O Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Estivadores e Transportes de Cargas foi criado durante o Estado Novo e, após 1945, e assim como aconteceu com o IAPC e outros institutos criados pelo governo da época, expandiu suas áreas de atuação, passando principalmente a financiar projetos de habitação popular nas grandes cidades (grifo nosso).

⁵¹ Esse artigo é referente ao Decreto-Lei nº 4.244, de 9 de abril de 1942, popularmente conhecido como Exame de Madureza.

várias funções; em 1953, participou dos exames para ingresso na Academia Militar das Agulhas Negras, mas desistiu de realizar as provas restantes, pois recebeu uma promoção e, a partir de então, passou para o posto de 2º Sargento auxiliar, com o acúmulo das funções que já desempenhava. Naquele mesmo ano, concluiu o Curso Técnico em Contabilidade na Escola Técnica de Comércio do Rio de Janeiro. Pouco depois de casar-se, foi transferido para Salvador, onde em 1962 iniciou a Faculdade de Odontologia, concluindo no ano de 1964 (imagem 15).

Imagem 15: Jessé de Oliveira Andrade (Foto de Formatura)



Fonte: Acervo da Família de Jessé Andrade.

A foto de formatura de Jessé Andrade nos mostra um outro lado de uma identidade que foi construída durante parte da sua vida; o sargento do Exército trocou a farda pela beca, o quepe pelo capelo, as medalhas pelo jabour e a gravata borboleta. Isso aconteceu apenas para a foto, pois, mesmo depois de formado, ele continuou a serviço das Forças Armadas, mas, a partir de então, assumindo novas funções dentro da corporação.

Os dois outros dentistas que fizeram parte desse agrupamento estudaram em locais distintos. Carlos Magalhães, por exemplo, estudou na Universidade Federal de Alagoas; realizou os primeiros estudos aos cuidados da professora Zefinha na cidade em que nasceu, Propriá/SE, em 1945 mudou-se para Aracaju para dar continuidade a seus estudos (SANTOS, 2002), concluindo o curso primário no Colégio do Salvador (onde foi aluno das professoras Mariazinha, Amanda, e Mariah); já o curso ginásial foi iniciado no Colégio Jackson de Figueiredo, também estudou no Colégio Atheneu Sergipense na mesma época em que Thetis Nunes era diretora. Nesse ínterim, fez curso de datilografia com o professor Ximenes e, por conta do bom desempenho no curso, foi convocado pelo Exército (servindo por um ano) para desempenhar a função de datilógrafo; por conta disso, teve de sair do Atheneu e ingressar no Colégio Tobias Barreto, pois lá havia o curso científico no período da noite.

Ao concluir seus estudos básicos, prestou vestibular para a Faculdade de Direito de Aracaju, mas não conseguiu aprovação; tentou então Odontologia em Alagoas, sendo aprovado nas duas Faculdades de Odontologia que existiam no Estado, iniciando o curso na Faculdade de Odontologia de Maceió em 1959. Durante o curso, participou de um movimento que buscou a unificação dos dois cursos de Odontologia que existiam em Maceió, foi diretor da União Nacional dos Estudantes na capital alagoana ainda como estudante de Odontologia. Atuou como comunicador na Rádio Difusora de Alagoas e, por esse motivo, foi escolhido como orador da turma na festa de formatura no curso que concluiu em dezembro de 1962, recebendo, assim, o diploma de cirurgião-dentista.

Ao retornar a Aracaju, iniciou suas atividades laborais em consultório particular no Edifício Mayara, atendendo ali até 1966; foi dentista do INSS e em 1965 ingressou como membro da Sociedade Odontológica de Sergipe, sendo eleito orador, além de participar da Sociedade Civil Faculdade de Odontologia de Sergipe, entidade que buscava a criação de uma Faculdade de Odontologia em terras sergipanas. Foi funcionário do Conselho do Desenvolvimento do Estado (CONDESE) e, quando desempenhava suas funções na referida entidade, foi convidado por Aloísio de Campos e por Walter Cardoso para fazer um curso de Saúde Pública na Escola Nacional de Saúde Pública no Rio de Janeiro, pela qual recebeu o título de mestre, e teve o Professor Bernardo Glen Place como orientador. Quando retornou a Aracaju, encontrou Aloísio de Campos no cargo de Prefeito da capital sergipana, que o convidou para participar de sua equipe de trabalho como secretário municipal de saúde e serviço social, cargo que ocupou entre os anos de 1968 e 1972.

Fabiano Aguiar foi o último, dessa geração de professores da UFS, a se formar em Odontologia. Ele iniciou seus estudos na cidade de Parnaíba/PI, onde realizou todo o curso

básico no Colégio São Luís de Gonzaga, e posteriormente começou carreira nas Forças Armadas, aprovado em concurso na Escola de Sargentos da Aeronáutica de Fortaleza aos 15 anos, pela qual recebeu o diploma de Mecânico de Aviação (imagem 16). Em 1957, por ter concluído o curso de formação, se tornou Sargento da Aeronáutica na Base Aérea de Fortaleza.

Imagem 16: Formatura da Escola de Sargentos da Aeronáutica (Fabiano Aguiar)



Fonte: Acervo pessoal da família de Fabiano Aguiar.

Essa imagem mostra um jovem em plena flor da juventude buscando alcançar objetivos que uma cidade do interior não poderia lhe proporcionar. Ele encontrou nas Forças Armadas um caminho para seguir, e em seu olhar fixado no horizonte nos traz essa ideia de pensar no futuro, olhando para a frente. Numa foto de formatura, as vestes são os itens que mais nos chamam atenção, e nessa imagem de Fabiano Aguiar são a jaqueta gola sherpa e o quepe que nos encantam os olhos; embora esteja em branco e preto, é possível imaginar a jaqueta em couro marrom com a gola preta, uma vestimenta comum utilizada pelos aviadores na época. Quem

olhasse essa fotografia no passado não faria ideia dos caminhos que esse rapaz interiorano, com feições tímidas, iria percorrer.

Caminho que mudou de direção em 1962, quando Fabiano foi aprovado para a Faculdade de Odontologia da Universidade Federal do Ceará (UFC), curso que concluiu em 1965, recebendo então o diploma de cirurgião-dentista (imagem 17).

Imagem 17: Formatura em Odontologia de Fabiano Aguiar na UFC



Fonte: Acervo pessoal da família de Fabiano Aguiar.

Na ocasião da formatura, um cumprimento em forma de agradecimento aos professores que auxiliaram na construção de uma nova identidade que, a partir de então, foi incorporada à sua vida. E, representando esses professores, aparece na fotografia o Professor Ailton Godim Lóssio (diretor da Faculdade de Odontologia da UFC) cumprimentando o formando Fabiano Aguiar, e, como representante da Universidade Federal do Ceará, aparece o Magnífico Reitor Antônio Martins Filho (1955-1967). Ao finalizar um curso (independentemente do nível, seja técnico ou superior), o profissional leva consigo um pouco do professor para sua vida profissional, através de uma técnica ou de um modo de fazer que lhe foi ensinado, e Fabiano levou para sua vida profissional muito dos seus professores. Após concluir a graduação, permaneceu na cidade de Fortaleza lotado na Base Aérea da Aeronáutica, até que prestou

concurso para o corpo de saúde da Marinha do Brasil e foi aprovado em 1969. Foi designado para assumir o cargo de cirurgião-dentista na Capitania dos Portos em Aracaju/SE. Ao chegar a Aracaju em 1970, começou a criar uma rede de sociabilidade.

Quadro 06: Informações gerais sobre a primeira geração de dentistas professores da UFS

Nome	Local de Nascimento	Data	Ano de Formação
Afrânio José de Bastos	Salvador/BA	10/09/1927	1952
Armando Rodrigues de Brito	Piranhas/AL	22/02/1924	1953
Carlos José de Magalhães de Melo	Propriá/SE	24/03/1938	1962
Edildécio Andrade Vieira	Aracaju/SE	16/10/1921	1949
Fabiano da Silva Aguiar	Parnaíba/PI	11/07/1936	1965
Fernando dos Santos Vasconcelos	Salvador/BA	04/05/1933	1954
Jessé Andrade de Oliveira	Rio de Janeiro/GB	02/05/1929	1964
João de Andrade Garcez	Laranjeiras/SE	26/06/1926	1946
José Reis da Cunha	Aracaju/SE	22/08/1925	1948
Lélio Passos de Guimarães Fortes	Aracaju/SE	24/01/1925	1945
Manoel Cardoso Barreto	Siriri/SE	23/07/1930	1952
Manoel Menezes Passos	Capela/SE	23/12/1919	1945
Maria José Moura	Aracaju/SE	25/12/1926	1957
Maria Linhares Nou	Laranjeiras/SE	08/12/1919	1942
Zilnah Pinto Maciel	Aracaju/SE	28/08/1929	1950

Fonte: Quadro elaborado pelo autor.

E foi assim que esses odontólogos começaram sua formação educativa e profissional. Mesmo com alguns deles possuindo experiência docente, isso não foi o suficiente para que eles pudessem se tornar professores da UFS. Eles tiveram de se aperfeiçoar e atualizar seus conhecimentos, e, dessa maneira, uma nova empreitada se iniciou na vida desses odontólogos.

3.2 A DOCÊNCIA SUPERIOR E A ODONTOLOGIA

A primeira geração de professores do curso de Odontologia foi formada por 15 dentistas. Segundo Paixão (1999), esses foram os mesmos que formaram o Grupo de Trabalho sugerido pelo Conselho Estadual de Educação para realizar a escrita do novo projeto para a criação da Faculdade de Odontologia, uma vez que o primeiro projeto que o grupo deveria elaborar foi apresentado à SCFO por João Simões dos Reis, e elaborado por ele, com o auxílio de João Garcez Vieira e Bráulio Cabral Vieira. Porém, não agradou⁵² à grande maioria dos membros devido à dificuldade na aplicação e à diferença dos modelos de Faculdades de Odontologia que

⁵² Cf. Jesus (2018).

existiam na época, mas discordamos de Paixão (1999), uma vez que, nos relatos do professor Afrânio Bastos em entrevista que nos foi concedida em 2017, ele informou a participação de outros dentistas no grupo de trabalho que seriam professores – Walter Bastos, que assumiria a cadeira de Radiologia Odontológica, e Raimundo Almeida, que assumiria a cadeira de Materiais Dentários. No entanto, no decorrer do processo de criação do curso, os dois acabaram ficando de fora.

O preparo desses dentistas para a docência já havia se iniciado em 1964, no entanto somente a partir de 1967 tudo se intensificou, visto que a criação da UFS⁵³ estava cada vez mais próxima da efetivação. E, depois da tentativa malsucedida, no ano de 1964, de João Simões dos Reis de qualificação fora do Estado, em 1967 quem deixou Sergipe para se qualificar foi Carlos Magalhães de Melo, que, para Santos (2002), era funcionário do Conselho do Desenvolvimento do Estado (CONDESE) e, a convite de Aloísio de Campos e Walter Cardoso, foi para o Rio de Janeiro, onde passou dez meses estudando na Escola Nacional de Saúde e, como resultado final do curso, publicou a obra *Fluoretação da água no Brasil – Análise Socioeconômica* (Anexo 01), recebendo o título de mestre em Saúde Pública pela referida instituição de ensino. Nos dois casos de capacitação profissional desses dentistas, percebemos a ativação de uma rede de sociabilidade que possibilitou todo o processo; em ambos os casos, a ligação do agrupamento com políticos foi o que possibilitou a tentativa de João Simões e a qualificação de Carlos Magalhães.

Poucos dias após a ida de Carlos Magalhães para o Rio, conforme Jesus (2018), foi criada a Fundação Universidade Federal de Sergipe (FUFS), por decreto do então Presidente Humberto de Alencar Castelo Branco (1964-1967), em 30 de fevereiro de 1967. Embora isso tenha representado um avanço para a Educação Superior em Sergipe, Figueiredo (1993, p. 162) teceu duras críticas sobre a FUFS:

A idéia da fundação da Universidade Federal de Sergipe (UFS), preocupação da elite, está em expansão, ela emerge oficialmente em 1963 com reunião promovida pelo então Secretário da Educação, Luiz Rabelo Leite e os dirigentes das Faculdades de Ciências Econômicas, Química, Filosofia e Medicina, a última representada por Fernando Sampaio e Nestor Piva. À testa do problema está, de imediato, monsenhor Luciano José Cabral Duarte, preocupado em formar quadros para a classe dominante.

⁵³ Sobre a criação da Universidade Federal de Sergipe, cf. Souza (2015) e Bretas (2014).

Por certo, Figueiredo (1993) não está de todo errado, uma vez que a intenção de criar uma Universidade em Sergipe se deu depois da criação da Faculdade de Medicina; concordamos com o autor quando ele afirma que a criação da Universidade era uma preocupação da elite, pois naquela época apenas as pessoas com melhores condições financeiras conseguiam chegar ao Ensino Superior, e Petrarca (2017) nos ajuda a sustentar essa afirmação quando ela assegura que a educação universitária exerceu um papel importante na constituição do espaço político e na reprodução e manutenção da condição das elites sergipanas.

Para sustentar essa afirmação, elaboramos o quadro 07, no qual a origem social de alguns dos professores do curso de Odontologia pode ser analisada.

Quadro 07: Professores do curso de Odontologia e a profissão dos pais

Professor(a)	Profissão do(a) chefe da família
Afrânio José de Bastos	Telegrafista
Armando Rodrigues de Brito	?????????
Carlos José de Magalhães de Melo	Médico
Edildécio Andrade Vieira	Comerciário
Fabiano da Silva Aguiar	Comerciante
Fernando dos Santos Vasconcelos	Ferrovário
Jessé de Oliveira Andrade	Professora
João de Andrade Garcez	Fazendeiro
José Reis da Cunha	Comerciante
Lélio Passos de Guimarães Fortes	Dentista
Manoel Cardoso Barreto	Fazendeiro
Manoel Menezes Passos	Fazendeiro
Maria José Moura	Operário
Maria Linhares Nou	Desembargador
Zilnah Pinto Maciel	Fazendeiro

Fonte: Quadro elaborado pelo autor.

Buscando sustentar a afirmação de que esses dentistas faziam parte de uma elite, seja em Sergipe, no Piauí (no caso do professor Fabiano) e/ou na Bahia (no caso dos professores Fernando e Afrânio), nos questionamos: como esses estudantes conseguiriam se manter estudando fora de suas cidades natais sem o apoio financeiro da família? Para tal, era necessário um poder aquisitivo razoável. Embora saibamos que Afrânio e Fernando moravam na mesma cidade onde estudaram Odontologia, a maioria desses dentistas foi obrigada a deixar, mesmo temporariamente, suas cidades natais para conseguir uma formação superior. E a origem social deles lhes concedeu a possibilidade de uma educação que não era possível para a grande maioria da população sergipana. As principais instituições de ensino frequentadas por esses professores foram os Colégios Tobias Barreto e Atheneu Sergipense, principalmente essa última, que

possuía curso preparatório para ingresso no Ensino Superior. E, pensando na formação superior desse primeiro grupo de dentistas, elaboramos o quadro 08, que nos auxilia a melhor compreender onde esses jovens estudaram.

Quadro 08: Local de formação dos dentistas (professores da UFS)

Faculdade de Medicina UFBA (Curso de Odontologia)		→	Afrânio José Bastos Armando Rodrigues Brito Edildécio Andrade Vieira Fernando dos Santos Vasconcelos Jessé de Oliveira Andrade João de Andrade Garcez José Reis da Cunha Lélio Passos de Guimarães Fortes Manoel Cardoso Barreto Manoel Menezes Passos Maria José Moura
Faculdade Nacional de Odontologia da Universidade do Brasil		→	Maria Rodrigues Nou (M ^a . Linhares Nou) Zilnah Pinto Maciel
Universidade Federal de Alagoas (Curso de Odontologia)		→	Carlos José Magalhães de Melo
Universidade Federal do Ceará (Curso de Odontologia)		→	Fabiano da Silva Aguiar

Fonte: Quadro elaborado pelo autor.

Essa origem social proporcionou a esses professores a possibilidade de depois de concluir o curso superior realizarem cursos de aperfeiçoamento, cursos esses que determinaram qual disciplina cada professor escolheu para prestar concurso quando o curso foi institucionalizado. Embora alguns não tenham realizado cursos de aperfeiçoamento ou especialização, eles possuíam algum tipo de afinidade ou mesmo uma maior habilidade nas disciplinas as quais escolheram.

Na trajetória desses intelectuais, podemos perceber o desejo constante de aprender; como descrito antes, os cursos de aperfeiçoamento (capacitação, especialização, estágios etc.) estavam no currículo de muitos deles. Lélio Fortes, por exemplo, participou em 1947 de um curso de prótese que foi realizado na cidade de São Paulo, promovido pela Associação Paulista de Cirurgiões Dentistas (APCD), e até depois de sua entrada como professor da UFS encontramos a presença dele em outros cursos de capacitação. Outros dentistas realizaram cursos de aperfeiçoamento/capacitação, e esses cursos foram realizados dentro e fora do Estado,

como Jessé Andrade, que, dois anos após ter concluído o curso de Odontologia, ingressou na Escola Superior de Saúde do Exército, onde iniciou o Curso de Formação de Oficiais Dentistas. Dentro da escola, ele realizou vários cursos de capacitação, sendo diplomado como especialista em Práticas Exodônticas e em Dentaduras, ambos os títulos fornecidos pela Academia Brasileira de Medicina Militar. Já Carlos Magalhães foi o único dessa geração de professores que fez pós-graduação a nível *Stricto Sensu*; como relatado anteriormente, ele fez mestrado em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde do Rio de Janeiro.

Outra forma de ficarem sempre atualizados, no que diz respeito à Odontologia, foram os congressos, e, ao que percebemos, esses professores dentistas marcavam presença com frequência nesse tipo de evento, mesmo antes de sua vida docente. A primeira informação de participação de algum desses dentistas foi no VI Congresso Odontológico Brasileiro, que aconteceu em Fortaleza no ano de 1957; entre os seus participantes estava Maria Linhares Nou (imagem 18).

Imagem 18: Maria Linhares Nou no VI Congresso Brasileiro de Odontologia



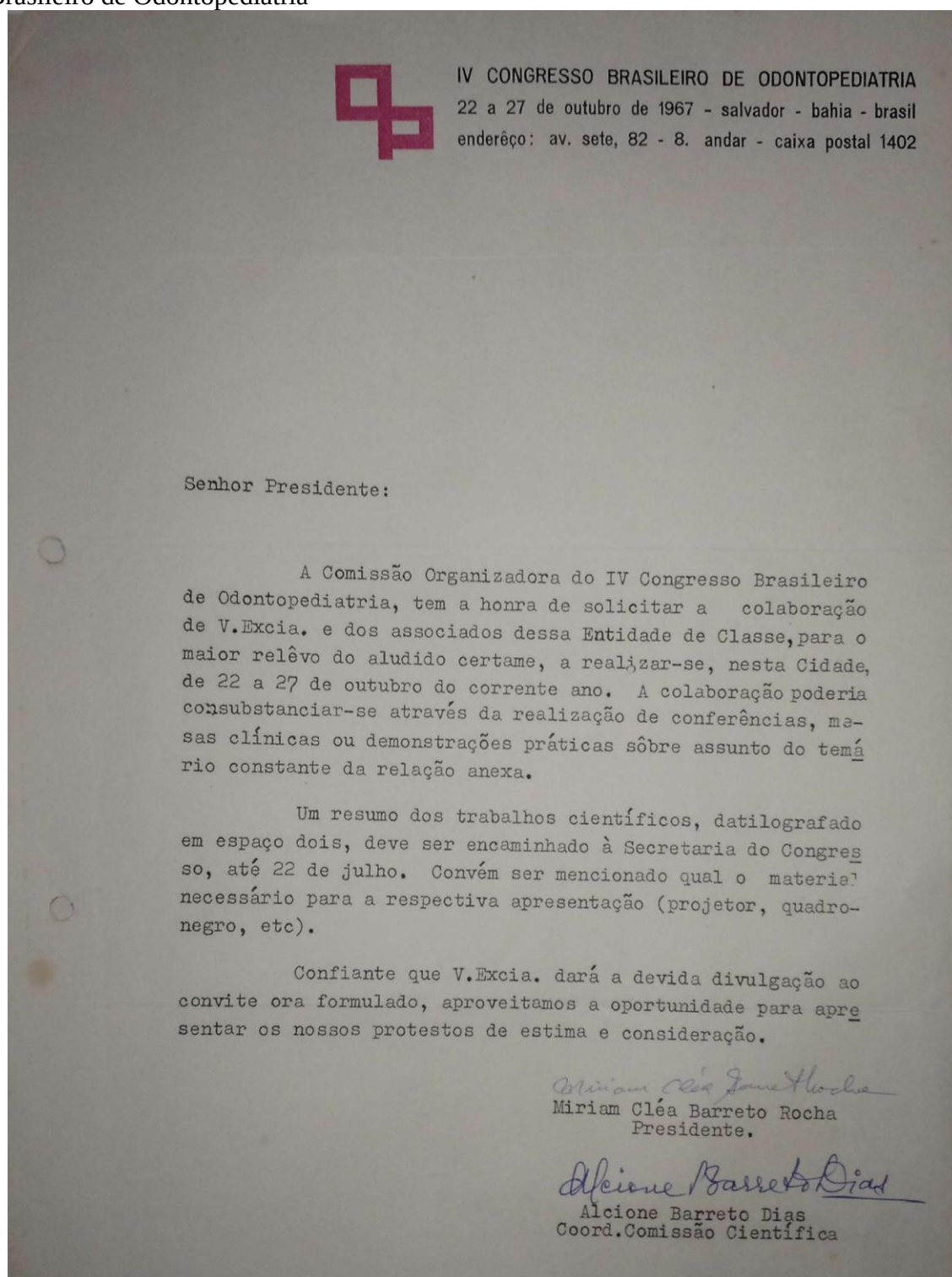
Fonte: Acervo da família Nou.

A imagem 16 nos dá uma ideia de como os congressos, eram mais que um ambiente de aquisição de conhecimento e aperfeiçoamento, eram espaços de sociabilidade. As vestes dos

congressistas nos levam a compreender a importância que esses momentos tinham na carreira profissional; a compostura e a elegância que a ocasião suscitava podiam ser vistas principalmente nas vestes das mulheres, que seguiam a moda e a etiqueta da época. Embora não tenhamos conseguido identificar nenhum dos integrantes da fotografia além de Maria Nou (a dama entre dois homes de óculos, da esquerda para a direita da fotografia), pensamos que todos eram sergipanos.

O referido evento foi crescendo e se tornando também congresso internacional, e, em 1965, a Sociedade Odontológica enviou João Simões dos Reis como seu representante no 9º Congresso Brasileiro e 2º Congresso Internacional de Odontologia, fato esse que se encontra registrado na ata da 3ª sessão ordinária da Sociedade. Até aquele momento, João Simões era um dos prováveis professores da Faculdade de Odontologia de Sergipe, no entanto, devido à sua saída da Sociedade Civil Faculdade de Odontologia após o desentendimento com os outros associados, ficou de fora. Já em 1967, a SOSE foi convidada (imagem 19) para participar do IV Congresso Brasileiro de Odontopediatria, que aconteceu na cidade de Salvador/BA.

Imagem 19: Convite enviado à SOSE pela Comissão Organizadora do Congresso Brasileiro de Odontopediatria



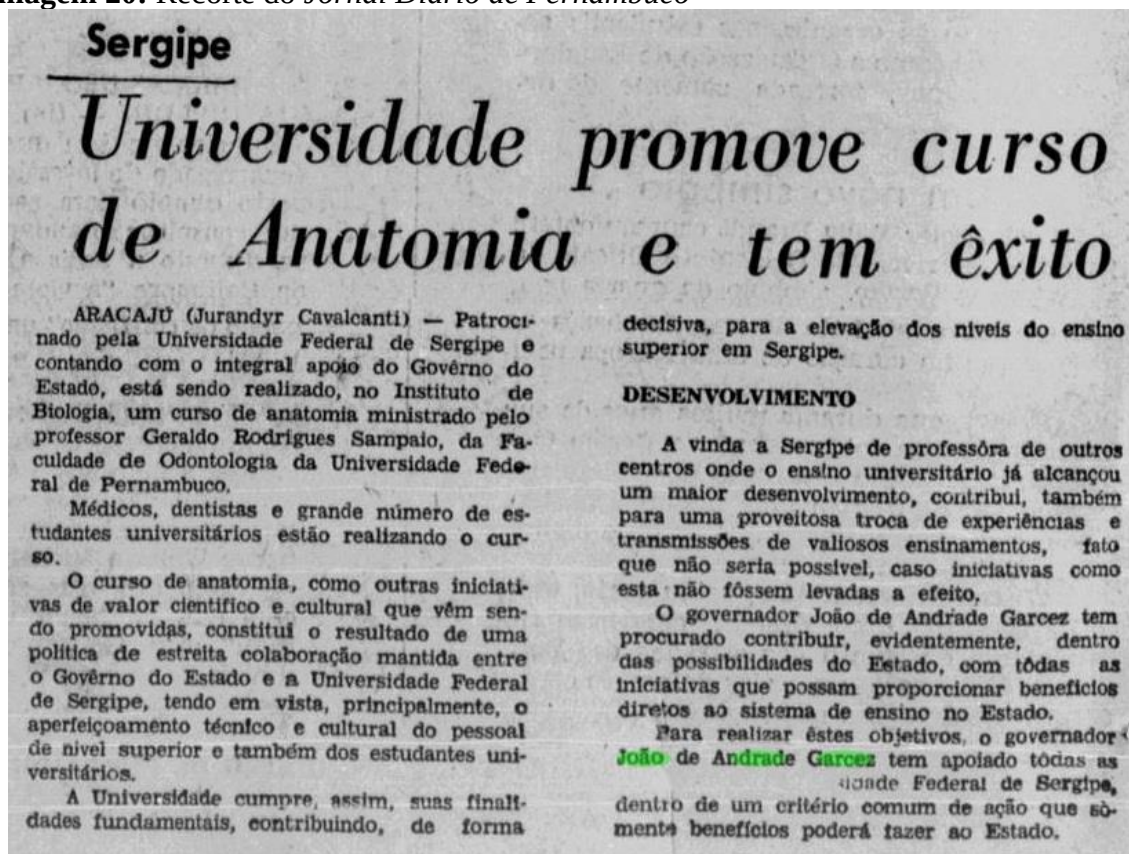
Fonte: Acervo da família de Lélío Fortes.

No convite, a Comissão Organizadora do evento solicitava a colaboração da Sociedade Odontológica de Sergipe através da realização de conferências, mesas clínicas ou demonstrações práticas sobre assuntos relacionados em um documento anexado. Naquele

mesmo ano, 1967, um outro evento também contou com a participação de alguns dos dentistas da SOSE, as 1^{as} Jornadas Odonto-Estomatológicas-Luso-Brasileiras – Congresso Dentário Mundial, o evento reuniu dentistas do Brasil e de outros países da Europa, aconteceu a bordo de um navio cruzeiro com saída do Rio de Janeiro, fazendo paradas em algumas cidades da Europa; Lisboa e Paris sediaram os eventos científicos, e o restante do roteiro foi apenas para pura diversão e para ampliação das redes de sociabilidade. Além das duas cidades citadas, o evento contou com passagens por Londres, Dublin, Frankfurt, Zurich e diversas cidades da Itália.

No que se refere ainda à necessidade constante de atualização desses dentistas, no ano de 1969, localizamos os certificados de participação de Jessé Andrade e Fernando Vasconcelos no III Congresso Norte-Nordeste de Patologia, evento promovido pela Sociedade Brasileira de Patologistas em parceria com a UFS e a Sociedade Médica de Sergipe. Outros eventos também foram realizados na Universidade Federal de Sergipe (imagem 20) com o intuito de atualizar os profissionais da saúde do Estado e em especial aqueles que tinham a intenção de se tornar professores no curso de Odontologia.

Imagem 20: Recorte do *Jornal Diário de Pernambuco*



Fonte: *Diário de Pernambuco*, n. 24, Ano 143, 29 de janeiro de 1971.

O Governo do Estado teve uma participação importante em parte desses cursos realizados entre os anos de 1970 e 1971, visto que, nesse período, o dentista João Garcez estava como governador de Sergipe. Com a abertura das primeiras vagas para o curso de Odontologia na UFS, que iniciou suas atividades em 1970, o Conselho Universitário (CONSU⁵⁴) solicitou a indicação de um membro da Sociedade Odontológica de Sergipe para acompanhar os trabalhos preliminares, e o indicado foi o dentista Fernando Vasconcelos. Com esse acontecimento, percebemos a presença dos, até então, prováveis candidatos a professores do curso como estagiários e/ou assistentes de aulas nas turmas de Odontologia dentro e fora da UFS. Aqueles dentistas que realmente tinham o interesse de se tornarem professores do curso começaram a ampliar seu capital cultural; para essa nova empreitada, a participação em Congressos e Jornadas já não era o suficiente.

3.2.1 A Odontologia, a docência ou a política?

Em meio ao processo de preparação desses aspirantes a professor do curso de Odontologia, muita coisa aconteceu; com a atuação do governo militar desde 1964, Sergipe passou por várias intervenções, e uma delas levou João de Andrade Garcez ao mais alto cargo político do Estado. Segundo Santos (2002) e Dantas (2004, 2014), com a vacância do cargo de Governo, deixado por Lourival Batista, o nome de João Garcez foi indicado por José Rollemberg Leite e Amintas Garcez para a ascensão ao cargo, mas, ao saber da indicação, o dentista foi ao 28º Batalhão de Caçadores para solicitar a retirada de seu nome da lista de indicações, entretanto sua ação teve efeito contrário, o único que não tinha interesse em se tornar Governador foi o escolhido. Mesmo não querendo ser Governador, ele não recusou o cargo, pois, como era uma imposição de um Regime Militar, ele teve medo de perder seu emprego (visto que era funcionário público federal), sem contar que seu irmão Amintas Garcez era militar e ocupava um posto de destaque na Capital Federal, e uma rejeição poderia interferir negativamente na vida dele.

João Garcez esteve como Governador de Sergipe entre os anos de 1970 e 1971 (num período de apenas nove meses) e foi definido por Dantas (2014, p. 201) como:

[...] um cirurgião dentista voltado, sobretudo para o exercício da profissão, inclusive junto ao Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciantes

⁵⁴ Órgão máximo de natureza normativa, consultiva e deliberativa da Universidade em matéria administrativa e de política universitária (UFS, 2014).

(IAPC). Homem sóbrio e discreto, confessou-nos que se inscreveu na ARENA em face da informação de que todo servidor federal era obrigado a filiar-se no partido do governo sob pena de não receber os proventos. [...] um neófito na política, e tendo irmão militar ocupando posto de destaque em Brasília, passou a ser visto como um tendente a prestar uma colaboração maior do que seu antecessor, tido como muito matreiro.

Ainda na concepção de Dantas (2014), João Garcez (imagem 21) buscou renovar o setor educacional e desenvolveu ações de cunho cultural, voltadas, sobretudo, para a preservação dos documentos existentes no Arquivo Público e dos monumentos tombados pelo Patrimônio Histórico. Todas essas ações se deram por conta do dinamismo que o Secretário de Educação indicado por ele desempenhou.

Imagem 21: Governador João Garcez em pronunciamento⁵⁵



Fonte: Acervo da família de João Garcez.

Para Santos (2002), Nestor Piva foi o Secretário de Educação e Cultura indicado por João; elaborou um programa educacional que valorizava os professores das cidades mais distantes da capital, remunerando-os de maneira mais justa. Dentre as ações que marcaram a gestão de João Garcez, Dantas (2014) ressalta a construção de adutoras para a região semiárida

⁵⁵ A imagem foi melhorada por um aplicativo de inteligência artificial existente no site myheritage.com, site de genealogia familiar.

do Estado, a preparação para a instalação do Porto de Sergipe, a liberação do sinal de televisão e a manutenção da unidade da Petrobrás em Sergipe, indo contra a vontade do General Geisel (presidente da Estatal na época), que queria que fosse transferida para Salvador.

Como exposto anteriormente, João Garcez não foi o único a enveredar-se por essas três faces profissionais, dentista, professor e político. Manoel Cardoso Barreto (Manuca) também exerceu atividade política em uma função que não tinha a mesma dimensão daquela exercida por João, porém a fez por um período bem maior; entre os anos de 1963 e 1967 desempenhou o cargo de Vereador de Aracaju.

Diferente do colega dentista, Manuca foi escolhido por voto popular e conseguiu exercer seu mandato por completo. Embora não tenhamos encontrado informações mais consistentes sobre sua atuação na Câmara de Vereadores, podemos afirmar que ele conseguiu fortalecer sua rede de sociabilidade enquanto exerceu atividade política; essa rede – que Sirinelli (2003) também chama de estrutura de sociabilidade – se constitui como uma ferramenta que auxilia na compreensão da organização e dinâmica do campo intelectual e suas amizades e inimizades, vínculos e posições. Atualmente, o uso do termo estrutura social foi substituído pelo termo “rede”, forma mais comum de expressar relações de afinidade e amizade, bem como rivalidades e ressentimentos que aproximam ou afastam membros pertencentes a um grupo.

A carreira política possibilitou tornar-se presidente da Federação Sergipana de Desporto (FSD), cargo que ele exerceu entre os anos de 1965 e 1972; na presidência da Federação, conseguiu trazer o árbitro da Federação Internacional de Futebol (FIFA), Arnaldo Cezar Coelho⁵⁶, para ministrar um curso de arbitragem para os juízes de futebol de Sergipe. Mas, mesmo sendo um dos mais conhecidos presidentes que a FSD já teve, terminou sua gestão em meio a uma confusão envolvendo a administração do Estádio Lourival Batista e o chefe da delegação do Flamengo, por conta da acusação de evasão de renda do jogo ocorrido entre o time carioca e o Sergipe, a informação foi noticiada em diversos⁵⁷ veículos da imprensa brasileira. Porém, mesmo gostando muito de futebol, foi da Odontologia que “Manuca” demonstrou um maior envolvimento. Em 1969, realizou ação pioneira em Sergipe; com o início da transmissão do sinal de televisão na capital sergipana, protagonizou uma série de palestras

⁵⁶ O árbitro de futebol e comentarista Arnaldo Cezar Coelho nasceu no Rio de Janeiro em 15 de janeiro de 1943. Formado em Educação Física pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, especializou-se em futebol e arbitragem e cursou marketing esportivo na Pontifícia Universidade Católica (PUC/RJ). Após um curso na Federação Carioca de Futebol, em 1964, começou a apitar profissionalmente. Participou da cobertura de oito Copas do Mundo, a primeira em 1990. Em 1989, iniciou sua carreira de comentarista de futebol na Rede Globo e deixou a emissora em dezembro de 2018 (MEMÓRIA GLOBO, 2022).

⁵⁷ *Correio Brasiliense* – DF (10/11/1972. nº 3.985); *Jornal dos Sports* – RJ (10/11/1972. Ano XLI, nº 13.832); *Fluminense* – RJ (10/11/1972. Ano XCV, nº 21.229) e *Diário de Notícias* – RJ (10/11/1972. nº 15.351).

sobre assuntos voltados à Odontologia na Televisão de Sergipe (canal 4). De acordo com informações de Cavalcanti (1969), o jornalista ainda afirmou que Manoel Cardoso foi pioneiro na fluoretação da água em Sergipe, pioneirismo reivindicado por Carlos Magalhães, uma vez que seu mestrado realizado na Escola Nacional de Saúde do Rio de Janeiro aborda o tema de forma ampla.

Carlos Magalhães foi outro desses dentistas que se enveredaram pela vida política; em 1985, filiado à Aliança Renovada Nacional (ARENA), assumiu, como suplente, o mandato de Deputado Federal, na legislatura de 1983-1987, na vaga do Deputado Gilton Garcia. Afastou-se em 31 de janeiro de 1986. Ao analisarmos a vida desses dentistas, percebemos outras situações de vida que foram comuns a eles, a exemplo da paixão por futebol. Embora João fosse apenas um espectador, Manoel Cardoso foi mais adentro, como escrito anteriormente; já Carlos Magalhães espalhava essa paixão pelas ondas do rádio, sua carreira como jornalista esportivo começou quando ainda estudava Odontologia na capital alagoana, onde foi repórter esportivo da Rádio Gazeta de Alagoas, ao retornar a Aracaju exerceu a profissão nas Rádios Jornal, Cultura, Liberdade e Difusora. Em 1970, foi narrador da Copa do Mundo, que ocorreu no México; segundo Santos (2002), o rádio possibilitou ao jornalista fazer amizades por todo o Brasil e em outras partes do mundo, em outras palavras, seu trabalho na imprensa esportiva lhe deu a oportunidade de ampliar sua rede de sociabilidade.

Para Sirinelli (2003, p. 248):

Todo grupo de intelectuais organiza-se também em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver. São estruturas de sociabilidade difíceis de apreender, mas que o historiador, não pode ignorar ou subestimar.

Sirinelli (2003) aplica o conceito de rede social concretamente às práticas e áreas de atuação dos homens de letras: os conselhos editoriais de revistas, os conselhos editoriais de editoras, manifestos e petições, as vivências de espaços específicos como salões e concertos da alta sociedade, ginásios, livrarias e gráficas, assim como cafés e confeitarias, reveladores de uma sociabilidade boêmia e marginal. Mas na prática esses espaços podem ser ampliados a locais de mediação e produção de cultura. A Odontologia, a docência e a política foram íntimas desses três dentistas, sendo essa última uma atividade momentânea; no entanto, outra atividade foi comum a eles, não somente a eles, mas a quase todos os homens dessa geração de professores, o serviço militar.

3.2.2 As Forças Armadas na vida dos dentistas professores

O serviço militar brasileiro passou por diversas modificações desde sua criação em 1542. A Constituição de 1891 aboliu o recrutamento forçado e estabeleceu o recrutamento pelo voluntariado, e, na falta de voluntário, seria realizado pelo sorteio, situação que perdurou até 1945, quando foi alterado de sorteio para convocação (BRASIL, 2022). Não sabemos como ocorreu o processo convocatório dos atores desta tese, mas, a partir da década de 1940, muitos desses jovens que vieram compor a primeira geração de professores dentistas da UFS serviram às forças armadas. O quadro 09 reúne algumas informações a respeito desses dentistas professores e do período em que foram alistados.

Quadro 09: Serviço Militar

Nome	Título
Lélio Passos de Guimarães Fortes	Aspirante Oficial R/2 – S/N
Manoel Cardoso Barreto	Reservista 3ª Categoria
José Reis da Cunha	Reservista 2ª Categoria
João de Andrade Garcez	Reservista
Afrânio José de Bastos	Reservista 3ª Categoria
Edildécio Andrade Vieira	2º Tenente
Fernando dos Santos Vasconcelos	Reservista 3ª Categoria
Carlos José Magalhães de Melo	Reservista 2ª Categoria
Armando Rodrigues de Brito	Aspirante Oficial R/2 – Dentista
Fabiano da Silva Aguiar	Cirurgião-Dentista da Marinha
Jessé Oliveira de Andrade	Capitão do Exército

Fonte: Ficha de inscrição no Conselho Regional de Odontologia.

A partir do quadro, é possível perceber que, embora todos os homens dessa geração tenham se alistado no Serviço Militar, nem todos serviram. Dentre os dentistas que passaram pelos batalhões das Forças Armadas tivemos Lélio Fortes, José Reis, Edildécio Vieira, Carlos Magalhães, Armando Brito, Fabiano Aguiar e Jessé Oliveira, sendo esses dois últimos os mais atuantes.

Fabiano Aguiar começou carreira nas Forças Armadas com sua aprovação no concurso da Escola de Sargentos da Aeronáutica de Fortaleza como Mecânico de Aviação; permaneceu na Aeronáutica na Base Aérea de Fortaleza ocupando o posto de sargento até concluir sua graduação, quando prestou concurso para o corpo de saúde da Marinha do Brasil e foi aprovado em 1969. Foi designado para assumir o cargo de cirurgião-dentista na Capitania dos Portos em Aracaju/SE.

Dos amigos que fez em Sergipe, criou uma relação muito próxima com Jessé; este entrou para a Escola de Sargento das Armas em 1949, onde iniciou sua carreira militar. Em janeiro de 1950, foi transferido para Aracaju, onde começou a servir no 28º Batalhão de Caçadores (28º BC); ainda no ano de 1950, foi transferido para a Companhia de Canhões Anti-Carros (CCAC), onde foi incluído na função de Furriel⁵⁸. Em dezembro de 1951, solicitou remoção para o Colégio Militar do Rio de Janeiro e foi efetivado em fevereiro de 1952.

Durante o período entre 1952 e 1967, muita coisa aconteceu na vida de Jessé; após se formar em Odontologia, ele foi promovido para o posto de 1º Tenente Dentista; logo depois, ainda no ano de 1967, foi lotado na 4ª Companhia de Fronteira (localizada em Rio Branco/AC), tendo de se mudar com sua família para a capital, Rio Branco. Porém, sua estadia no Acre não foi muito longa, conseguiu transferência para Aracaju, voltando ao 28º Batalhão de Caçadores de Aracaju, mas agora com uma outra patente. No processo de retorno à capital sergipana, uma tragédia aconteceu na vida dele e de muitas pessoas: no percurso entre as cidades de Rio Branco e Guajará-Mirim, o avião, em que ele, a esposa Ester e mais 43 pessoas (entre passageiros e tripulantes) estavam, teve uma pane em um dos motores e caiu na Floresta Amazônica. A notícia foi amplamente divulgada por diversos veículos de comunicação da época, principalmente pelo fato de o avião (Catalina prefixo FAB 6521 a serviço do Correio Aéreo Nacional (CAN)) ter ficado desaparecido por vários dias. De acordo com o *Jornal O Imparcial* (1968), no acidente quatro pessoas morreram; o acidente ocorreu no dia 8 de fevereiro, mas os destroços da aeronave e os sobreviventes só foram localizados no dia 10.

O destino desses dois homens foi marcado por dificuldades dentro e fora das Forças Armadas. Jessé perdeu o pai quando ainda era criança, e Fabiano perdeu a mãe. Os “destinos individuais” já se traçam individualmente no “ser um com o outro” no mesmo mundo e na mesma situação de fechamento diante de certas possibilidades. O poder do “destino coletivo” é liberado antes de tudo na comunicação e na luta. O que constitui o próprio acontecimento do “estar aí” é o “destino comum” individualmente destinado do “estar aí” em e junto com sua “geração” (MANNHEIM, 1993).

Além daqueles dois dentistas, encontramos Carlos Magalhães servindo temporariamente ao Exército depois de ser convocado pelo Exército por conta do bom desempenho que havia demonstrado no curso de datilografia de que participou, ministrado pelo professor Ximenes. Começou no 28º Batalhão de Caçadores, servindo ao Exército por ano; pela rede de sociabilidade que o pai (Carlos Melo) possuía no alto escalão das Forças Armadas,

⁵⁸ Antiga graduação militar superior a cabo e inferior a sargento.

acabou por desempenhar funções mais amenas dentro da corporação. Esse fato causava descontentamento entre alguns dos seus superiores, o que colocava Carlos Magalhães em situações um pouco desagradáveis.

Para alguns dos professores dentistas aqui estudados, o serviço nas Forças Armadas foi algo momentâneo, mas para Jessé e Fabiano a atividade militar fez parte de suas identidades; mesmo exercendo a Odontologia dentro das corporações de que cada um fez parte, eles eram vistos por seus alunos na UFS como militares.

Ao analisarmos a trajetória desses professores dentistas, trajetória como um ciclo da vida, como uma etapa da vida, percebemos o engajamento desses intelectuais para se tornarem professores capazes de formar novos profissionais da Odontologia. A partir dessa percepção, encontramos em Nóvoa (2017) uma ideia do que seria tornar-se professor. Para o autor, “aprender a ser professor exige um trabalho metódico, sistemático, de aprofundamento de três dimensões centrais” (p. 1121): a primeira é o desenvolvimento de uma vida cultural e científica, a segunda é a dimensão ética, a construção de um *ethos* profissional, e a terceira dimensão é a compreensão de que um professor tem de se preparar para agir num ambiente de incerteza e imprevisibilidade, em suma, “tornar-se professor é transformar uma predisposição numa disposição pessoal” (NÓVOA, 2017, p. 1121).

No exercício profissional humano, há uma trama entre as dimensões pessoais e as dimensões profissionais. No caso da docência, essa ligação se dá entre aquilo que somos e a maneira como ensinamos (NÓVOA, 2017). Para muitos dos dentistas da primeira geração de professores do curso de Odontologia, ser professor foi uma missão desafiadora de início, pois eles tinham o conhecimento científico, mas não tinham um método de ensino que lhes desse uma ancoragem, por mais que eles tivessem passado por cursos de aperfeiçoamento em metodologia do ensino, mas, com o passar dos anos, eles incorporaram a profissão docente ao seus *ethos* profissional.

3.3 COMPOSIÇÃO DE UMA GERAÇÃO

A diversidade de atuação que percebemos nesse grupo de professores nos fez pensar em uma maneira de elencá-los buscando apresentar os pontos comuns entre eles. Isso porque, embora haja uma heterogeneidade entre os locais de nascimento, de estudo e de trabalho, pontos de interseção também existem.

Entre as características comuns a esses intelectuais está a atividade clínica em consultório particular; com exceção de Fabiano e Jessé, que exerciam suas atividades nas Forças

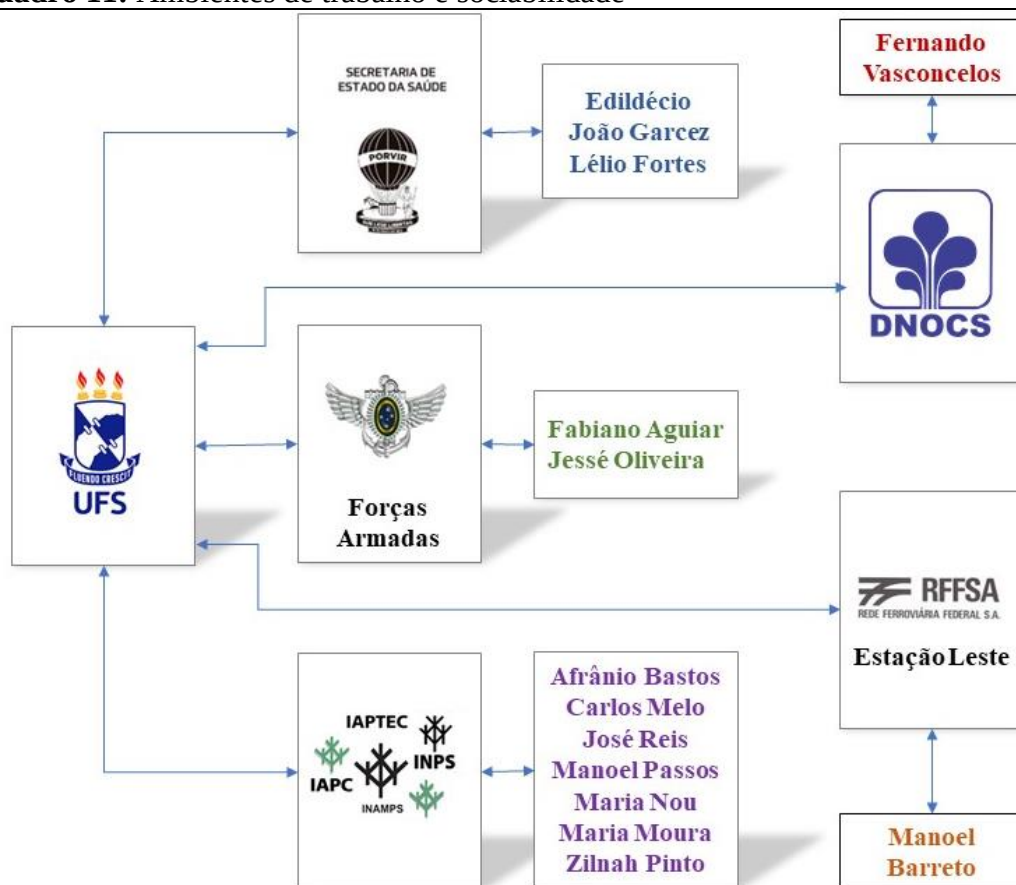
Armadas, todos os outros dentistas até aqui estudados tinham consultório particular, como mostra o quadro 10, a seguir.

Quadro 10: Onde esses dentistas atendiam.

Nome	Endereço do consultório
Afrânio José Bastos	Edifício Mayara, sala 211
Armando Rodrigues de Brito	Edifício Cidade de Aracaju, sala 505
Carlos José Magalhães de Melo	Edifício Mayara
Edildécio Andrade Vieira	Edifício Mayara, sala 210
Fernando dos Santos Vasconcelos	Edifício Mayara, sala 211
João de Andrade Garcez	Rua João Pessoa, prédio da Agência Ford
José Reis Cunha	Edifício Cidade de Aracaju, sala 117
Lélio Passos de Guimarães Fortes	Praça Olímpio Campos, 366
Manoel Cardoso Barreto	Edifício Aliança, Rua Laranjeiras, 274, 2º Andar
Manoel Menezes Passos	Rua Maruim, 125
Maria José Moura	Edifício Aliança, Rua Laranjeiras, 274
Maria Linhares Nou	Rua Estância, 463
Zilnah Pinto Maciel	Rua Silvio César Leite, 517

Fonte: Quadro elaborado pelo autor com base nos registros da SOSE.

Pelo que pode ser observado, o Edifício Mayara era o espaço em que se concentrava o maior número de dentistas dessa geração. Não conseguimos descobrir, até o momento, em qual sala atendiam Carlos Magalhães, João Garcez e Maria Moura; além disso, alguns deles mudaram de endereço de consultório com o passar dos anos, e outros pararam de clinicar de forma particular. Uma outra coisa que nos chamou atenção e que não percebermos até a elaboração desse quadro foi o fato de Afrânio Bastos e Fernando Vasconcelos dividirem, além da mesma profissão, a naturalidade e o local de formação, também compartilharam o mesmo consultório, uma situação interessante e única nesse grupo. Todos esses dentistas que vieram a compor o corpo docente do curso de Odontologia da UFS também exerceram sua profissão em órgãos públicos (quadro 11).

Quadro 11: Ambientes de trabalho e sociabilidade

Fonte: Quadro criado pelo autor.

No levantamento que realizamos para elaborar o quadro 11, percebemos que a maioria dos dentistas trabalhou em órgãos ligados à seguridade social (INAMPS, INPS, IAPTEC e IAPC), outros três eram funcionários do Estado: Lélio Fortes, que também trabalhou no SAME – Lar de Idosos Nossa Senhora da Conceição; Edildécio Vieira, que foi dentista do SESI, e João Garcez, que trabalhou no Hospital de Cirurgia e também desempenhou atividade profissional no IAPC e no INPS. Já Fabiano Aguiar e Jessé Andrade, ambos serviam nas Forças Armadas (o primeiro trabalhou na Aeronáutica e posteriormente na Marinha, e o segundo serviu ao Exército). Outro que serviu ao Exército como dentista foi Armando Brito, mas, diferente dos outros dois, sua atuação foi temporária, por isso ele não apareceu no quadro, sem contar que não conseguimos descobrir em quais outros locais, além do consultório particular e da UFS, ele trabalhou.

As imagens desses dentistas realizando atendimento a pacientes em seus consultórios são poucas, mas a imagem 22 dá uma ideia de como eram esses ambientes de trabalho e de estudo (no caso das fotografias de Zilnah Maciel).

Imagem 22: Dentistas em seus locais de trabalho e estudo

Fonte: Arquivos particulares das Famílias de João Garcez e Zilnah Maciel.

Na primeira fotografia, vê-se João Garcez em seu consultório em atendimento a um paciente; a segunda tem Zilnah Maciel e uma colega de faculdade em um dos laboratórios do curso de Odontologia, e, na terceira, vemos, ainda na faculdade, Zilnah Maciel atendendo um paciente. Analisando as imagens, percebemos um padrão de biossegurança diferente do que percebemos hoje nos consultórios odontológicos e nos cursos de Odontologia: a ausência do

uso de jalecos e máscaras, e a touca como um acessório, e não como um item de proteção. E esse *modus operandi* permaneceu dessa forma até o início dos anos de 1980⁵⁹.

Dos intelectuais aqui elencados, Fernando Vasconcelos foi aquele sobre quem mais encontramos informações relacionadas ao campo de trabalho. Fora o atendimento em consultório privado, a UFS e o Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DENOCS), ele trabalhou no Lar Fabiano de Cristo, na Secretaria Estadual de Saúde e na Caixa de Pecúlio dos Militares. O local de trabalho também foi para esses intelectuais um espaço onde suas redes de sociabilidade foram criadas, cultivadas e ampliadas. Após levantarmos esses dados, refletimos sobre o que escreveu Sirinelli (2003, p. 248): “o meio intelectual constitui, ao menos para seu núcleo central, um ‘pequeno mundo estreito’, onde os laços se atam”, e esse mundo estreito possuía laços criados entre esses intelectuais desde 1957, ou até mesmo antes, visto que oito deles (53,34%) faziam parte da Sociedade Civil Faculdade de Odontologia de Sergipe quando ela foi criada.

Uma das características que os estudiosos atribuem ao conceito de intelectual diz respeito à produção de cultura, e, quando paramos para analisar a produção intelectual dessa geração de professores, encontramos um número muito restrito de publicações. É de nosso conhecimento que a maior parte desses professores participava constantemente de atividades de difusão de saber, no caso, de congressos, simpósios e jornadas, porém apenas dois deles publicaram livros, ou similares: o primeiro deles foi Carlos Magalhães de Melo, que, após concluir o mestrado no Rio de Janeiro, publicou sua dissertação em formato de livro⁶⁰ através da Editora Regina, no ano de 1967, intitulada *Fluoretação de Água no Brasil: análise sócio-econômica e cultural* (Anexo 01). A segunda publicação foi de autoria de José Reis da Cunha, 17 anos depois, no ano de 1984, quando publicou um atlas (*Atlas de Anestesia Local e de Cirurgia Exodôntica com Fórceps*) que, em sua primeira edição, foi prefaciado pelo Chefe do Departamento de Odontologia na época, o professor Fernando Vasconcelos, no qual ele escreveu:

⁵⁹ A década de 1980 marcou o início das primeiras discussões e pesquisas sobre biossegurança odontológica, quando o problema da AIDS foi exposto e a contaminação por incidentes de saúde ocupacional foi relatada pela primeira vez. A década também viu publicações sobre controle de infecção odontológica que alertaram a comunidade de saúde para os perigos da transmissão ocupacional de agentes infecciosos, obrigando o setor a aprimorar os métodos de prevenção de riscos de contaminação empregados pelos dentistas (ARANTES et al., 2015).

⁶⁰ Livro digitalizado disponível no endereço:

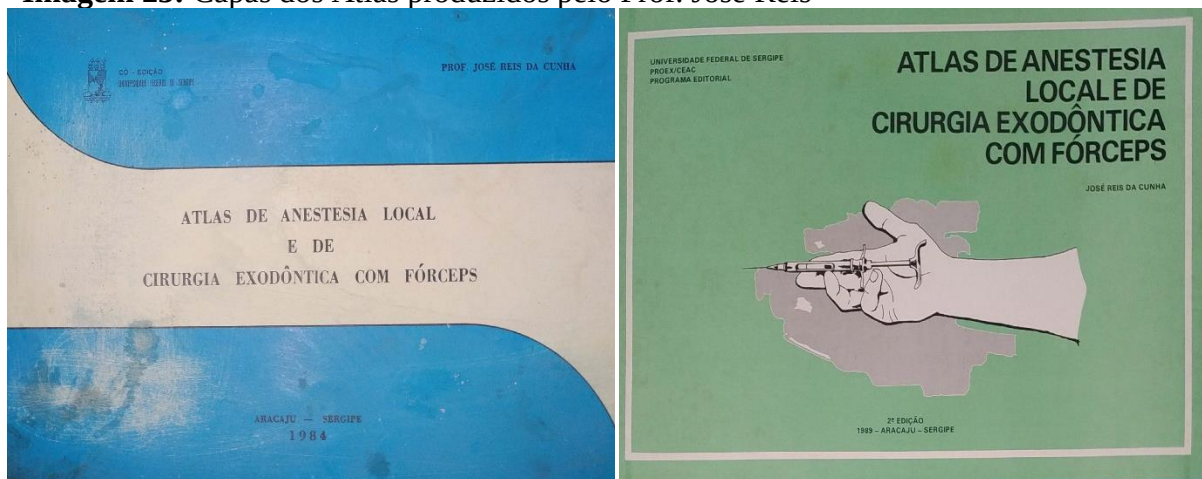
http://www.cecol.fsp.usp.br/dcms/uploads/arquivos/1537961158_Melo-Fluoreta%C3%A7%C3%A3o%20de%20%C3%81gua%20no%20Brasil%20-%20eBook%20-%201969.pdf.

O professor José Reis da Cunha, titular da disciplina de Exodontia do Curso de Odontologia da Universidade Federal de Sergipe, tem demonstrado na sua vida profissional qualidades que o colocam em merecido lugar de destaque. Além das atividades próprias de lecionar, as quais executa com brilho invulgar, transmitindo a seus alunos conhecimento científico e técnicas exodônticas avançadas, preocupa-se sobremaneira com a divulgação de temas ligados a sua especialidade, publicando obras de reconhecimento nacional, e que agora se reforça com o “Atlas de Anestesia Local e de Cirurgia Exodôntica por Fórceps”.

Publicação de conteúdo indiscutível e altamente didática, apresenta-se como um trabalho não só destinado a alunos, como aqueles que exercem atividades docentes na área e ainda a todo cirurgião-dentista que busca virtuosismo profissional. Suas qualidades, a bagagem e méritos do seu autor, justificam nossa satisfação e grande honra de prefaciá-la (CUNHA, 1984, s/p).

A escrita do professor Fernando Vasconcelos aponta que José Reis já havia realizado outras publicações, contudo somente encontramos o referido Atlas em duas edições (imagem 22): a primeira, publicada em 1984, e a segunda, publicada em 1989, ambas realizadas em parceria com a Universidade Federal de Sergipe.

Imagem 23: Capas dos Atlas produzidos pelo Prof. José Reis



Fonte: Acervo pessoal do autor.

José Reis descreveu em seu currículo *vitae* que publicou diversos trabalhos em jornais e revistas ligadas à Odontologia, um esboço de livro sobre o tema “Metodologia Hipnoterapêutica”, ele foi o precursor da aplicação da hipnose em tratamento odontológico no Estado de Sergipe; o livro *Técnicas Anestésicas nas Exodontias Dentárias Múltiplas*, que estava para ser publicado; o livro *Técnicas de Anestesia Local*, publicado em 1981, além das duas edições do atlas referido anteriormente, que estava sendo preparado para uma terceira edição.

Outra realização muito relevante de sua carreira científica foi a criação de um extrator dentário cuja patente foi tentada no Instituto Nacional de Propriedade Industrial, com a carta

patente nº M14800521, que não foi aceita, mas, conforme os familiares, alguns anos depois, uma empresa se apropriou do projeto do Prof. José Reis e acabou conseguindo registrar o mesmo instrumento com um número de patente diferente e produziu o instrumento. Embora essas informações sejam de grande relevância, não conseguimos encontrar alguns dos produtos do trabalho do referido professor, e a ausência de informações sobre ele na plataforma Lattes do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (a referida plataforma foi criada em 1999, por isso não encontramos nela informações sobre o Prof. José Reis, bem como de nenhum outro intelectual dessa primeira geração de professores) ou em qualquer outro meio de resguarda de informação dificultou o confronto de fontes.

Como foi mostrado anteriormente, a maioria se graduou na Faculdade de Odontologia da Bahia, 73,33% deles; 13,33% graduaram-se na Universidade do Brasil; 6,67%, na Faculdade de Odontologia da UFC, e 6,67%, na Faculdade de Odontologia da UFAL. Já no que se refere à formação inicial, não tivemos a mesma facilidade para encontrar as instituições de ensino onde esses dentistas estudaram. O quadro 12 traz algumas informações a respeito dos colégios que eles frequentaram antes de entrarem nas faculdades.

Quadro 12: Instituições de ensino frequentadas por essa geração

Aluno	Colégio/Escola
Afrânio José Bastos	Colégio Brasil (Salvador/BA) Colégio de Dona Maurina (Salvador/BA) Colégio de Dona Isaura (Salvador/BA) Colégio das Irmãs Meireles (Salvador/BA) Colégio Carneiro Ribeiro (Salvador/BA)
Armando Rodrigues de Brito	
Carlos José Magalhães de Melo	Colégio da Prof ^a . Zefinha (Propriá/SE) Colégio do Salvador (Aracaju/SE) Colégio Jackson de Figueiredo (Aracaju/SE) Colégio Atheneu Sergipense (Aracaju/SE) Colégio Tobias Barreto (Aracaju/SE)
Edildécio Andrade Vieira	Colégio Atheneu Sergipense (Aracaju/SE)
Fabiano Silva Aguiar	Colégio São Luiz de Gonzaga (Parnaíba/PI) Escola de Sargentos da Aeronáutica (Fortaleza/CE)
Fernando dos Santos Vasconcelos	Colégio Marques de Abrantes (Salvador/BA) Colégio Estadual da Bahia (Salvador/BA)
Jessé de Oliveira Andrade	Escola de Sargentos das Armas (Rio de Janeiro/GB)
João de Andrade Garcez	Grupo Escolar Manoel Dantas (Maruim/SE) Colégio Salesiano (Aracaju/SE)

	Colégio Atheneu Sergipense (Aracaju/SE)
José Reis Cunha	Educandário Jackson de Figueiredo (Aracaju/SE) Colégio Atheneu Sergipense (Aracaju/SE)
Lélio Passos de Guimarães Fortes	Colégio Tobias Barreto (Aracaju/SE) Colégio Atheneu Sergipense (Aracaju/SE)
Manoel Cardoso Barreto	Colégio Antônio Vieira (Salvador/BA)
Manoel Menezes Passos	Colégio Atheneu Sergipense (Aracaju/SE)
Maria José Moura	Grupo Escolar Manoel Luiz (Aracaju/SE)
Maria Linhares Nou	Colégio Atheneu Sergipense (Aracaju/SE)
Zilnah Pinto Maciel	

Fonte: Quadro elaborado pelo autor.

A partir da análise do quadro, é possível compreender a heterogeneidade de instituições de ensino frequentadas por essa geração; entre eles, Afrânio e Carlos Magalhães foram os que passaram por um maior número de colégios diferentes (cinco cada um deles). Não encontramos até o momento dados sobre a formação básica de Zilnah Maciel e Armando Brito. Visando ainda o quadro, percebemos a importância que o Colégio Atheneu teve na vida de alguns desses profissionais, uma vez que seis deles foram alunos da referida instituição. Sem contar que Jessé Andrade recebeu seu Certificado de Conclusão do Curso Ginásial pelo Colégio Estadual de Sergipe (Atheneu Sergipense) através de realização do exame de madureza, visto que ele não foi aluno regular do Colégio. Uma outra informação relevante a respeito do Colégio é que Manoel Cardoso Barreto exerceu três funções diferentes nessa instituição de ensino: foi dentista, professor de Biologia e diretor.

Não sabemos exatamente o período em que ele desempenhou cada função, porém, no quadro de diretores existente no Colégio, Manoel Cardoso aparece como diretor entre os anos de 1960 e 1963; já Caldas (2020) afirma que o período foi entre 1961 e 1963, entretanto a ata de congregação do Colégio⁶¹ (datada de 02 de março de 1962) afirma a presença de Manoel Cardoso na sessão, mas informa a ausência do diretor da instituição. Outra ata (datada de 07 de agosto de 1963) contou com a presença do dentista, mas apontou José Silvério Leite Fontes como diretor do Colégio, sendo que esse último não aparece na lista dos diretores da instituição de ensino; já Manoel Nunes Barreto (filho do dentista) afirmou em entrevista que o pai foi

⁶¹ Essas atas estão no Centro de Memória do Atheneu Sergipense, dispostas no fundo 1273 FASG101 caixa 06.

diretor do Atheneu na época em que José Rollemberg Leite foi Governador do Estado⁶², o que dificulta mais a determinação específica dessa data, visto que as fontes são divergentes.

A divergência entre informações encontradas durante as pesquisas é algo costumeiro na atuação do pesquisador, por isso buscar novas informações para fundamentar a escrita é sempre imprescindível. No contexto aqui abordado, as divergências das fontes nos fazem pensar o quanto ainda temos a descobrir sobre essa geração de professores e suas relações sociais, pois, a partir da perspectiva de Sirinelli (2003), essas relações – também chamadas de estruturas ou redes de sociabilidade – constituem uma ferramenta interpretativa para entender a organização e a dinâmica dos domínios do conhecimento e suas amizades e animosidades, seus vínculos e posições dentro de um ambiente.

Os ambientes (ou microcosmos, que, segundo Bourdieu (2021), se apresentam como espaços de relações objetivas que são o lugar de uma lógica e uma necessidade específica irreduzível àquelas que regem os campos) onde esses dentistas se fizeram presentes, desde a Instituição de Ensino Superior em que se formaram até o ingresso na UFS como professores, muito contribuíram para suas formações intelectuais e morais, bem como contribuíram para a formação de uma nova geração de dentistas e futuros professores de Odontologia.

⁶² José Rollemberg foi Governador de Sergipe por dois mandatos: de 1947 a 1951 e de 1975 a 1979.

4 DENTISTAS PROFESSORES E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA FORMAÇÃO DE NOVOS PROFISSIONAIS DA ODONTOLOGIA

O curso de Odontologia foi instalado na Universidade Federal de Sergipe no ano de 1970. Ele teve sua inclusão para o vestibular no mês de dezembro de 1969, retificando o edital de abertura de inscrições para o vestibular de 1970. Por meio do ofício GR. 255/69 o Magnífico Reitor resolveu incluí-lo no vestibular do ano seguinte, e pelo referido ofício ele afirmou:

Esta REITORIA está resolvida a solicitar aos Egrégios Conselhos Superiores da Universidade, caso não se apresentem razões fundamentadas em contrário, a autorização competente para iniciar a implantação do Curso de Odontologia, abrindo vagas para o mesmo já no Concurso Vestibular, a realizar-se em janeiro próximo. E assim o decidiu, concluindo das seguintes considerações:

- 1) Os Estatutos em vigor da Fundação Universidade Federal de Sergipe, em seu Art. 23 parágrafo 29, determinam que, dentro do menor prazo possível, a Universidade instalará e fará funcionar o Curso de Odontologia, mantendo assim o propósito expresso no Art. 185 dos primeiros Estatutos a Fundação, adaptado as exigências da Reforma universitária
- 2) com a denominação de Faculdade de Ciências Médicas, já integra a relação dos estabelecimentos constantes do referido Art. 23 a Unidade Universitária em que deverão funcionar os Cursos:
 - a) de Medicina
 - b) de Odontologia
 - c) outros da mesma área de conhecimento. (UFS, 1969, p. 1).

A inserção do curso de Odontologia para o vestibular de 1970 abriu a possibilidade para que outros cursos no campo da Saúde pudessem ser criados dentro da UFS. O referido curso iniciou suas atividades em abril de 1970, e os alunos aprovados no vestibular iniciaram o curso básico juntamente com os alunos do curso de Medicina, e assim se seguiu até o ano de 1971. Em 1972, os alunos iniciaram o ciclo profissional, no qual teriam disciplinas específicas da Odontologia, e para isso foi necessária a inclusão de professores dentistas no curso.

A preocupação da UFS com o início do ciclo profissional foi perceptível na Portaria nº 81, datada de 27 de abril de 1971, na qual o vice-reitor (Luiz Bispo) no exercício da reitoria determinou que os estudos preliminares para início do referido ciclo deveriam contar com membros da Sociedade Odontológica de Sergipe, com os diretores dos cursos afins⁶³ ou

⁶³ Entendemos como cursos afins o curso de Medicina (grifo nosso).

relacionados na UFS. Alguns representantes de cada área foram selecionados para compor o grupo de estudos, entre eles o professor José Lopes Gama representando a área de Ciências Exatas e Naturais, os professores Fernando Sampaio e Albino Figueiredo Melo como representantes da Faculdade de Medicina, o professor Alexandre Gomes de Menezes representando o Instituto de Biologia, mas uma coisa nos chamou atenção: foi que, como representantes dos dentistas, foram convocados Lélío Fortes, João Garcez e Fernando Vasconcelos, ou, melhor dizendo, como representantes da Sociedade Odontológica. Embora saibamos que os membros da SOSE eram basicamente os mesmos da Sociedade Civil Faculdade de Odontologia, por que essa última não foi a instituição convocada? Por ora, essa é uma questão sem resposta.

A escolha dos membros da SOSE se deu por parte do presidente da entidade na época, Lélío Fortes, e, a pedido do Reitor em exercício, ficou incumbido de indicar três nomes para compor o grupo de trabalho. Em resposta ao ofício da reitoria, o presidente da SOSE indicou os três dentistas citados anteriormente (Anexo 02). Tudo isso ocorreu no final de abril de 1971, e a urgência dos trabalhos era tamanha que, no início de maio daquele ano, o dentista Fernando Vasconcelos foi realizar visitas nas Universidades Federais de Pernambuco e da Paraíba a fim de observar o funcionamento dos cursos de Odontologia das respectivas instituições de ensino.

Dentre as atividades do grupo de trabalho estavam organizar a grade curricular do curso, a carga horária, um concurso de professores, os equipamentos e a biblioteca. Mas não vamos nos deter a todas essas atividades, uma vez que Jesus (2018) já abordou a maior parte delas em seu trabalho. Entretanto, o concurso para professores será de grande importância para entendermos como os professores dentistas ingressaram como docentes na UFS.

4.1 O PRIMEIRO CONCURSO PARA PROFESSORES DENTISTAS NA UFS

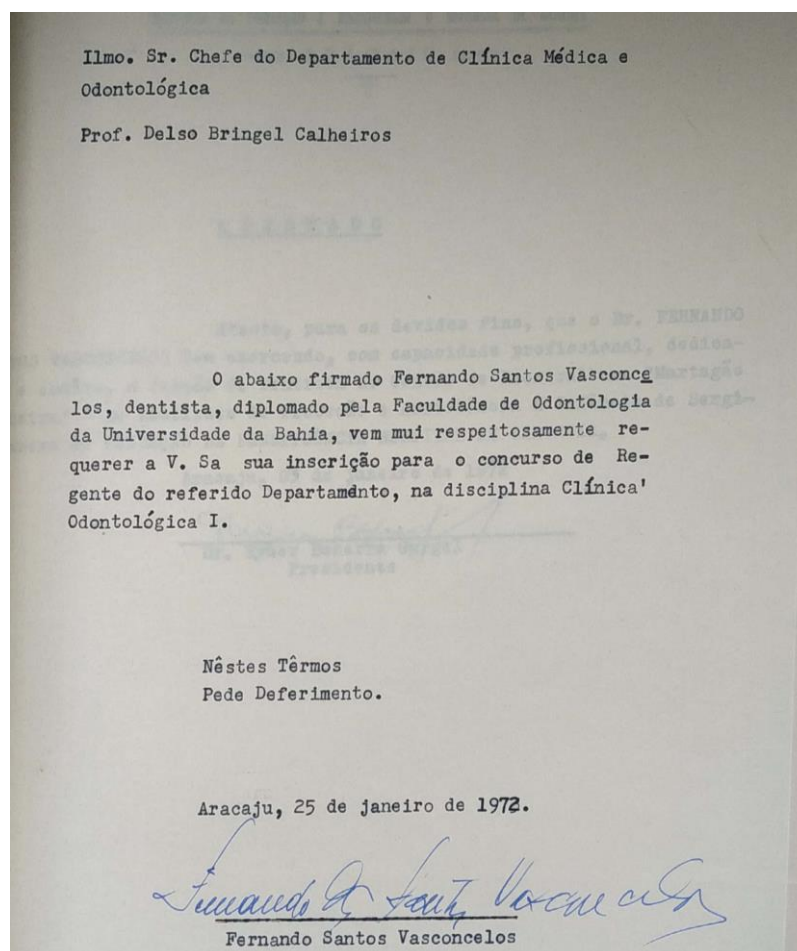
Durante as entrevistas realizadas nesta pesquisa, uma das questões que mais nos despertou interesse foi o ingresso desses dentistas no quadro de professores do curso de Odontologia, haja vista que não encontramos editais para o concurso, e, em uma entrevista realizada com Antônio Rezende de Almeida (2017) (um ex-aluno do referido curso), ele nos deu a seguinte informação:

[...] eu estava dentro da universidade, fiz o primeiro ano e o segundo ano aqui, quando [...] estavam formando o quadro de professores, em Aracaju naquela época só tinha formado no máximo 50 dentistas que estavam para ser escolhidos, escolhidos como professores, e não concursados, [...] alguns

professores não tinham um respaldo científico para dar as matérias, ensinar as matérias do curso profissional, então, eu fiz a opção de sair daqui e concluir meu curso fora [...] (ALMEIDA, 2017).

No que diz respeito ao respaldo científico para ministrar as disciplinas, essa era uma questão que até mesmo os próprios professores relatavam. Em entrevista realizada com o professor Afrânio Bastos em 2017, ele afirmou que a entrada dos professores para o corpo docente do curso de Odontologia se deu realmente por escolha própria, como foi o caso do professor Fernando Vasconcelos (imagem 23), já outros foram apontados pelo presidente da Sociedade Odontológica de Sergipe devido à pouca quantidade de dentistas formados no Estado naquela época.

Imagem 24: Solicitação para inscrição no concurso para professor da disciplina Clínica Odontológica I



Fonte: Arquivo particular da família do professor Fernando.

Ao se referir ao professor “apontado”, na verdade foi mais que uma sugestão ou mesmo uma indicação, foi por meio da pressão, uma vez que o presidente da SCFO, João Garcez, assumiu a presidência da Sociedade Civil por insistência dos seus pares, após a saída de Serafim

Gonçalves e João Simões. E, quando o curso de Odontologia estava próximo a iniciar o ciclo profissional, como poucos membros da sociedade tinham experiência docente, alguns deles foram pressionados pelo próprio João Garcez para participarem do concurso.

De acordo com Jesus (2018, p. 121):

Embora tenha existido indicação de dentistas da SOS para ser professor do referido curso, as fontes documentais nos mostraram que houve um processo seletivo. Entre os relatos de Afrânio Bastos e de Antônio Rezende encontramos pontos comuns, pois, para ambos, os dentistas não tinham preparo para dar aula, ainda segundo Bastos (2017), para suprir essa deficiência dos futuros professores, eles passaram por diversos cursos de curta duração a exemplo de um curso de didática com duração de um mês e meio. Segundo ele os que aceitaram participar da primeira etapa do processo seletivo se reuniram para se aperfeiçoar [...].

A partir dessa citação, podemos perceber alguns pontos de grande importância acerca dessa geração de professores. O primeiro é o processo seletivo, que serviu apenas como um protocolo para a contratação dos professores, uma vez que a prova se deu como uma aula expositiva em que cada aspirante a professor(a) era avaliado(a) por uma banca, e algumas delas eram formadas por outros colegas que eram membros da SOSE, a exemplo da banca avaliadora de Maria José Moura, que foi composta por João de Andrade Garcez, Maria Linhares Nou e Fernando Vasconcelos, segundo informação passada por Moura (2021), que esteve presente no momento da prova, auxiliando a tia com a passagem dos slides. Fernando também participou da banca de avaliação da disciplina Ortodontia, na qual Manoel Cardoso foi aprovado.

A forma de avaliação do referido processo seletivo seguiu um modelo que já existia na UFS (Anexo 03): era uma prova-aula na qual uma série de questões eram levadas em consideração, como, por exemplo, a postura e a aparência do candidato, além de questões didáticas como organização da aula e habilidade de ensinar, domínio do assunto, acessórios de ensino, controle do tempo e verificação da aprendizagem. Ao observar os pontos na folha de avaliação, podemos discordar de Jesus (2018) quando baseado num relato de Bastos (2017): eles afirmam que Valter Bastos foi aprovado para ministrar a disciplina Radiologia, porém, devido ao seu nervosismo durante a primeira aula, acabou desistindo. Na verdade, ele não foi aprovado. O outro que prestou concurso foi o dentista Raimundo Almeida, que, de acordo com Bastos (2017), ministraria a disciplina Materiais Dentários, porém a aula que deveria durar 50 minutos ele deu em 5, sendo o controle do tempo um dos critérios de avaliação, o que levou Raimundo à reprovação. Fazemos essa afirmação ao constatar que um(a) dos(as) dentistas que concorreram com Valter Bastos foi Maria Linhares Nou, que foi a aprovada para a disciplina

Radiologia Odontológica, e um dos que concorreram com Raimundo Almeida à vaga de professor da disciplina Materiais Dentários foi Fabiano Aguiar, que foi aprovado e ficou com a cátedra da disciplina.

Em uma conversa informal com o dentista Luciano Aguiar, ele disse que João Simões também participou do processo seletivo para professor do curso de Odontologia, porém foi reprovado. Isso nos leva a crer que o evento se deu pelo fato de que os membros da banca de seleção eram todos membros da SOSE, e seu desentendimento com os membros da Sociedade Odontológica era algo ainda inflamado; assim, para mostrar que era capaz e que o processo seletivo beneficiava o Grupo remanescente da SOSE, ele prestou concurso para professor no curso de Odontologia de uma outra universidade e foi aprovado; embora não tenhamos ainda outras fontes para confronto, essa informação nos chama bastante atenção. Isso porque esse fato nos leva a refletir sobre as disputas que ocorrem em um determinado campo, neste caso, o campo intelectual, que, segundo Bourdieu (2002), não é um espaço neutro de relações interindividuais, ele se estrutura como um sistema de relações em competição e conflito entre grupos, situações em diferentes posições, como um sistema de posições sociais a que estão associadas as posições intelectuais.

Nessa disputa intelectual, João Simões teve como concorrente Lélío Fortes, que obteve nota 9,3, como pode ser observado no fragmento da carta (imagem 25) que ele enviou para o seu ex-professor e colega Renato, agradecendo o envio do atestado de comprovação de estágio realizado na clínica do dentista, atividade realizada em meados de 1947, quando Lélío estava fazendo o curso de prótese dentária na cidade de São Paulo. No entanto, o fato de João Simões não ter sido aprovado no referido concurso não diminui a capacidade intelectual dele, uma vez que é unânime entre os dentistas que entrevistamos que João Simões era um dos odontólogos mais capacitados de Sergipe; o problema é que estava em uma posição de rejeição dentro do campo o qual ele ajudou a estruturar. Nesse sentido, Bourdieu (2002) nos faz lembrar de que o campo é um sistema autônomo, ou que busca a autonomia, sendo, assim, um produto de um processo histórico de autonomização e diferenciação interna, é legitimador da autonomização metodológica que permite indagar as relações que se estabelecem nesse sistema. Assim, à medida que o campo intelectual adquire autonomia e o status social dos produtores de bens simbólicos, os intelectuais tendem progressivamente a entrar no jogo dos conflitos entre frações da classe dominante por conta própria e não apenas por poder ou por delegação.

Imagem 25: Parte da carta enviada por Lélío Passos ao dentista Renato de São Paulo

Lélío Passos de Guimarães Fortes

CIRURGIÃO — DENTISTA
CONSULTÓRIO: PRAÇA OLÍMPIO CAMPOS, 428
FONE — 2113
ARACAJU — ESTADO DE SERGIPE

Aracaju, 16 de março de 1972

Prezado colega Dr. Renato:

Primeiramente desejo apresentar os mais sinceros agradecimentos pela presteza com que o prezado amigo enviou o atestado solicitado por mim, para a comprovação do meu estágio na sua clínica nos idos de 1947, tão valioso e que tanto me serviu. Mais uma vez os agradecimentos sinceros meus.

Como lhe mandei informar, fiz concurso/ para auxiliar de ensino da Faculdade de Odontologia / da Universidade Federal de Sergipe para a cadeira de Prótese Dentária I (Prótese unitária, aparelhos parciais removíveis e dentaduras) e fui aprovado em primeiro lugar, com média 9,3, em concurso público de // provas e títulos e assim, depois de 20 anos de profissão, iniciarei uma nova etapa em minha vida profissional como professor e seja o que Deus quiser.

A Faculdade de Odontologia da Universidade Federal de Sergipe iniciará este ano o curso Profissional - 3º ano -, pois os dois primeiros são ministrados no Instituto de Biologia, juntamente com Medicina e assim nós que fizemos concurso agora é que iniciaremos propriamente dito o curso de Odontologia.

A luta pela nossa Faculdade de Odontologia vem de vários anos, pois desde 1957 lutamos pela instalação de uma nossa Escola em Sergipe, sem êxito, pois começamos com uma Sociedade Civil Mantenedora, passamos para tentar uma escola estadual e com a implantação da Universidade, partimos para a inclusão e até que afinal conseguimos. A Faculdade está montada instalada e as aulas deverão começar nos primeiros // dias de abril.

Recebi com satisfação as notícias que o senhor e D. Judite vão passando bem.

Nós, eu e a Ester, vendo os filhos se de

Fonte: Acervo da família de Lélío Fortes.

Pelo conteúdo da carta, é perceptível que existia um grau de amizade, ou de sociabilidade, muito grande entre Lélío e Renato, e, pelo que nos mostraram as fontes, a relação aluno/professor tornou-se algo que ultrapassou os muros da instituição na qual Lélío realizou

seu curso de prótese. Embora Lélío dê detalhes da trajetória de luta do *ceto* odontológico para a concretização da Faculdade de Odontologia, é certo que o contato que eles tinham estava para além da Odontologia.

Como podemos perceber na carta, o concurso foi de provas e títulos, e, para aquela época, a maioria dos títulos apresentados foi certificado de Cursos de Aperfeiçoamento e de participação em Congressos e Palestras, além de Cartas de Estágio. No entanto, a aprovação no concurso era mais um dos requisitos para a contratação do professor.

O concurso ocorreu no início de 1972, em meio à Ditadura Civil-Militar; nesse período, a efetivação do aprovado em concurso para professor das Universidades Federais passava por uma avaliação das agências de repressão política, e, para Motta (2014), algumas universidades tomavam algumas precauções para evitar a contratação de esquerdistas; entre essas ações, havia a exigência de atestados de “bons antecedentes” expedidos pelos órgãos de segurança pública dos Estados. Essa foi uma prática iniciada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em 1968, mas se tornou uma solicitação comum com o passar dos anos, mesmo não existindo um amparo legal para tal; porém, a partir de 1971, os Órgãos de Informação (OIs) entenderam que os atestados não eram o bastante, uma vez que algumas pessoas os obtinham mesmo possuindo um passado político suspeito. Dessa forma, a Divisão de Segurança e Informação do Ministério da Educação e Cultura (DSI/MEC) resolveu interferir de maneira mais efetiva nos processos de contratação, passando a realizar um Levantamento de Dados Biográficos (LDB) que era realizado pela própria DSI, levantamento esse em que a agência consultava outros órgãos da comunidade de informação. Ainda assim, a maioria dos processos de contratação terminava sem registros negativos, principalmente quando o interessado era conivente com o regime, e a conclusão do processo era: “Sua ideologia é democrática” (MOTTA, 2014, p. 227).

Entre os dentistas que se tornaram professores da UFS, se existia uma atitude que os qualificasse como esquerdistas, estava muito camuflada, visto que nenhum deles teve problemas para assumir o cargo em que foram aprovados. Foram dois processos seletivos para professores que aconteceram no início do curso. Chama-nos atenção nesses processos a diversidade de membros que passaram pela banca de avaliação didática: encontramos membros da SOSE que também participaram do processo seletivo, professores do curso de Medicina da UFS, professores de Odontologia das Universidades Federais de Alagoas, Bahia e Pernambuco.

A banca de avaliação de Carlos Magalhães para o curso de Odontologia, por exemplo, teve como membros da banca de avaliação o Professor Wilde Silva (UFAL), o Professor José Machado de Souza (curso de Medicina da UFS) e o Professor Walter Cardoso (curso de

Medicina da UFS). Como a apresentação era pública, os pais dele estiveram presentes na prova, sendo ele aprovado para ministrar a disciplina Odontologia Social e Preventiva, que começou a ser ofertada a partir de 1972.

Buscamos trabalhos que pudessem nos fornecer informações para compreendermos como esse processo de seleção de professores ocorria em outras universidades/faculdades para o curso de Odontologia; no entanto, os trabalhos a que tivemos acesso não evidenciaram esse ponto.

4.2 ASSUMINDO A SALA DE AULA

A primeira aula do ciclo profissionalizante do curso de Odontologia foi ministrada por Afrânio Bastos, que assumiu a disciplina Dentística Operatória. A turma era formada por poucos alunos, 5 no total, devido a desistências, pedidos de transferências e reprovações nas disciplinas do curso básico; dos 10 alunos aprovados no vestibular de 1970, pouco mais da metade conseguiu seguir no curso sem muitos problemas. A imagem 26 nos ajuda a compreender como as aulas aconteceram.

Imagem 26: Aula teórico-prática do curso de Odontologia – UFS



Fonte: Arquivo Central UFS.

No ano de 1972, quando começaram as disciplinas do ciclo profissionalizante, além de Afrânio, outros dentistas iniciaram suas atividades como professores do curso. Fernando Vasconcelos começou com a disciplina Clínica Odontológica I; José Reis com Exodontia; Manoel Menezes Passos com Patologia Buco-Dentária; Maria Nou com Radiologia Odontológica; Carlos Magalhães com Odontologia Preventiva; Fabiano Aguiar com Materiais Dentários, e Lélío Fortes com Prótese I, sendo eles os primeiros aprovados no ano de 1972. O quadro 13 mostra como as disciplinas foram distribuídas naquele ano (1972):

Quadro 13: Disciplinas ofertadas no curso de Odontologia no ano de 1972

Disciplina	Semestre	Nº de alunos matriculados
Dentística Operatória	1º	5
Clínica Odontológica I	1º	5
Exodontia	1º	5
Materiais Dentários	1º	5
Patologia Buco-Dentária	1º	5
Radiologia Odontológica	2º	5
Clínica Integrada	2º	5
Odontologia Preventiva	2º	5
Prótese I	2º	5

Fonte: Quadro elaborado pelo autor com base nos documentos de reconhecimento do curso.

Em 1973, com os alunos mais confiantes com a primeira turma pensando já na formatura, ingressam os professores João Garcez, com a disciplina Cirurgia Buco-maxilo-facial; Zilnah Maciel, com a disciplina Clínica Odontológica II; Manoel Cardoso, com a disciplina Ortodontia; Maria José Moura, com Odontopediatria; Edildécio Vieira, com Prótese II; Jessé Andrade (imagem 27), com Prótese Buco-maxilo-facial, e Armando Brito, com Endodontia. O quadro 14 mostra como foram distribuídas as disciplinas no ano de 1973.

Imagem 27: Identidade Funcional do Prof. Jessé Andrade

Fonte: Arquivo particular da família de Jessé.

Quadro 14: Disciplinas ofertadas no curso de Odontologia no ano de 1973

Disciplina	Semestre	Nº de alunos matriculados
Ortodontia	1º	5
Odontologia Legal e Deontologia	1º	5
Odontopediatria	1º	5
Prótese II	1º	5
Cirurgia Buco-maxilo-facial	2º	5
Clínica Odontológica II	2º	6
Endodontia	2º	5
Prótese Buco-maxilo-facial	2º	5

Fonte: Quadro elaborado pelo autor com base nos documentos de reconhecimento do curso.

Os quadros 13 e 14 apresentam, cada um, respectivamente, uma disciplina que não teve processo seletivo, Clínica Integrada e Odontologia Legal. Isso se deu pelo fato de a primeira se tratar de uma disciplina integrativa na qual várias áreas da Odontologia eram abordadas; sendo assim, os professores ministrariam a disciplina em forma de rodízio. Já a segunda foi ministrada por um professor do curso de Medicina, João Batista Perez Garcia Moreno⁶⁴, professor da disciplina Medicina Legal no curso de Medicina. No entanto, após sua morte em 1976, a

⁶⁴ Nascido na cidade de Laranjeiras/SE em 12 de dezembro de 1910, realizou seus estudos iniciais na cidade de Maruim/SE e Santos/SP. Retornando de São Paulo, fez o Preparatório Pré-Médico em Aracaju, ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia e concluiu o curso em 1933. Atuou nas áreas de Psiquiatria e Medicina Legal, sendo professor das Faculdades de Medicina, Serviço Social, Filosofia e Direito, lecionando disciplinas como Psiquiatria e Higiene Mental, Antropologia e Psicologia, Medicina Legal, entre outras. Faleceu em outubro de 1976 (SILVA, 2007; SILVA, 2018).

disciplina passou a ser ministrada pelo advogado e cirurgião-dentista Luiz Rego, que também foi um dos professores da disciplina Medicina Legal no curso de Medicina.

Como foi escrito anteriormente, cada candidato a professor prestou concurso para a disciplina com que tinha mais afinidade, e mesmo aqueles que não tinham muita afinidade com a disciplina para a qual escolheram prestar seleção buscaram meios para atualização de seus conhecimentos, uma vez que alguns anos já haviam se passado depois que eles deixaram a faculdade, e desta vez o retorno à academia era em um contexto totalmente novo. Maria José Moura, por exemplo, foi para Recife com a finalidade de fazer um estágio em Odontopediatria na Faculdade de Odontologia da Universidade Federal de Pernambuco, estágio esse que se estendeu de agosto a dezembro de 1973. João Garcez já era referência no Estado em Cirurgia Buco-maxilo-facial; ele liderava o serviço de trauma facial do Hospital de Cirurgia desde a década de 1950. Lélío Fortes assumiu a disciplina Prótese I, e Edildécio Vieira, Prótese II, uma vez que ambos possuíam curso de especialização na área em que disputaram vaga, porém alguns assumiram disciplinas diferentes das suas práticas de atuação, como Jessé, que também possuía especialização em Prótese e em Endodontia, mas não assumiu nenhuma das duas. Ele não foi o único nessa situação, Afrânio Bastos possuía especialização em Radiologia Odontológica, mas Maria Nou foi quem assumiu a disciplina.

José Reis também era especialista em Radiologia Odontológica e em Cirurgia e Traumatologia Buco-maxilo-facial, a mesma especialidade de João Garcez, mas, como na graduação havia duas disciplinas ligadas a essa especialidade, cada um ficou com uma (um com Cirurgia Buco-maxilo-facial e outro com Exodontia).

Buscando cada vez mais estar perto dos espaços de atualização, a presença desses professores em congressos, encontros e jornadas se tornou mais frequente, como podemos observar nas imagens 28A e 28B.

Imagem 28: Participação dos Professores em Congressos⁶⁵

A



B



Fonte: Arquivo pessoal da família de Lélío Fortes.

⁶⁵ Na foto 28A: da esquerda para a direita temos: Tânia Fortes, Lélío Fortes, Mary Barreto, Maria Nou por trás de Mary, em seguida a dentista Silvia (esposa do prof. Afrânio), logo em seguida temos José Reis usando óculos, à sua frente Afrânio Bastos e Maria José Moura, os outros dois homens e a mulher com a criança eram professores do curso de Odontologia da UFPE.

Na foto 28B, encontramos os professores João Garcez, Lélío Fortes, Fernando Vasconcelos e Edildécio Vieira (da esquerda para a direita).

Esses congressos serviram de espaço não somente para atualização de conhecimentos, mas também de *locus* para criação e fortalecimento de suas redes de sociabilidade, nas quais não apenas os professores usufruíram dessas oportunidades, mas também alguns alunos, como mostra a imagem 28A, em que é possível localizar a aluna Mary Barreto junto com seus professores, e a filha do professor Lélío Fortes, que estava cursando Odontologia em Salvador.

A relação entre os professores e os alunos inicialmente foi muito boa, uma vez que os laços de amizade foram criados entre alguns deles, e essa amizade se mostrava especialmente fora das salas de aula, como podemos observar na imagem 29.

Imagem 29: Futebol entre alunos e professores



Fonte: Arquivo pessoal da família de Lélío Fortes.

Na fotografia, conseguimos identificar os professores Lélío, Afrânio, Armando e José Reis em um momento de descontração com os alunos do curso de Odontologia e outros amigos, no entanto uma coisa nos instigou um questionamento... Por que Manoel Cardoso não estava presente, ou por que não apareceu na foto? Essa pergunta se deu pelo fato de ele ser, entre os professores, o mais interessado por futebol. Ele foi por muitos anos presidente da Federação Sergipana de Desporto, espaço de sociabilidade que lhe possibilitou projetar seu nome por todo o Nordeste.

Esses dentistas assumiram a função de professor e aos poucos foram se apropriando do novo campo de que decidiram fazer parte. A inserção desses dentistas no campo da educação

aconteceu, como reflete Bagnasco (2016), após alcançarem a segurança econômica, pois, segundo o autor, depois de ter alcançado tal objetivo, o *ceto* volta-se para valores pós-materialistas, como o sentimento de pertencimento, autorrealização, satisfação intelectual e estética, para aqueles que viram o surgimento de uma nova consciência das classes, destinada a fortalecer os privilégios do *ceto*.

Um fato que nos auxilia a sustentar a afirmação de que os professores incorporaram a função docente é a presença deles em algumas associações de ensino, a exemplo da Associação Nordestina de Ensino de Odontologia – ANENO, da qual participaram Lélío Fortes e Fernando Vasconcelos, esse último chegando a assumir cargo na diretoria da entidade; já José Reis participou da Associação dos Professores de Cirurgia, Prótese e Traumatologia Buco-maxilo-facial. É provável que outros tenham participado de outras associações de professores, porém não encontramos fontes que pudessem concretizar essa afirmação.

Alguns deles também acabaram assumindo outras funções dentro da UFS. Lélío Fortes foi o primeiro coordenador do curso de Odontologia, seguido por Fernando Vasconcelos, que, de acordo com dados da Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas da UFS (2019), posteriormente assumiu a função de diretor do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, que substituiu a Faculdade de Ciências Médicas após a criação de outros cursos na década de 1980. Além de Fernando, Afrânio Bastos foi outro professor a assumir um cargo na diretoria da Faculdade de Ciências Médicas, sendo vice-diretor entre os anos de 1973 e 1976.

Uma das contribuições que essa geração de professores deu para a educação sergipana foi divulgada no *Jornal da Cidade* de 12 e 13 de dezembro de 1976, que, ao dar publicidade à cerimônia de formatura de mais uma turma do curso de Odontologia, lista alguns dados do curso:

Até o presente ano o Curso já formou 54 Cirurgiões Dentistas, dois deles hoje são professores da Universidade Federal de Sergipe. Dos 54 alunos todos exercem a profissão, cabendo salientar que o conceito de Curso, já se firmou além das fronteiras estaduais, pois alguns alunos que foram fazer especialização no Rio e São Paulo, quando dos seus exames lograram êxito absoluto, alguns deles obtendo os primeiros lugares. Um exemplo, dentre eles, o Dr. José Mirabel (SIC) que se especializando em Endodontia, foi o primeiro da Universidade Estadual de São Paulo; outro exemplo é o convite recebido pela Dra. Leide Lemos para lecionar na Universidade Estadual do Rio de Janeiro. No recente concurso realizado pelo INPS, 90, por cento dos odontólogos do Curso de Odontologia, foram aprovados. Para só citar estes, os exemplos acima afirmam a importância, o resultado e o subsídio que o Curso de Odontologia presta ao profissionalismo sergipano (JORNAL DA CIDADE, 1976, p. 6).

O jornal afirma a importância do curso para o profissionalismo sergipano, mas pensamos que as contribuições do curso de Odontologia dada aos sergipanos ultrapassa o campo profissional, pois, como mostra a reportagem, alguns ex-alunos adentraram o mundo acadêmico, o que acabou por dar início a uma nova geração de professores: uma geração de dentistas professores formados em solo sergipano, e, até o ano de 1994, todos aqueles que vieram a compor o corpo docente do referido curso foram formados pela UFS, com exceção de Tânia Fortes, que foi formada pela UFBA. Ainda realizando uma análise do fragmento do jornal, conseguimos afirmar o lugar de intelectual despertador exercido pelos professores dessa primeira geração, visto que eles despertaram em alguns de seus alunos o desejo de adentrar a carreira docente, como foi o caso de Neide Lemos e da maioria dos professores que vieram a compor a segunda geração de professores dentistas do curso de Odontologia da instituição.

O entendimento de intelectual despertador se encaixa perfeitamente a esse grupo de professores, pois, de acordo com Sirinelli (2003, p. 246), “[...] sem serem obrigatoriamente conhecidos ou sem terem sempre adquirido uma reputação relacionada com seu papel real, representaram um fermento para as gerações intelectuais seguintes, exercendo uma influência cultural e mesmo às vezes política”.

Pensando no surgimento de uma nova geração de professores e buscando compreender esse fenômeno, apoiamo-nos em Mannheim (1993) quando ele afirma que, se vemos a necessidade de preservar nossas formas de governo, é apenas porque a humanidade aparece, na configuração efetiva de sua sucessão de gerações, como um fluxo contínuo, de modo que, cada vez que alguém morre, outro já nasce para substituí-lo. Mas o mais difícil é encontrar a origem natural da sucessão das gerações, haja vista que, na sociedade, o nascimento e a partida ocorrem continuamente.

A sucessão geracional é tomada como a substituição de um indivíduo após sua morte; no entanto, no contexto aqui apresentado, o surgimento dessa nova geração não se deu como uma forma de substituição do velho pelo novo, mas como a convocação de um novo para preencher um lugar que até então era suprido pela geração anterior, mas que, com as mudanças e demandas socioculturais, essa primeira geração não consegue mais atender.

5 UMA NOVA GERAÇÃO: DE DENTISTAS A PROFESSORES

A formação de uma nova geração se mostra muito importante para um microclima, uma vez que, para Mannheim (1993), se não ocorresse a mudança de geração, não ocorreria o fenômeno específico do novo acesso que se baseia no vital, sendo sempre, neste caso, os mesmos homens portadores e agentes do desenvolvimento do bem cultural.

Mannheim (1993) enfatiza que o fenômeno da sucessão geracional se estabelece a partir da irrupção de novas unidades vitais, corporais e psíquicas, ou seja, após a morte, porém pensamos que a sucessão geracional, no campo profissional, pode ocorrer de outras formas, como por demissão, aposentadoria e desligamento, modos esses que, em 1928, quando Mannheim publicou seu trabalho sobre o referido tema, não eram comuns. O autor enumera outros fenômenos que ele considera básicos para a existência de uma sucessão geracional. São eles: o surgimento de novos portadores da cultura; a saída dos transportadores anteriores da cultura; o fato de que os portadores culturais de uma conexão geracional concreta participam apenas em um período limitado do processo histórico; a necessidade de transmissão constante da tradição dos bens culturais acumulados; e a natureza contínua da mudança geracional.

A sucessão geracional no curso de Odontologia da UFS iniciou-se pela saída de um dos portadores de bem cultural. Em 1976, devido a uma realocação de pessoal feita pela Marinha do Brasil, o professor Fabiano Aguiar, que, além de estar como professor do curso de Odontologia, continuava com suas atividades como odontólogo da Capitania dos Portos de Sergipe, foi transferido para o Estado do Rio de Janeiro, tendo de deixar suas atividades no curso. Foi uma situação tão repentina que obrigou a esposa dele, Zinete Correa Aguiar, que estava concluindo a graduação em Odontologia, a colar grau na secretaria da Faculdade de Ciências Médicas, não podendo participar das festividades em comemoração à formatura.

Devido a essa situação, a disciplina Materiais Dentários ficaria sem professor; no entanto, o colegiado do curso decidiu por convidar uma ex-aluna que foi monitora do professor Fabiano Aguiar para substituí-lo, atuando como professora horista (substituta), assim Edith Maria Santos Bastos assumiu a disciplina. Edith vinha de uma geração de dentistas na família, avô, pai e tias, e foi esse fator que a influenciou a seguir a mesma profissão. Segundo Paixão (2020), se não tivesse ingressado no curso de Odontologia, certamente seria professora, pois, durante suas brincadeiras na infância, ela sempre era professora ou dentista. No entanto, a vida acabou conduzindo-a a assumir as duas faces das brincadeiras de criança. Primeiro como

dentista, porque, assim que se formou, começou logo a atender em consultório, e, no ano seguinte, 1976, volta à sala de aula desempenhando a função de professora.

5.1 A MAIS NOVA DOS MAIS VELHOS, E A MAIS VELHA DOS MAIS NOVOS

Edith Maria Bastos, nasceu em Aracaju/SE e iniciou sua formação no Jardim de Infância Augusto Maynard, em seguida estudou no Colégio do Salvador, posteriormente foi para o Ginásio de Aplicação e, ao concluir o curso ginásial, foi aprovada no vestibular do curso de Odontologia em segundo lugar, ingressando em 1972. Em 1975, concluiu o curso sem muita dificuldade (imagem 30).

Imagem 30: Edith Bastos (Foto de Formatura)



Fonte: Arquivo particular de Edith Bastos.

Quando olhamos essas fotografias de uma jovem colando grau, normalmente nos prendemos ao momento que está capturado nas imagens. Como afirma Kossoy (2020), a fotografia é o que resta de um fato ocorrido, fração de uma realidade passada aprisionada em uma folha de papel, informação maior de vida e morte, além de ser a obra final que caracteriza a interferência de um ser fotógrafo num instante dos tempos. No entanto, a fotografia não mostra os desentendimentos que ocorreram nos corredores da Faculdade de Ciências Médicas

(FCM), pois essa formatura foi mais um momento em que foi possível perceber uma disputa não de campo, mas entre campos.

Rocha (2011) relata que a UFS decidiu realizar uma cerimônia de formatura unificada para os cursos que compunham a FCM; no entanto, os formandos de Medicina não aceitavam e não acreditavam que a proposta da reitoria prosperaria, e o paraninfo dos então futuros médicos foi um dos que não apoiavam tal atitude: “irônico, insistia na tese da suposta superioridade dos médicos sobre os dentistas” (ROCHA, 2011, s/p). Os odontolandos não esperavam essa atitude por parte dos alunos do curso de Medicina, pois acreditavam que:

[...] a amizade gerada pelo contato diário nos corredores do Hospital de Cirurgia, nas aulas de Medicina Legal (ministradas pelo cirurgião-dentista e médico José Hamilton Maciel, pela psiquiatra Ilma Fontes e pelo advogado e cirurgião-dentista Luis Rego) e nos serviços dentários prestados pelos formandos de odontologia era aparente, senão demasiadamente frágil para suportar a força do preconceito (ROCHA, 2011, s/p).

Contudo, os professores Luís Bispo e Aloísio Andrade decidiram pela formatura unificada, determinando então que aqueles que não quisessem colar grau na solenidade o fizessem na secretaria da Faculdade num dia de expediente normal. Nessa disputa entre campos, que não se trata de campo como um espaço de trabalho, mas como um *locus* de legitimação intelectual, a Odontologia conseguiu um apoio positivo por parte da Reitoria.

Essa não foi a única dificuldade encontrada pela turma de formandos de 1975: ainda existia o impasse sobre o reconhecimento do curso. Ainda de acordo com Rocha (2011), o Coronel Hermeto Feitosa, pai do aluno Hélio Rodrigues Feitosa, sugeriu que os alunos procurassem Dom Luciano José Cabral Duarte, que, na época, além de Arcebispo de Aracaju, era membro do Conselho Federal de Educação (CFE)⁶⁶.

Hélio Feitosa e Edith Bastos, representando seus colegas de turma, foram recebidos por Dom Luciano, que se comprometeu a agilizar os trâmites do processo, porém foi taxativo em não interferir no mérito do processo. Segundo Paixão (1999), ele se empenhou em ver concretizado o anseio do *ceto* odontológico, localizando e acompanhando o processo pessoalmente. Conforme Rocha (2011), a ansiedade dos alunos pelo reconhecimento do curso era tamanha que eles desenvolveram uma estratégia a fim de manter acesa a lembrança de Dom Luciano em relação ao processo, a saber: cada vez que o Arcebispo voltava de Brasília, onde participava das reuniões do CFE, uma comissão de alunos ia até o aeroporto recepcioná-lo e

⁶⁶ Sobre a atuação de D. Luciano no Conselho Federal de Educação, cf. Maciel (2020).

acompanhá-lo até a Cúria Metropolitana. A tática deu muito certo, pois poucos meses depois o curso conseguiu ser reconhecido.

Após concluir a graduação, Edith prestou concurso para a Secretaria Estadual de Saúde, sendo aprovada para o cargo de cirurgiã-dentista, e iniciou suas atividades atendendo na Casa Maternal Amélia Leite. Com a saída do Professor Fabiano Aguiar do curso de Odontologia, em 1976, Edith acabou sendo convidada a ser professora horista (substituta); na mesma época, surgiu uma oportunidade de realização de um curso de Materiais Dentários que ocorreria no Rio de Janeiro, e Fernando Vasconcelos, que estava como coordenador do curso de Odontologia, indicou o nome dela ao colegiado para que ela pudesse realizar a capacitação. Quando concluiu o curso, surgiu a oportunidade de ela prestar concurso interno para Professora Assistente, e ela não pensou duas vezes, participou do processo seletivo interno e foi aprovada, passando então a ser professora efetiva do curso, se tornando, assim, a mais nova professora do Departamento de Odontologia da UFS no ano de 1977. Iniciou-se um processo de sucessão geracional que se estendeu até o ano de 1979, com o ingresso de um grupo de novos professores; dessa forma, Edith passou a ser considerada pelos colegas como “a mais nova dos mais velhos, e a mais velha dos mais novos”.

5.2 UMA SUCESSÃO GERACIONAL

Encontrar a origem natural da sucessão das gerações é um caminho difícil, pois, na sociedade, o nascimento e a morte ocorrem continuamente, enquanto os intervalos completos só ocorrem na família, onde há claramente um tempo de espera para que os filhos tenham capacidade para se casar e gerar filhos (MANNHEIM, 1993). Em nosso entendimento, em se tratando de um campo profissional, também existe um caminho de sucessão que se conecta com o que Mannheim estabelece. Para fazer parte do corpo docente de uma instituição de ensino, por exemplo, o interessado precisa passar por um rito de formação, que vai desde a formação básica na escola, ou equivalente, passando pelo Ensino Superior (graduação) e pelos cursos de pós-graduação – especialização, mestrado e doutorado –, para então se submeter a uma prova de capacidade intelectual para ingressar na carreira docente.

Na década de 1970, essa necessidade de formação, pelo menos no que tange ao curso de Odontologia da UFS, não era tão ampla, visto que o corpo docente em sua maioria era formado por especialistas. E, quando a sucessão de geração começou a acontecer, foi perceptível que os agentes já pensavam na importância de acúmulo de bens culturais.

Com a implantação do curso de Enfermagem⁶⁷ na Faculdade de Ciências Médicas da UFS em 1975, percebeu-se a necessidade de aproximar as disciplinas básicas referentes aos três cursos que faziam parte da Faculdade, então o Conselho de Ensino e Pesquisa (CEP) da Universidade entendeu que já era hora de realizar uma adequação na grade curricular dos referidos cursos. Assim, em 13 de julho de 1976, o então Reitor em exercício, Dr. José Lopes Gama, por meio da Resolução 14/76 do CEP, aprovou a nova grade curricular de competência de cada curso.

Essa resolução trouxe mudanças importantes para o curso de Odontologia, e a primeira delas foi a implantação da disciplina Periodontia⁶⁸, que até então não existia na grade curricular. A Periodontia foi reconhecida como especialidade pelo Conselho Federal de Odontologia em 1968, mas foi integrada aos currículos dos cursos existentes no Brasil a partir de meados de 1970. Embora a disciplina tenha sido integrada à grade curricular da UFS, na prática ela teve seu início somente em 1979, quando um novo concurso para professores foi realizado, e ainda assim permanecendo como disciplina optativa por alguns anos.

O concurso aconteceu, visto que todos os professores entrevistados afirmaram a aprovação em concurso público, no entanto não encontramos fontes escritas que pudessem fortalecer essa afirmação. No referido concurso, apenas uma das aprovadas não era egressa da UFS, Tânia Maria Vieira Fortes. Filha de Lélío Passos de Guimarães Fortes e Ester Vieira de Santana Fortes, Tânia iniciou sua formação educativa no Colégio do Salvador, onde fez o curso básico, já o nível médio (ou seu equivalente na época) fez o primeiro ano no Ginásio de Aplicação, e o segundo no Colégio Estadual Atheneu Sergipense, e, buscando sua formação profissional, se mudou para a capital baiana nos anos iniciais da década de 1970 para fazer o curso preparatório para ingresso na Universidade Federal da Bahia, que acontecia no Colégio Nossa Senhora da Vitória (popularmente conhecido como Colégio Marista de Salvador). Enquanto se preparava para o exame vestibular da UFBA, foi aprovada no curso de Medicina na Escola Baiana de Medicina, mas não quis ingressar no curso, pois seu objetivo era Odontologia, carreira que escolheu por admiração ao pai, que era dentista, e na época professor e coordenador do curso de Odontologia da Universidade Federal de Sergipe, e ao avô, que também era dentista. Tânia Fortes foi aprovada no curso de Odontologia em 1972, começando então sua empreitada naquilo que a inspirava. Embora já existisse o curso de Odontologia em Sergipe, optou por estudar em Salvador por dúvida se o curso da UFS seria reconhecido.

⁶⁷ Sobre o curso de Enfermagem, cf. Silva (2022).

⁶⁸ É uma disciplina, ou especialidade, que estuda/trata os tecidos de suporte dos dentes (osso alveolar e gengivas) (grifo nosso).

Ao lado do pai, de outros professores do curso de Odontologia da UFS e de alguns alunos da primeira turma de Odontologia da referida instituição, participou do XI Congresso Brasileiro de Odontologia e III Congresso Internacional de Odontologia, que aconteceu no ano de 1972 na cidade de Recife. Na época em que estudou na UFBA, não teve nenhum sergipano como colega de turma. Concluiu seu curso no ano de 1975 e colou grau em 1976 (imagem 31), pouco mais de um mês após a finalização do curso.

Imagem 31: Colação de grau (Tânia Fortes)



Fonte: Arquivo pessoal de Tânia Fortes.

Na imagem, visualizamos a jovem Tânia assinando o termo de colação de grau numa cerimônia simples que aconteceu nas dependências da Faculdade de Odontologia da UFBA. Mesmo sendo diferente da fotografia padrão de formatura, com o futuro profissional trajando beca, essa fotografia não deixou de ser um elemento que resguarda a memória de uma solenidade que marcou uma vida.

Ao retornar à cidade de Aracaju, iniciou suas atividades profissionais no consultório que pertencia a seu avô (Arício de Guimarães Fortes), onde seu pai também atendia, localizado na Praça Olímpio Campos, 428. Ainda em 1976, foi para a cidade do Rio de Janeiro para se

especializar e se matriculou no curso de Periodontia do Instituto de Especialização Odontológica da Policlínica Geral do Rio de Janeiro (IEO-PGRJ), concluindo o curso no ano seguinte, 1977.

Após concluir seu curso de especialização em 1977, foi convidada para palestrar na I Semana Acadêmica Odontológica, promovida pelo Conselho Regional de Odontologia (CRO/SE), pela Sociedade Odontológica de Sergipe (SOS) e pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) (imagem 32).

Imagem 32: Tânia Fortes palestrando na I Semana Acadêmica Odontológica



Fonte: Arquivo pessoal de Tânia Fortes.

A participação de Tânia Fortes na I Semana Acadêmica Odontológica como palestrante a colocou em uma posição de detentora de um capital cultural que poucos no Estado de Sergipe possuíam, sem contar que, com o título de especialista, ela passou a ser uma referência em Periodontia; depois de concluir sua especialização, continuou suas atividades no consultório.

Somente em 1979, com a aprovação no concurso para professor do curso de Odontologia da UFS, Tânia voltou ao mundo acadêmico assumindo um novo papel. A dentista conciliou o mocho com a cadeira por trás do bureau, assumindo a disciplina Periodontia, que na época era optativa; mesmo assim, a grande maioria dos alunos normalmente se matriculava nela devido à importância que a ela já era dada naquela época. Com o passar do tempo, assumiu também a disciplina Clínica Integrada.

Diferente da entrada da primeira geração de professores, na qual as mulheres representavam apenas 20%, essa nova geração era composta em sua maioria por mulheres, representando 80% dos aprovados. O mesmo valor, 80%, também representava o número de professores egressos da Universidade Federal de Sergipe, dentre os quais estava Rosa Maria Viana de Bragança, filha do médico Francisco José Plácido Tavares de Bragança e da dentista Maria Viana Tavares de Bragança; Rosa iniciou sua formação educacional no Educandário *Mater Admirabilis*, onde cursou o maternal (ou pré-escola); já o primeiro grau estudou da 1ª à 4ª série no Colégio Brasília, e o restante de sua formação escolar (da 5ª série do 1º grau até a 3ª série do 2º grau) foi cursado no Ginásio de Aplicação.

Enquanto esteve na escola, Rosa Bragança pensou muito em prestar vestibular para a área de Ciências Exatas, e sua opção primeira era Matemática, mas, num momento de indecisão ao concluir os estudos básicos, decidiu seguir a tradição familiar e se enveredar pelo campo da Saúde, escolhendo a profissão da mãe. Foi aprovada para o curso de Odontologia para o ano de 1973. Rosa era uma aluna obediente e muito respeitosa, e o fato de sua mãe ser conhecida dos professores acabou gerando um laço afetivo com alguns deles, sem contar que, pelo fato de as primeiras turmas do curso serem inicialmente pequenas, os professores acabavam se aproximando mais dos alunos, criando laços de amizade. Em dezembro de 1976, ela concluiu o curso (imagem 33).

Imagem 33: Fotos de Formatura (Rosa Maria Viana de Bragança)



Fonte: Acervo pessoal de Rosa Bragança.

Nas imagens, já é possível perceber um padrão diferente de beca e de arranjo fotográfico. Assim como vimos no retrato de Edith Bastos, elas mostram as formandas em pé, deixando à vista a faixa de cor grená em torno da cintura; a ausência do jabeaux é outra marca da foto, mas, ao analisarmos outras, vemos alguns colegas usando e outros não, o que nos faz pensar que as becas podem ter sido alugadas em locais diferentes (imagem 34).

Imagem 34: Formandos em Odontologia 1976.2



Fonte: Arquivo pessoal de Rosa Bragança.

Com a imagem colorida⁶⁹, notamos essas diferenças nas características das becas com mais nitidez. É possível perceber modelos diferentes de jabeaux, enquanto outros formandos nem o utilizam, sem contar que o próprio modelo das becas é diferenciado. Embora não consigamos perceber bem a cor das faixas, é certo que elas eram da cor grená.

Para celebrar o final de mais uma etapa, além da colação de grau, houve a celebração de uma missa em Ação de Graças e um baile de gala para a família e os amigos mais próximos. Após a conclusão do curso, Rosa Bragança começou sua trajetória profissional dando entrada no registro profissional. Seu primeiro local de trabalho foi a Escola Normal, onde exerceu o cargo de cirurgiã-dentista pela Secretaria Estadual de Educação, e posteriormente foi aprovada

⁶⁹ A imagem foi colorida por um aplicativo de inteligência artificial existente no site myheritage.com, site de genealogia familiar.

em concurso público e foi alocada na Secretaria de Saúde, mas trabalhando no mesmo local. Para ela, aquele espaço de trabalho foi muito especial, pois sua mãe também trabalhou na referida Escola. Rosa também atendeu pelo SESI (Serviço Social da Indústria) na cidade de Maruim, substituindo temporariamente o cirurgião-dentista Luiz José Guimarães Gesteira, e na Unidade Odontológica Móvel da mesma instituição. Após a conclusão da graduação, ela foi orientada por um dos professores a prestar concurso para a vaga de professor colaborador e assim o fez; após um tempo, com a reformulação curricular, surgem vagas para professor auxiliar de ensino, novamente prestando concurso e sendo aprovada, disputando cargo com outros quatro candidatos, entre eles Djenal Santana.

O concurso foi realizado em 1979, entretanto eles não assumiram as funções, pois um dos candidatos reprovados entrou com um pedido de mandado de segurança solicitando o cancelamento do concurso, e a justiça acatou o pedido do candidato, e em 1980 o concurso foi realizado novamente, e os dois referidos dentistas conseguiram mais uma vez a aprovação para as duas vagas existentes para a disciplina Clínica Odontológica. Segundo Garcez (2020), uma das coisas que mais a chateou naquele concurso foi o fato de o candidato que questionou o concurso na justiça não ter participado do novo concurso, causando um atraso na efetivação dos aprovados no certame. Ainda na concepção de Garcez (2020), o concurso foi realizado em três etapas: prova escrita, prova didática e prova de títulos. Ao analisar esse episódio, recorremos a Bourdieu (2002), que afirma ser sabido que em qualquer campo encontraremos uma luta, cujas formas específicas terão de ser buscadas a cada vez, entre o recém-chegado que tenta quebrar as fechaduras do direito de entrada e o dominante que tenta defender seu monopólio e excluir a concorrência. E foi exatamente isso que aconteceu, Rosa Bragança já estava atuando como professora colaboradora e queria manter sua posição, mas como professora efetiva.

A última pertencente a essa geração de professores foi Maria José de Oliveira. Ela ingressou como aluna da UFS no ano de 1970, entretanto não conseguimos encontrar o nome dela na lista dos aprovados para o curso de Odontologia daquele ano, o que nos leva a crer que ela foi aprovada para outro curso e posteriormente solicitou transferência interna. Fazemos essa afirmação ao perceber que no currículo dela há a informação de que, durante os anos de 1968 e 1969, ela lecionou a disciplina Biologia no Ginásio 07 de Setembro. Maria José nasceu em Delmiro Gouveia/AL e fez toda a sua formação básica naquela cidade, mas estudou e concluiu o 2º grau (atual Ensino Médio) no Ginásio Paulo Afonso em 1968. Em 1970, mudou-se para Aracaju, onde veio iniciar sua formação superior, concluindo o curso de Odontologia em 1974, e, ao ser diplomada, participou de Curso de Atualização em Endodontia, finalizando no ano seguinte, 1975.

Entre os anos de 1978 e 1979, desempenhou a função de cirurgiã-dentista na Secretaria de Estado de Saúde, e, a partir de 1979, após aprovação em concurso público, voltou à sala de aula para desempenhar um papel que muito lhe agradava, ser professora. A partir daquele ano, passou a fazer parte da mais nova geração de professores do curso de Odontologia da UFS.

O único homem a fazer parte dessa geração de professores foi Djenal Santana. Nascido em Aracaju, Djenal iniciou sua formação educativa no Colégio Jackson de Figueiredo, estudando lá entre os anos de 1951 e 1955, depois mudou-se para o Colégio Estadual de Sergipe (Atheneu Sergipense) e lá estudou entre os anos de 1956 e 1961. Ao concluir o 1º grau, foi para o Rio de Janeiro, onde fez o 2º grau, estudando no Colégio Metropolitano do Rio de Janeiro entre os anos de 1962 e 1966, no qual recebeu, no ano de 1965, Menção Honrosa, conferida pelo Exército pela 1ª Região Militar, no período em que prestou serviço obrigatório no Exército.

Retornando a Aracaju, entrou em um curso preparatório para o vestibular (pré-vestibular) e foi aprovado para o então recém-criado curso de Odontologia da UFS na terceira colocação, iniciando suas aulas no ano de 1971. Ele vivenciou as dificuldades de um curso em plena estruturação, mas soube contornar os problemas e não desistiu de concluir o curso na UFS. Durante o curso, ele participou de atividades de estágio no pronto-socorro do Hospital de Cirurgia, sob a supervisão de João Garcez, além dos estágios no SESI. Ele participou de diversas atividades enquanto aluno, o quadro 15 mostra um resumo dessas atividades.

Quadro 15: Atividades e cursos

Atividade	Ano
III Treinamento Básico do CRUTAC/SE	1974
Curso de Desenvolvimento de Comunidade e Treinamento Básico	1973
Atualização em Saúde Pública	1973
Curso Básico de Instrumentação de Ajuda Cirúrgica	1973
Curso Intensivo de Atualização em Endodontia e Dentística Operatória	1973
Curso de Patologia	1973
Curso de Periodontia	1973
Campanha Nacional Contra a Poliomielite	1973
4º Congresso Brasileiro de Microbiologia	1972
Seminário de Endocrinologia do Sistema Nervoso	1972
1º Congresso Nacional de Biofísica	1971
1º Encontro Odontológico de Sergipe	1971
Curso de Urgências Médicas	1971
Seminário de Tóxico e Juventude	1971

Fonte: Quadro elaborado pelo autor com base no currículo Lattes de Djenal Santana.

Em 1974, ele concluiu a graduação juntamente com dois colegas que posteriormente viriam se tornar também professores do curso de Odontologia: Maria José de Oliveira, que foi

aprovada no mesmo concurso que ele, e José Miraboeu de Oliveira Ramos, que ingressou como professor do curso no início dos anos de 1990, substituindo o professor Armando Brito após sua aposentadoria. Com o diploma de cirurgião-dentista em mãos, Djenal Santana não perdeu tempo; em 1975, voltou para o Rio de Janeiro, onde fez residência em Cirurgia Buco-maxilo-facial no Hospital dos Servidores Públicos do Estado; no ano seguinte, 1976, iniciou um curso de especialização em periodontia na Escola de Aperfeiçoamento da Associação Brasileira de Odontologia no Rio de Janeiro, e, logo em seguida, foi aluno do Curso de Especialização em Cirurgia Buco-maxilo-facial pelo Instituto de Odontologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, concluindo-o em 1977.

Ao finalizar o curso de Cirurgia, devido à rede de sociabilidade criada dentro do Hospital de Cirurgia e à sua ligação como o Professor João Garcez, começou a atuar como Cirurgião Buco-maxilo-facial no referido Hospital. No que se refere à vida profissional, Djenal também prestou serviços na Clínica Santa Juliana, como Assistente de Cirurgia e Traumatologia Buco-maxilo-facial entre os anos de 1976 e 1978. Quando a UFS lançou edital de concurso para professores assistentes do curso de Odontologia, ele decidiu participar do processo seletivo, conseguindo aprovação.

5.3 UMA ANÁLISE GERACIONAL

A segunda geração de dentistas a ingressar como professores do curso de Odontologia era basicamente um reflexo dos professores que já estavam no curso e dos que haviam passado por ele. Todos esses novos professores desenvolveram, durante a graduação, uma afinidade com algum dos professores e as disciplinas que eles ministravam; da mesma forma, penso que o mesmo aconteceu com os professores da primeira geração: a escolha pela disciplina que eles ministravam se deu em decorrência da afinidade que eles desenvolveram com os professores enquanto estiveram estudando Odontologia. Com isso, pensamos que Sirinelli (2003) estava como toda a razão ao afirmar que os intelectuais despertadores desempenham um papel marcante por meio da genealogia das influências, pois, para o estudioso, “um ‘despertador’ pode ocultar dentro de si um outro, que o marcou uma geração antes –, tornando mais inteligíveis os percursos dos intelectuais” (SIRINELLI, 2003, p. 246).

Ao analisarmos essa nova geração de professores, percebemos que o desejo de cursar Odontologia, para a maioria deles, se deu por influência familiar, uma vez que essa maioria era composta por filhas, netas e sobrinhas de dentistas, embora elas afirmem que não houve imposição ou qualquer outra forma de manipulação desses familiares para que escolhessem

estudar Odontologia. Segundo eles(as), a escolha se deu por pura admiração. Mas a escolha pela docência se deu por admiração aos seus professores da graduação ou pelo menos foi impulsionada por eles. Ainda no que se refere à origem familiar, percebemos que, como na geração anterior, esse novo grupo de professores pertencia a uma elite econômica e cultural.

Tânia Fortes, por exemplo, é neta de um dos primeiros dentistas de Sergipe e também um dos mais influentes de sua geração, Arício Fortes, que, além de ser dentista, foi presidente da Sociedade Odontológica de Sergipe (SOSE), primeiro presidente da Sociedade Civil Faculdade de Odontologia de Sergipe (SCFO), professor e diretor da Escola Normal, diretor-geral do Departamento de Educação do Estado de Sergipe; e filha de Lélío Fortes, que, assim como o pai, fez parte da SOSE e da SCFO e foi um dos pioneiros no ensino de Odontologia em Sergipe, como já foi relatado anteriormente.

Edith Bastos também é neta e filha de dentista – neta de Mário Bastos, que foi Secretário Geral do Presidente do Estado (na gestão de José Joaquim Pereira Lobo [1918-1922]), membro da SOSE e um entusiasta das causas em defesa do fortalecimento do campo da Odontologia no Estado, assim como seu filho Valter Bastos (pai de Edith). Este também foi membro da SOSE e da SCFO e participou ativamente do processo de criação do curso de Odontologia.

Rosa não era neta de dentista, mas de médico; sua mãe, Maria Viana Tavares de Bragança, era dentista e esteve envolvida no processo de estruturação do campo da Odontologia em Sergipe quando fazia parte da SOSE. Foi dentista na Escola Normal e no Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciantes (IAPC), posteriormente INAMPS.

Nessa segunda geração de professores, apenas uma não era de origem sergipana, ainda dizendo, não era aracajuana. E apenas uma não se formou pela UFS. O quadro 16 mostra alguns dados referentes aos membros da referida geração.

Quadro 16: Informações gerais sobre a segunda geração de professores do DOD

Nome	Nascimento	Local de Graduação	Ano
Edith Maria Bastos	 Aracaju	 UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE	1975
Rosa M. Viana de Bragança	 Aracaju	 UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE	1975
Tânia M. Vieira Fortes	 Aracaju	 UFBA Universidade Federal da Bahia	1975
Djenal Santana	 Aracaju	 UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE	1974
Maria José de Oliveira	 Delmiro Gouveia	 UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE	1974

Fonte: Quadro elaborado pelo autor.

Do mesmo modo que encontramos informações que aproximam as duas gerações, percebemos também diferenças importantes entre elas. A primeira delas é o tempo de atuação na Odontologia antes de adentrar o campo docente: na geração anterior, em que a dentista com mais tempo de formada era Maria Nou (1942) e o dentista com menos tempo era Fabiano Aguiar (1965), o espaço temporal entre os dois era de 23 anos, já nessa nova geração essa diferença era de um ano. Com isso, é possível perceber que esses dois grupos se encaixam perfeitamente no conceito de geração proposto por Mannheim (1993). Ele define as gerações por sua situação no curso da história (*Generationslage*): para ele, “uma geração [...] participa paralelamente do mesmo período de devir coletivo” (MANNHEIM, 1993, p. 216). Para o autor, essa situação corresponde a uma “tendência a um modo de comportamento, a um modo de sentir e pensar determinado” (p. 209). O segundo grupo de professores participou do mesmo período de devir coletivo, e o primeiro tendenciava um determinado modo de comportamento, algo que Mauger (2012) chama de “*habitus* geracional”.

Outro ponto importante é que, na primeira geração, nem todos os professores possuíam um título de especialização; já na segunda, basicamente todos possuíam um título de especialista ao serem efetivados como professores do Departamento de Odontologia. Com o passar dos anos, alguns desses dentistas se tornaram mestres e doutores, o que nos mostra que esse segundo agrupamento de professores seguiu a tendência da carreira docente superior com exigência de titulação e capacitação constante.

Essa geração de novos professores certamente pertencia à elite aracajuana, com exceção de Maria José de Oliveira, que não nasceu em Sergipe, e não conseguimos descobrir até agora qual a profissão da mãe dela. Diferentemente da geração anterior, que era formada em sua maioria por filhos(as) de fazendeiros e de comerciantes, esse novo grupo tinha em sua maioria

filhas de dentistas. Para melhor compreender a definição de elite, encontramos em Heinz (2006) um ponto em que o autor recorre a Scott (1995) para explicar o conceito de elite, acerca do que esse último afirma:

Entende-se por essa palavra [...] “os ‘dirigentes’, as pessoas ‘influentes’, os ‘abastados’ ou os ‘privilegiados’, e isto, na maior parte dos casos, sem outra forma de justificação, uma vez que o ‘poder’ da elite impor-se-ia por si próprio e prescindiria de maiores explicações” (HEINZ, 2006, p. 8).

Fica claro a partir dessa afirmação que o conceito de elite envolve a cognição social associada aos indivíduos no cumprimento de seus papéis sociais e políticos. Desse modo, a afirmação de que a segunda geração de professores do curso de Odontologia da UFS emergiu da elite aracajuana é cabível, pelo menos quando nos referimos à elite cultural. E, como ferramenta para fortalecer essa afirmação, elaboramos o quadro 17, no qual se pode observar onde esses professores realizaram sua formação inicial.

Quadro 17: Segunda geração de professores: trajetória educacional



Fonte: Quadro elaborado pelo autor.

Os colégios que esse grupo de professores frequentou eram instituições de ensino de excelente qualidade na época, desde os particulares (Colégio do Salvador, Colégio Brasília e Ginásio de Aplicação) aos públicos (Colégio Jackson de Figueiredo e Colégio Atheneu). Alguns exigiam exame para admissão, o que nos leva a pensar que uma boa base educacional era necessária para que o aluno pudesse fazer parte de alguns desses colégios, a exemplo do Ginásio de Aplicação e do Colégio Atheneu Sergipense. Esses dois últimos estabelecimentos

foram frequentados por 80% desse agrupamento, sendo que 40% frequentaram o Atheneu, 60% o Ginásio de Aplicação, e ainda 40% foram alunos do Colégio do Salvador.

A única professora sobre a qual não encontramos muitas informações referentes a seu currículo educacional pré-ginasial foi a Professora Maria José, visto que não conseguimos entrevistá-la, as informações que conseguimos foi através do seu currículo Lattes. Desse agrupamento que compôs a segunda geração de professores do curso de Odontologia da UFS, apenas Edith Bastos não possui essa modalidade de currículo; no entanto, dos quatro professores que o possuem, apenas dois deles realizaram atualizações em suas páginas: a professora Tânia Fortes e a professora Rosa Maria Bragança, essa última, até a finalização desta pesquisa, ainda desempenha atividade docente.

A atividade docente exige de quem a exerce uma aproximação com os alunos, e, ao que pudemos perceber, as relações criadas dentro do curso de Odontologia entre alunos e professores foram muito boas, e foi por meio dessas relações que tanto a primeira quanto a segunda geração de professores do Departamento de Odontologia da Universidade Federal de Sergipe receberam diversas homenagens de seus discípulos.

6 DAS HONRARIAS AOS MÉRITOS

“A vós mestres – nossos segundos pais na senda do aprender e da ciência, nossa homenagem e nossa gratidão”. Foi com essas palavras que a primeira turma de dentistas formada pela Universidade Federal de Sergipe, em 1973, iniciou seu agradecimento no convite de formatura. Com essa frase, é facilmente perceptível o modelo de relação criado entre os professores e os alunos; por ser uma turma pequena, a relação de afetividade familiar foi se criando, o que culminou em forma de agradecimento na formatura.

Naquela ocasião, basicamente todos os professores que lecionaram no curso de Odontologia foram homenageados. O quadro 18, abaixo, traz a lista de professores.

Quadro 18: Professores Homenageados pelos dentistas formados em 1973

Tipo	Nome
Paraninfo	Doutor Luiz Bispo
Patrono	Prof. Lélío de Guimarães Fortes
Honra ao mérito	Prof. João de Andrade Garcez
	Prof. Afrânio José Bastos
	Prof. Fernando dos Santos Vasconcelos
Pleito de Gratidão	Doutor João Cardoso do Nascimento Junior
Homenagem especial	Prof. Oswaldo da Cruz Leite
	Profa. Zilnah Pinto Maciel
	Prof. João Peres Garcia Moreno
	Prof. Armando Rodrigues de Brito
	Prof. Lauro de Brito Porto
Homenagem e Cultura	Prof. Nestor Piva
Mestre e Amigo	Prof ^a . Maria José Moura
Funcionário Amigo	Senhor Heleno Viana da Silva
Homenageados	Prof. Antero Pales Carôzo
	Prof. Antônio Garcia Filho
	Prof. Carlos José Magalhães de Melo
	Prof. Cleovansóstenes Pereira de Aguiar
	Prof. Edildécio Andrade Vieira
	Prof. Fabiano da Silva Aguiar
	Prof. José Reis da Cunha
	Prof. Jessé de Oliveira Andrade
	Prof. Manoel Menezes Passos
	Prof. Manoel Cardoso Barreto
	Prof ^a . Maria Linhares Nou
	Prof. Raimundo Mendonça Araújo
	Prof. Sinval Andrade dos Santos
	Prof. Gerardo Sampaio

Fonte: Convite de Formatura da Turma de Odontologia da UFS de 1973.

Na imagem 35, podemos ver os alunos da primeira turma de Odontologia da UFS e os homenageados que faziam parte do Departamento de Odontologia.

Imagem 35: Alunos e homenageados⁷⁰



Fonte: Acervo da família de Lélío Fortes.

No que se refere aos professores dentistas, todos eles foram condecorados por essa turma, e, com o passar dos anos, as turmas futuras também prestaram seus tributos; no entanto, na imagem 34, não encontramos o professor Fabiano Aguiar, que foi homenageado, mas por motivo que desconhecemos não se fez presente na fotografia.

⁷⁰ Na primeira fila, de baixo para cima, da esquerda para a direita, encontramos Ronaldo Ribeiro de Oliveira, José de Souza Melo Sobrinho, Mary Calazans Barreto, Luiz Bispo, Amélia Maria Soares Duarte; na segunda fila, temos Zilnah Maciel, Maria José Moura, Fernando Vasconcelos, Manoel Passos, Maria Nou; na terceira fila, Edildécio Vieira, José Reis, Afrânio Bastos, Armando Brito, Lélío Fortes e, na última fila, Heleno Viana, Carlos Magalhães, João Garcez, Jessé Andrade e Manoel Cardoso.

Tentando encontrar algum trabalho que teorize o conceito de homenagem, encontramos em Cury (2013, p. 1349) a definição de homenagem como sendo “um ato público pelo qual se reconhece a atuação de alguém em algum setor da vida social”. Buscamos também a etimologia da palavra e percebemos que os dicionários mais antigos traziam a seguinte definição: “homenagem, s. f. promessa de fidelidade do vassalo ao senhor feudal” (FERREIRA, 1960, p. 641).

Os estudiosos do Feudalismo Martínez e Gómez (2013) explicam que a homenagem era um ritual usado para que um nobre se tornasse vassalo de outro de categoria superior, chamado de senhor, que no regime senhorial era chamado de proprietário latifundista. Esse ato era sempre seguido de um juramento de fidelidade, que era feito nos Evangelhos ou nas relíquias, bem como um cerimonial pomposo prévio em que o senhor tomava as mãos do vassalo e este declarava verbalmente seu compromisso de ser a partir daquele momento seu cliente. A homenagem costumava terminar com um beijo que simbolizava a amizade e a paz entre o senhor e o vassalo. Desse juramento, o senhor recompensava a fidelidade do vassalo, dando-lhe um feudo. A investidura de um feudo incluía também um ato simbólico em que o vassalo recebia um objeto material, um cetro, um cajado, uma faca, uma luva ou mesmo um punhado de terra, que representava o usufruto que acabara de obter.

Conforme Cury (2013), existe uma tensão subjacente entre a expressão histórica medieval e o profundo significado antropológico da palavra. É nesse último sentido que podem ser extraídas as práticas históricas daqueles que tentaram retirar a humanidade da pré-história. A homenagem, no tempo presente, se apresenta como um reconhecimento por um bom trabalho realizado por alguém em um determinado campo de atuação, e o objeto material que o homenageado recebe pode ser uma placa, um diploma, um troféu, uma medalha, flores etc. No campo da docência, não sabemos ao certo a partir de quando os professores passaram a ser homenageados nos rituais de formatura, em especial em Odontologia, no entanto temos a ciência de que não é uma prática nova.

As cerimônias (ou ritos⁷¹) de formatura se apresentam como um espetáculo em que algumas pessoas recebem homenagens; embora sejam um ato comum dos cursos superiores,

⁷¹ Segundo Connerton (1999), o termo ritual designa “a atividade orientada por normas, com caráter simbólico, que chama a atenção dos seus participantes para objetos de pensamento e de sentimento que estes pensam ter um significado especial”. Os ritos não são meramente expressivos. Mas só são atos expressivos em virtude da sua regularidade notória, são atos formalizados e tendem a ser estilizados, estereotipados e repetitivos. Dado serem deliberadamente estilizados, não estão sujeitos à variação espontânea, ou, pelo menos, só são suscetíveis de variação dentro de estritos limites. Não se realizam sob uma compulsão interior momentânea, mas são deliberadamente celebrados para simbolizar sentimentos. Libertam, na verdade, sentimentos expressivos, mas esse não é o seu objetivo central. Os ritos não são meramente algo de formal.

são motivadas principalmente por fatores subjetivos, como tradição e apelos comerciais, e, para Debord (1997), o espetáculo se apresenta como um espelho da sociedade, como uma parte da sociedade e como uma ferramenta de unificação. É resultado e projeto do modo de produção existente, é o cerne da irrealidade da sociedade real, que é também uma confirmação ubíqua da escolha já feita na produção e no consumo resultante. A homenagem é uma necessidade social, e o espetáculo se mostra nesse contexto como uma forma de sociedade em que a vida real é pobre e fragmentária, e os indivíduos são obrigados a contemplar e consumir positivamente as imagens de tudo o que lhes falta em sua existência real.

6.1 FLORES EM VIDA

Os professores que foram objeto desta tese receberam diversas honrarias dentro e fora da Universidade Federal de Sergipe, sendo que o maior número de homenagens foi realizado pelos acadêmicos, formando em Odontologia, pois as condecorações fazem parte do ritual de formatura. E essas honrarias são mais um exemplo do reconhecimento dos alunos (futuros dentistas) pelo trabalho realizado por esses professores/dentistas nas salas de aula da UFS e nos ambulatórios de Odontologia. A imagem 36 mostra alguns exemplos de homenagens recebidas por alguns desses professores durante sua vida docente.

Imagem 36: Placas de formatura entregues aos professores homenageados





Fonte: Arquivo particular da família de Jessé Andrade.

Não temos ideia de quantas vezes esses professores foram homenageados, mas podemos afirmar que Fabiano Aguiar foi o que recebeu um menor número de honrarias no campo docente, mas isso não aconteceu por não merecimento, e sim porque ele foi obrigado a abandonar sua carreira docente muito cedo. Encontramos no convite de formatura da turma de Odontologia da UFS de 1976.2 a última homenagem no campo da educação que Fabiano da Silva Aguiar recebeu.

O trabalho do professor pode gerar admiração por parte dos alunos, uma vez que as atividades desenvolvidas por ele vão além da transmissão de conhecimento. Os docentes estimulam, dentre outras coisas, a criatividade e o pensamento crítico, e, nessa caminhada docente, a admiração surge no aluno, o que pode acarretar um sentimento de gratidão e um desejo de homenagear. Mas, pelo que foi percebido, essas duas gerações de professores receberam mostras de gratidão também em outros campos profissionais de que alguns deles faziam parte. O quadro a seguir apresenta algumas das homenagens e condecorações recebidas por esses dois agrupamentos de professores.

Quadro 19: Homenagens e condecorações

1ª Geração	Tipo
Afrânio José de Bastos	Título de Professor Emérito (UFS – 1999)
Edildécio Andrade Vieira	Título de Professor Emérito (UFS – 1999)
Fernando dos Santos Vasconcelos	Título de Professor Emérito (UFS – 1999) Certificado de Apreciação (Lions Clube Distrito L.14 – 1993) Honra ao Mérito (Associação Brasileira de Odontologia Secção Sergipe – 2002)
Jessé de Oliveira Andrade	Homenagem Especial (CRO/SE – 1994) Medalha Honra ao Mérito Dr. Luiz Cezar Pannain (Sindicato dos Odontologistas de São Paulo – 1992) Diploma de relevantes serviços (UFS – 1995) Medalha e Passador de Prata (Exército Brasileiro – 1970) Destaque de Classe (Fundação São Lucas – 1997) Destaque da Ciência (Academia de Ciência e Cultura dos Profissionais Liberais de Sergipe – 1977) Ordem do Mérito A.M. Carvalho Neto (Loja Maçonica Cotinguiba – s/d)
João de Andrade Garcez	Título de Professor Emérito (UFS – 1999)
Lélio Passos de Guimarães Fortes	Título de Professor Emérito (UFS – 1999)
Manoel Cardoso Barreto	Título de Professor Emérito (UFS – 2008)
Maria Linhares Nou	Homenagem pelo trabalho de uma vida (Jornada Odontológica Universidade Tiradentes – 2008)
Zilnah Pinto Maciel	Título de Professor Emérito (UFS – 2007) Diploma de Reconhecimento (Conselho Federal de Odontologia – 2004)
2ª Geração	Tipo
Edith Maria Bastos Paixão	Título de Professor Emérito (UFS – 2013)
Rosa Maria Viana de Bragança Garcez	Honra ao Mérito Odontológico (CRO/SE – 2018)

Fonte: Arquivo pessoal dos familiares dos professores, Conselho Universitário da UFS e CRO/SE.

Ao analisarmos o quadro 19, é perceptível a relevante quantidade de homenagens recebidas pelo professor Jessé Andrade; sua inserção em diferentes campos e sua rede de sociabilidade foram, certamente, as responsáveis por essas tantas condecorações. Jessé era um profissional articulado, mantinha muitas relações devido ao fato de ser dentista, fazer parte das Forças Armadas, ser maçom e participar de algumas entidades ligadas à Odontologia. No entanto, o fato de ele ter recebido mais honrarias do que os demais professores aqui estudados não significa que os outros fizeram menos que ele. Mas podemos afirmar que, no campo

acadêmico, ele foi um cativador de alunos, e isso acarretou uma significativa quantidade de homenagens em solenidades de formatura.

Em comemoração aos 45 anos do curso de Odontologia, o Conselho Regional de Odontologia de Sergipe homenageou alguns odontólogos que tiveram um papel importante na história do referido curso, bem como na Odontologia sergipana. Entre eles há alguns que fazem parte das duas gerações aqui estudadas. Afrânio José de Bastos e Edildécio Andrade Vieira receberam a medalha de professor pioneiro; já Djenal Santana, Edith Maria Bastos Paixão e Rosa Maria Viana Garcez receberam a medalha em homenagem aos chefes do Departamento de Odontologia pelo fato de os três terem exercido o cargo de Chefe do Departamento de Odontologia da UFS.

A curiosidade em compreender algumas questões acerca das contribuições desses professores/dentistas nos seus campos de atuação nos mostrou que esses campos, de acordo com Bourdieu (2002), devem se constituir como um sistema predeterminado de posições que requer classes de pessoas providas de determinadas qualidades (socialmente constituídas) assim como um mercado de trabalho requer posições. E foi buscando reconhecer essas qualidades socialmente constituídas por esses professores que os representantes dos campos em que eles estavam inseridos decidiram homenageá-los.

7 CAMINHOS SE ABREM PARA NOVAS PERSPECTIVAS: CONSIDERAÇÕES

Quando iniciamos as pesquisas para concretização deste escrito, jamais passou pela nossa cabeça que o planeta passaria por um período de pandemia. O SARS-CoV-2 (vírus que causa a COVID-19) nos obrigou a mudar de hábitos e mudar a forma de trabalhar e estudar. E essa situação dificultou o acesso aos arquivos e bibliotecas, o que nos causou um grande prejuízo, sem contar que perdemos parte da memória viva, uma vez que muitas pessoas vieram a óbito por conta da doença causada pelo vírus, levando consigo suas lembranças e parte da sua história. Por questões alheias à nossa pesquisa, não conseguimos entrevistar alguns dos professores e parentes daqueles que não estão mais em vida, no entanto pensamos que o trabalho consegue alcançar seus objetivos propostos, consegue resolver o problema encontrado e tem dados suficientes para comprovar a tese lançada no início da pesquisa.

Este estudo se deu como uma forma de continuar a pesquisa que iniciamos no mestrado. Mas, aqui, intentamos analisar as trajetórias de duas gerações de professores dentistas do Departamento de Odontologia da Universidade Federal de Sergipe (DOD/UFS) que atuaram entre os anos de 1972 e 1979. Com a análise, percebemos que cada geração teve suas peculiaridades. A primeira geração (composta por 15 professores) foi heterogênea nos locais de atuação profissional; alguns exerceram atividade política e outros serviram às Forças Armadas; também foi perceptível a atuação daqueles dentistas em consultório particular, bem como no serviço público Estadual e/ou Federal. Aqueles(as) dentistas foram responsáveis pela criação do curso no Estado de Sergipe, e a maior parte deles(as) teve sua formação superior realizada na Faculdade de Medicina da Bahia, onde existia o curso de Odontologia.

Já a segunda geração era menor em número de atores, apenas cinco; diferentemente da geração anterior, esse agrupamento era composto em sua maioria por mulheres, e apenas um dos membros não foi egresso do curso de Odontologia da UFS. O tempo de atuação na Odontologia era muito inferior ao da geração anterior, sem contar que eles estavam mais preparados para adentrar a carreira docente do que a primeira geração, visto que todos eram especialistas quando foram aprovados no concurso que os tornaram professores. O *status* de intelectualidade das duas gerações foi validado por este trabalho, pois o conceito de intelectual, segundo Sirinelli (2003), se conecta com as ações desempenhadas por esses profissionais durante a sua vida.

O campo intelectual odontológico jamais teve o prestígio que tem o campo da Medicina, mas, desde quando a Odontologia deixou de ser uma profissão relegada a pessoas de pouca

instrução e passou a fazer parte da academia, seu *status* de intelectualidade vem mudando desde então. A Odontologia saiu da letargia em que esteve por anos, perdida nos conceitos ultrapassados da sua origem empírica, e despertou para uma nova fase mirando uma adaptação às metodologias atuais (GARCIA, 2008). Na história da Odontologia brasileira, podemos encontrar alguns nomes que desempenharam papel importante para o ensino e a estruturação do campo da Odontologia, e, no contexto sergipano, também temos os nossos vultos de intelectualidade.

Uma das profissões das quais emergem os intelectuais, conforme Sirinelli (2003), é a docência, e os atores deste estudo afirmaram sua posição intelectual a partir desse lugar que assumiram. O desejo de se tornar dentista não estava atrelado ao de ser professor, entretanto alguns dos odontologistas do curso de Odontologia demonstraram o interesse de assumir uma cadeira no curso, e assim aconteceu. Mesmo sabendo que alguns dos dentistas fundadores foram pressionados a assumir uma disciplina no curso, é perceptível que todos os que vieram a assumir uma cátedra o fizeram também como uma forma de adquirir uma maior visibilidade social e cultural, mas acabaram por se identificar com a profissão docente. Porém, analisamos esse fato pelas lentes de Bourdieu (2021), pois o sociólogo afirma que a posição de um determinado agente no espaço social pode ser definida pela posição que ele ocupa nos diferentes campos, ou seja, na distribuição de poderes que são agravantes em cada um deles, principalmente o capital econômico – nas suas várias espécies –, o capital cultural e o capital social, bem como o capital simbólico, comumente chamado de prestígio, reputação, renome etc. Já os dentistas da segunda geração entraram na carreira docente principalmente por influência dos seus professores.

O ingresso na carreira docente se deu através de concurso público, e, mesmo sabendo que alguns dentistas, especialmente da primeira geração, foram pressionados a participar do processo seletivo, apenas os mais qualificados (preparados) conseguiram acessar a nova profissão. A disputa ocorreu entre os pares, entre dentistas que faziam parte de um mesmo *ceto* (que Bagnasco (2016) concebe como uma variação para classes profissionais), que integrava a Sociedade Odontológica, o Conselho Regional de Odontologia e a Sociedade Civil Faculdade de Odontologia de Sergipe. Apenas João Simões dos Reis, que não fazia mais parte de duas dessas instituições (Sociedade Odontológica de Sergipe – SOSE e Sociedade Civil Faculdade de Odontologia de Sergipe – SCFO), foi identificado como participante do concurso. As redes que esses dentistas estruturaram dentro dessas sociedades e em outras de que alguns puderam participar, principalmente aquelas relacionadas a suas carreiras profissionais, são condizentes com o conceito de redes (ou estruturas) de sociabilidade defendido por Sirinelli; e foi nessa geração que pudemos identificar claramente as ramificações dessas redes.

No que se refere à segunda geração de professores, os componentes dela foram aprovados em concurso público e para uma das disciplinas, mais especificamente Clínica Odontológica, havendo disputa também no campo judicial por conta da não aceitação do resultado por um dos participantes reprovados. No entanto, os dois aprovados na primeira prova realizada repetiram o resultado, com aprovação na segunda, e o participante que entrou com mandado de segurança desistiu de realizar a prova novamente.

Esses dentistas/docentes contribuíram para o ensino de Odontologia no Estado de Sergipe auxiliando principalmente na formação de novos profissionais que viriam a prestar um serviço à sociedade. Mas também contribuíram no engajamento dos pupilos que despertaram o desejo de se enveredar pelo campo docente. Quando iniciamos esta pesquisa, localizamos 41 dentistas formados em Odontologia pela UFS que atuaram como docentes no curso, sem levarmos em consideração os que atuaram em outras instituições de ensino pelo Estado. Uma parcela desses professores veio a compor uma terceira geração de professores que começou sua formação com o início dos pedidos de aposentadoria daqueles que compuseram a primeira geração.

Após o levantamento de dados e a análise deles, podemos afirmar a tese de que os dentistas aqui estudados ingressaram no campo educacional devido ao fato de serem os mais capacitados para tal; alguns deles já tinham a docência em Odontologia como um objetivo de vida, e o interesse no campo do ensino se deu como uma forma de visibilidade social que a função poderia proporcionar.

Nessa caminhada de pesquisa sobre o campo da Odontologia sergipana que se iniciou em meados de 2015, tivemos muitas alegrias e algumas tristezas, mas a maior tristeza foi perceber a pouca importância que o Departamento de Odontologia da UFS tem demonstrado para com a memória de seus pioneiros e com a própria história do curso. Nas tentativas de acesso a informações sobre o curso, fomos informados de que não existiam documentos sobre o assunto que estávamos pesquisando, e até mesmo as placas de formatura, colocadas como uma forma de resguardar a memória, muitas delas, em mais de 50 anos de existência, foram perdidas. O pouco material que ainda existe se encontra resguardado no Arquivo Central da UFS e outra parte sob os cuidados da filha de um dos professores pioneiros, que, ao longo da sua vida, foi armazenando informações sobre o curso.

Em uma análise geracional, pautada no entendimento de Karl Mannheim, foi possível entender que o curso de Odontologia está em sua quarta geração, e, diferentemente das duas gerações anteriores (que possuíam um número grande de professores egressos da UFS), essa quarta geração tem muitos professores oriundos de outras regiões do país, logo a noção de

pertencimento provavelmente não está integrada à sua vida acadêmica, uma vez que alguns professores prestam concursos para instituições fora de suas cidades de residência pensando em solicitar uma remoção futura e residir próximo das suas famílias.

Mannheim (1993) ainda afirma que, várias gerações vivem no mesmo tempo cronológico. Mas como o único verdadeiro tempo é o tempo experiencial, pode-se dizer corretamente que todos eles vivem em um tempo interior que é qualitativamente totalmente diferente os outros. Todo mundo vive com pessoas de sua idade e com pessoas de idades diferente numa plenitude de possibilidades contemporâneas. Para cada um o mesmo tempo é um tempo diferente; ou seja: um tempo diferente e próprio dele, que só compartilha com seus contemporâneos. Assim, mesmo vivendo na mesma época, esses dentistas fizeram parte de gerações distintas.

A trajetória que empreendemos no mestrado e no doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação na UFS e a participação no GREPHES nos levaram a superar dificuldades e obter alegrias, dentre elas, a de passar a conhecer com mais propriedade e profundidade o campo da Odontologia não somente da UFS, mas compreender mais a participação da Odontologia no âmbito da intelectualidade sergipana.

Ainda há muita coisa a ser estudada no campo da Odontologia em Sergipe e no Brasil, pois são poucos os trabalhos que tratam da criação dos cursos de Odontologia no nosso país. Quando lançamos nossas lentes para o campo da intelectualidade, encontramos um número reduzido de trabalhos que enfatizem os profissionais da Odontologia, e os encontrados trazem um tom de homenagem. Portanto, o caráter do estudo que trazemos contribui nessa seara e busca estimular as ações de outros(as) pesquisadores(as). Finalizamos uma pesquisa que abre outras possibilidades de estudo. Este trabalho não tem por intenção trazer uma verdade única, mas busca mostrar perspectivas para novas caminhadas. Que novas pesquisas e novos diálogos possam advir daqui. Que isso aconteça!

REFERÊNCIAS

- ABREU, Alzira Alves de et al. (Coords.). **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. Disponível em: <http://www.fgv.br/Cpdoc/Acervo/dicionarios/verbete-biografico/garcez-joao-de-andrade>. Acesso em: 1º ago. 2020.
- ALBERTI, Verena. História dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Orais**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 155-202.
- ALVES, Eva Maria Siqueira. **O Atheneu Sergipense**: traços de uma história. Aracaju: Adgraf, 2005a.
- ALVES, Eva Maria Siqueira. **O Atheneu Sergipense**: uma Casa de Educação Literária examinada segundo os Planos de Estudos (1870/1908). 2005. 318 f. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005b.
- ALVES, Eva Maria Siqueira; OLIVEIRA, João Paulo Gama; COSTA, Rosemeire Macedo (Orgs.). **Álbum Atheneu Sergipense**. Série 150 anos do Atheneu Sergipense. Aracaju: Códice, 2021.
- ARANTES, Diandra Costa et al. Biossegurança aplicada à Odontologia na Universidade Federal do Pará, Cidade de Belém, Estado do Pará, Brasil. **Rev Pan-Amaz Saúde**, Ananindeua, v. 6, n. 1, p. 11-18, mar. 2015. Disponível em: http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-62232015000100002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 4 ago. 2022.
- AVELAR, Ediana Abreu. A prática da formatura na educação superior: apontamentos para uma reflexão. **Dialogia**, v. 6, p. 149-156, 2007.
- AZANHA, José Mário Pires. **Uma idéia de pesquisa educacional**. São Paulo: EDUSP, 1992.
- BAGNASCO, Arnaldo. **La questione del ceto medio**: un racconto del cambiamento sociale. Bologna: Società editrice il Mulino, 2016.
- BAIARDI, Amilcar. **Sociedade e Estado no apoio à ciência e à tecnologia**: uma análise histórica. São Paulo: Hucitec, 1996.
- BARRETO, Luiz Antônio. **João Simões e Nestor Piva**. 2004. Disponível em: <https://infonet.com.br/blogs/joao-simoes-e-nestor-piva>. Acesso em: 7 mar. 2021.
- BARRETO, Luiz Antônio. **Personalidades Sergipanas**. Aracaju: Typografia Editorial, 2007.
- BARROS, José D'Assunção. A História Social: seus significados e seus caminhos. **LPH–Revista de História**, p. 14-15, 2005.

BERGER, John. **Para entender uma fotografia**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2017.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2006. p. 183-191.

BOURDIEU, Pierre. **Campo de poder, campo intelectual**. Buenos Aires: Editorial Montessor, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **Microcosmes** – théorie des champs. Paris: Raisons D’Agir, 2021.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Histórico do Serviço Militar**. Recife: Exército Brasileiro, s/d. Disponível em: <https://www.7rm.eb.mil.br/index.php/menu-servico-militar-sub02#:~:text=O%20Servi%C3%A7o%20Militar%20Obrigat%C3%B3rio%20remonta,Provis%C3%A3o%20sobre%20os%20Ordenan%C3%A7as%20%2D%201574%20%2D>. Acesso em: 2 fev. 2022.

BRETAS, Silvana Aparecida. **A criação da Universidade Federal de Sergipe**: história, política e formação da comunidade acadêmica (1950-1970). São Cristóvão: Editora UFS, 2014.

BURKE, Peter. **O que é história cultural**. Trad. Sérgio G. de Paula. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. Tradução de Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru: Educs, 2004.

CALDAS, Maria Hermínia. **Colégio Estadual “Atheneu Sergipense”**. Aracaju: J. Andrade, 2020.

CARMO, Kátia de Araújo. **Uma História do Curso de Ciências Biológicas na Universidade Federal de Sergipe**: Para quê? O quê? Para quem? Como? (1969-1983). 2011. 156 f. Dissertação (Pós-Graduação em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2011.

CARNEIRO, João de Castro. **Dentista Prático**: a luta, a legalização. Campinas: Tipografia e Editora Bandeirante, 1981.

CARVALHO, Cristiana Leite. **Dentistas práticos no Brasil**: história de exclusão e resistência na profissionalização da odontologia brasileira. 2003. 267 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2003.

CAVALCANTI, Jurandir. Destaques de Sergipe. **Diário de Pernambuco**. Recife, 19 de janeiro de 1969. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_14&Pesq=%22Manuel%20Cardoso%20Barreto%22&pagfis=66833. Acesso em: 8 maio 2020.

CHARTIER, Roger. **A História ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CHARTIER, Roger. **História cultural**: entre práticas e representações. 2. ed. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2002.

CHAVES, Rubens. **Aracaju**: pra onde vai? Aracaju: Edição do Autor, 2004.

COELHO, Edmundo C. **As Profissões Imperiais**: medicina, engenharia e advocacia no Rio de Janeiro, 1822-1930. São Paulo: Record, 1999.

COLLINS, Randall. **The sociology of philosophies**: A global theory of intellectual change. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1998.

CONNERTON, Paul. **Como as sociedades recordam**. Lisboa: Celta Editora, 1999.

CRUZ, Crislaine S. **Caridade sem limites. Ciência sem privilégios**: o ensino universal de Jacotot por Benoît Mure no Brasil (1840-1848). 2018. 98 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2018.

CRUZ, Luiz Antônio Pinto. **“A guerra já chegou entre nós!”**: o cotidiano de Aracaju durante a guerra submarina (1942-1945). 2012. 232 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História Social) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

CUNHA, Ernesto Salles. **História da odontologia no Brasil (1500-1900)**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Científica, 1963.

CURY, Carlos Roberto Jamil. Homenagem. **Educação & Sociedade**, v. 34, p. 1349-1350, 2013.

DANTAS, Ibarê. **A tutela militar em Sergipe**: 1964-1984 (partidos e eleições num Estado autoritário). 2. ed. São Cristóvão: Editora UFS, 2014.

DANTAS, José Ibarê Costa. **História de Sergipe**: República (1889-2000). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.

DANTAS, Nyceu. A odontologia em Sergipe através do século (Um esboço histórico). **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**, Ano 5, v. 5, n. 9, p. 119-131, 1920.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FERRARI, Mario André M. C.; ARAÚJO, Maria Ercília de. **História da Odontologia no Brasil**: o currículo e a Legislação de 1856 a 1931. São Paulo: Biblioteca 24horas, 2015.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. São Paulo: Civilização Brasileira S.A, 1960.

FIGUEIREDO, Ariosvaldo. **História Política de Sergipe**. Aracaju, 1993, v. 5.

FNO. Federação Nacional dos Odontologistas. **Nossa História**. Disponível em: <http://www.fno.org.br/nossa-historia/>. Acesso em: 11 mar. 2020.

FRAGO, Antonio Viñao. Historia de la educación e historia cultural: posibilidades, problemas, cuestiones. **Revista Brasileira de educação**, n. 0, p. 63-82, 1995.

FRANÇOIS, Etienne. A fecundidade da história oral. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). **Usos & Abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

FREIRE, Paulo. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. Editora Paz e Terra, 2014. e-Pub.

GARCIA, Odilon de Amorim. **A História da Faculdade de Odontologia**: Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal: Editora da UFRN, 2008.

GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da; NASCIMENTO, Ana Cristina do. **A Trajetória do Conselho Estadual de Educação de Sergipe**: textos da sua história. Recife: Linceu, 2013.

GUARANÁ, Manoel Armindo Cordeiro. **Dicionário Biobibliográfico Sergipano**. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1925.

HEINZ, Flávio M. (org.). **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

JESUS, Danilo Mota de. O ensino de odontologia na América do século XIX. In: DURAU, Karina. **Demandas e Contextos da Educação no Século XXI 2**. Belo Horizonte: Atena, 2019. Cap 05.

JESUS, Danilo Mota de. Odontologia em Sergipe: do sonho a realização. **Anais do Seminário Visões do Mundo Contemporâneo 3: Extremismos**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2016. Disponível em: http://visões.getempo.org/?page_id=555. Acesso em: 5 maio 2016.

JESUS, Danilo Mota de. **Uma História da Odontologia em Sergipe**: do ensino à estruturação do campo. 2018. 165 f. Dissertação (Pós-Graduação em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2018.

JESUS, Danilo Mota de; SIMÕES, Renata Duarte; REIS, Anderson de Araújo. Nyceu Dantas: esboço de uma trajetória. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**, n. 47, p. 363-377, 5 jul. 2017.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 5 ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2020.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). **Usos & Abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008. 168p.

- LUCINI, Marizete. **Memória e história na formação da identidade sem terra no assentamento Conquista na Fronteira**. 2007. 224p. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2007.
- MACIEL, Ane Rose de Jesus Santos. **Entre fatos e relatos: as trajetórias de Carmelita Pinto Fontes e Rosália Bispo dos Santos na educação sergipana (1960-1991)**. 2016. 180 f. Dissertação (Pós-Graduação em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016.
- MAGALHÃES, Justino; BARRETO, Raylane Andreza Dias Navarro. Os intelectuais e a educação - abordagem histórica e biográfica. **Revista Educação em Questão**, v. 54, n. 41, p. 61-85, 2016.
- MANNHEIM, Karl **Ensayos de sociología de la cultura**. Madrid: Aguilar, 1963.
- MANNHEIM, Karl. El problema de las generaciones. Tradução: Ignacio Sánchez de la Yncera. **Revista Española de Investigaciones Sociológicas (REIS)**, n. 62, p. 193-242, 1993.
- MARTÍNEZ, David Barreras; GÓMEZ, Cristina Durán. **Breve historia del feudalismo**. Nowtilus, 2013.
- MAUGER, Gerard. Postface. In: MANNHEIM, Karl. **Le Problème des générations**. Paris: Éditions Armand Colin, 2012.
- MELINS, Murillo. **Aracaju pitoresco e lendário**. Aracaju: Empresa Gráfica da Bahia, 2015.
- MELINS, Murillo. **Aracaju romântica que vi e vivi**. Aracaju: UNIT, 2000.
- MENEZES, Edimilson. Memória em espelho. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**, v. 47.2, p. 218-227, 2017.
- MORAES, Maria Lygia Quartim. Prefácio. In: WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicação dos direitos da mulher**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **As universidades e o regime militar: cultura política brasileira e modernização autoritária**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- NASCIMENTO, Ester Fragas Vilas-Bôas Carvalho do; NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **Os Camaristas: contribuição a história do poder legislativo de Aracaju (1855-2012)**. Aracaju: Criação, 2012.
- NÓVOA, António. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. **Cadernos de pesquisa**, v. 47, p. 1106-1133, 2017.
- OLIVEIRA, João Paulo Gama. **Caminhos cruzados: itinerários de pioneiros professores do Ensino Superior em Sergipe (1915-1954)**. 2015. 319 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015.

PAIXÃO, Edith Maria Bastos. Histórico do Curso de Odontologia. In: ROLLEMBERG, Maria Stella Tavares; SANTOS, Lenalda Andrade (Orgs.). **UFS – história dos cursos de graduação**. São Cristóvão: Editora UFS, 1999.

PETRARCA, Fernanda Rios. De coronéis a bacharéis: reestruturação das elites e medicina em Sergipe (1840-1900). **Revista Brasileira de História**, 2017, v. 37, n. 74. p. 89-112.
Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-93472017v37n74-04>. Acesso em: 22 set. 2018.

PONTES, Heloisa. **Destinos Mistos: os críticos do Grupo Clima em São Paulo: 1940-1968**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2015.

RIBEIRO, Ivanir; SILVA, Vera Lucia Gaspar da. Das materialidades da escola: o uniforme escolar. **Educação e Pesquisa**, 38, p. 575-588, 2012.

ROSENTHAL, Elias. **Odontologia no Brasil durante o Século XX**. São Paulo: Santos Editora, 2001.

SALMERON, Igor da Silva. **Os médicos e seus espaços de atuação: das ressonâncias entre medicina e representatividade profissional em Aracaju**. 2017. 150 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2017.

SANCHEZ GAMBOA, Silvio Ancisar. As diversas formas do conhecimento: bases histórico-filosóficas da pesquisa em educação. **Filosofia e Educação [RFE]**, Campinas, SP, v. 9, n. 3, p. 120-148, out. 2017/jan. 2018 – ISSN 1984-9605. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8650420/17344>. Acesso em: 10 jun. 2019.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. Tradução: Rubens Figueiredo. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2004.

SANTANA, Rosemeire Siqueira de. **Vinde a mim os pequeninos: história da educação de crianças desamparadas na Instituição Educativa Espírita (1947-1992)**. 2016. 238 f. Dissertação (Pós-Graduação em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. **Estudos avançados**, v. 2, n. 2, p. 46-71, 1988.

SANTOS, Ernanina Santana. **Uriel da Costa: a trajetória intelectual de um judeu suicida em Amsterdam, no século XVII**. 2018. 121 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2018.

SANTOS, Fábio Alves dos. **Elite letrada e ofício docente em Sergipe no século XIX**. 2013. 133 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2013.

SANTOS, Gilvan Vitor dos. **O círculo operário católico em Sergipe: práticas educativas e organização da cultura operária (1935-1969)**. 2011. 107 f. Dissertação (Pós-Graduação em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2011.

SANTOS, Ivan Paulo Silveira. **Manoel Bomfim: trajetória, suas críticas e concepções sobre Brasil como nação**. 2017. 138 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2017.

SANTOS, Ivoneide. **Da terra para as águas: trajetória de José Augusto dos Santos – (1929-2006)**. 2019. 130 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2019.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. “Um esforço positivamente infrutífero”: a criação das faculdades Tobias Barreto e Aníbal Freire em Aracaju (1924-1926). **Rev. Bras. Hist. Rduc.**, Maringá-PR, v. 17, n. 3 (46), p. 153-186, jul./set. 2017.

SANTOS, Nelson Santana. **Entre consciências vigiadas e identidades híbridas: a trajetória de Antônio Henriques e os percursos culturais e identitários dos cristãos-novos face à atuação da inquisição portuguesa no âmbito da diáspora atlântica sefardita (1603-1662)**. 2019. 132 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2019.

SANTOS, Osmário (Org.). **Memórias de políticos sergipanos no século XX**. Aracaju: Gráfica Editora J. Andrade Ltda., 2002.

SANTOS, Silvaney Silva. **José Augusto Garcez, uma trajetória no campo intelectual sergipano (1938-1972)**. 2018. 103 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2018.

SCOTT, John. Les élites dans la sociologie anglo-saxonne. In: SILEIMAN, Ezra ; MENDRAS, Henri. **Le recrutement des élites en Europe**. Paris: Editions la Découverte, 1995.

SCHOENWALD, Richard L. Social History Is Always Intellectual History or Intellectual History Is Always Social History or Finally, There Is Only History. In: KARSTEN, Peter, MODELL, John (Orgs.). **Theory, Method, and Practice in Social and Cultural History**. New York: New York University Press, 1992.

SILVA, Anna Karla de Melo e. **Felte Bezerra: um quartel de atividades lítero-científicas**. 2014. 112 f. Dissertação (Pós-Graduação em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2014.

SILVA, Eduardo Augusto Santos. **Luciano José Cabral Duarte e as ressonâncias do Concílio Vaticano II, em Sergipe (1962-1971)**. 2017. 139 f. Dissertação (Pós-Graduação em História) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2017.

SILVA, Elizabete Farias Lima. **O curso de enfermagem da UFS e a trajetória histórica das práticas do cuidado: da criação do Departamento de Saúde Pública a consolidação do campo em Sergipe (1931-1979)**. 2022. 223 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2022.

SILVA, Patrícia de Sousa Nunes. **Médicos por formação, docentes em ação: o perfil profissional e a formação do campo médico em Sergipe (1966-1973)**. 2018. 252 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2018.

SIRINELLI, Jean-François. As elites culturais. In: RIOUX, Jean Pierre; SIRINELLI, Jean-François. **Para uma história cultural**. Lisboa: Estampa, 1998. p. 259-279.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SOUZA, Eliana. **História e Memória da Universidade Federal de Sergipe: 1968-2012**. São Cristóvão: Editora UFS, 2015.

SOUZA, Josefa Eliana. Memórias de um Escolanovista – Nunes Mendonça nas falas de normalistas e professoras do “Instituto de Educação Rui Barbosa”. **IV Encontro Estadual de História - ANPUH-BA: História: Sujeitos, Saberes e Práticas**. Vitória da Conquista, UESB, 2008. Disponível em: http://www.uesb.br/anpuhba/anais_eletronicos/Josefa%20Eliana%20Souza.pdf. Acesso em: 20 ago. 2017.

VARELA, Júlia; ALVAREZ-ÚRIA Fernando. Maquinaria escolar. **Teoria & Educação**, Porto Alegre, n. 6, 1992.

DOCUMENTOS

BRASIL. Decreto nº 1.764, de 14 de maio de 1856. **Aprova o regulamento complementar dos estatutos das faculdades de medicina, a que se refere o art. 29 do decreto nº 1.387, de 28 de abril de 1854**. Disponível em: <http://www2.camara.gov.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-1764-14-maio-1856-571247-publicacaooriginal-94339-pe.html>. Acesso em: 23 ago. 2020.

BRASIL. Decreto nº 8659, de 5 de abril de 1911. **Aprova a Lei Orgânica do Ensino Fundamental e do Superior na República**. Disponível em: <http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=58698&tipoDocumento=DEC&tipoTexto=PUB>. Acesso em: 30 jan. 2020.

BRASIL. Decreto-Lei nº 34.638, de 17 de novembro de 1953. **Institui a Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1950-1969/D34638.htm. Acesso em: 14 abr. 2020.

CEMAS. Centro de Memória do Atheneu Sergipense. **Atas de Congregação**. Aracaju, 1962. 1273 FASG101 caixa 06.

CRO. Conselho Regional de Odontologia. **Inscrição de Cirurgiões Dentistas**. Aracaju, 1983.

FORTES, Lélío Passos de Guimarães. **Palestra Proferida na Loja Maçônica de Aracaju**, 1967.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico Sergipe 1970**. Rio de Janeiro, GB, dezembro de 1972. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/69/cd_1970_v1_t12_se.pdf. Acesso em: 3 set. 2017.

JULIO, Robério. Divisionismo político – um perigo para a vida democrática de um país. **O jornal**, Rio de Janeiro, 24 de maio de 1958. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_05&pesq=%22dra.%20Maria%20Jos%C3%A9%20de%20Moura%22&pagfis=62990 Acesso em: 20 jul. 2019.

O IMPARCIAL, Jornal. Ano II, nº 48, Rio Branco: 18 de fevereiro de 1968.

SANTOS, Osmário. Bonifácio Fortes: um intelectual de peso. **Jornal da Cidade**, Aracaju/SE, 11 out. 1992, p. 9.

UFS. Universidade Federal de Sergipe. **Estatuto**: Resolução nº 21/99/CONSU. São Cristóvão: Reitoria da UFS, 2014.

UFS. Universidade Federal de Sergipe. **Ofício GR. 255/69**. Reitoria da UFS, 13 de dezembro de 1969.

FONTES ORAIS

ALMEIDA, Antônio Rezende de. [abr. 2017]. Entrevistador: Danilo Mota de Jesus. Aracaju, Sergipe, SE, 2017.

ANDRADE, Valeria Dehon de Azevedo. [dez. 2020]. Entrevistador: Danilo Mota de Jesus. Aracaju, Sergipe, SE, 2020.

BASTOS, Afrânio José de. [abr. 2017]. Entrevistador: Danilo Mota de Jesus. Aracaju, Sergipe, SE, 2017.

BASTOS, Afrânio José de. [maio 2020]. Entrevistador: Danilo Mota de Jesus. Aracaju, Sergipe, SE, 2020.

FORTES, Tânia Maria de Guimarães. [jan. 2020]. Entrevistador: Danilo Mota de Jesus. Aracaju, Sergipe, SE, 2020.

GARCEZ, Rosa Maria de Viana Bragança. [fev. 2020]. Entrevistador: Danilo Mota de Jesus. Aracaju, Sergipe, SE, 2020.

MACIEL, Livia Maria Nou. [dez. 20]. Entrevistador: Danilo Mota de Jesus. Aracaju, Sergipe, SE, 2020.

MOURA, Eduardo. [jan. 2021]. Entrevistador: Danilo Mota de Jesus. Aracaju, Sergipe, SE, 2021.

PASSOS, Júlio César. [maio 2020]. Entrevistador: Danilo Mota de Jesus. Aracaju, Sergipe, SE, 2020.

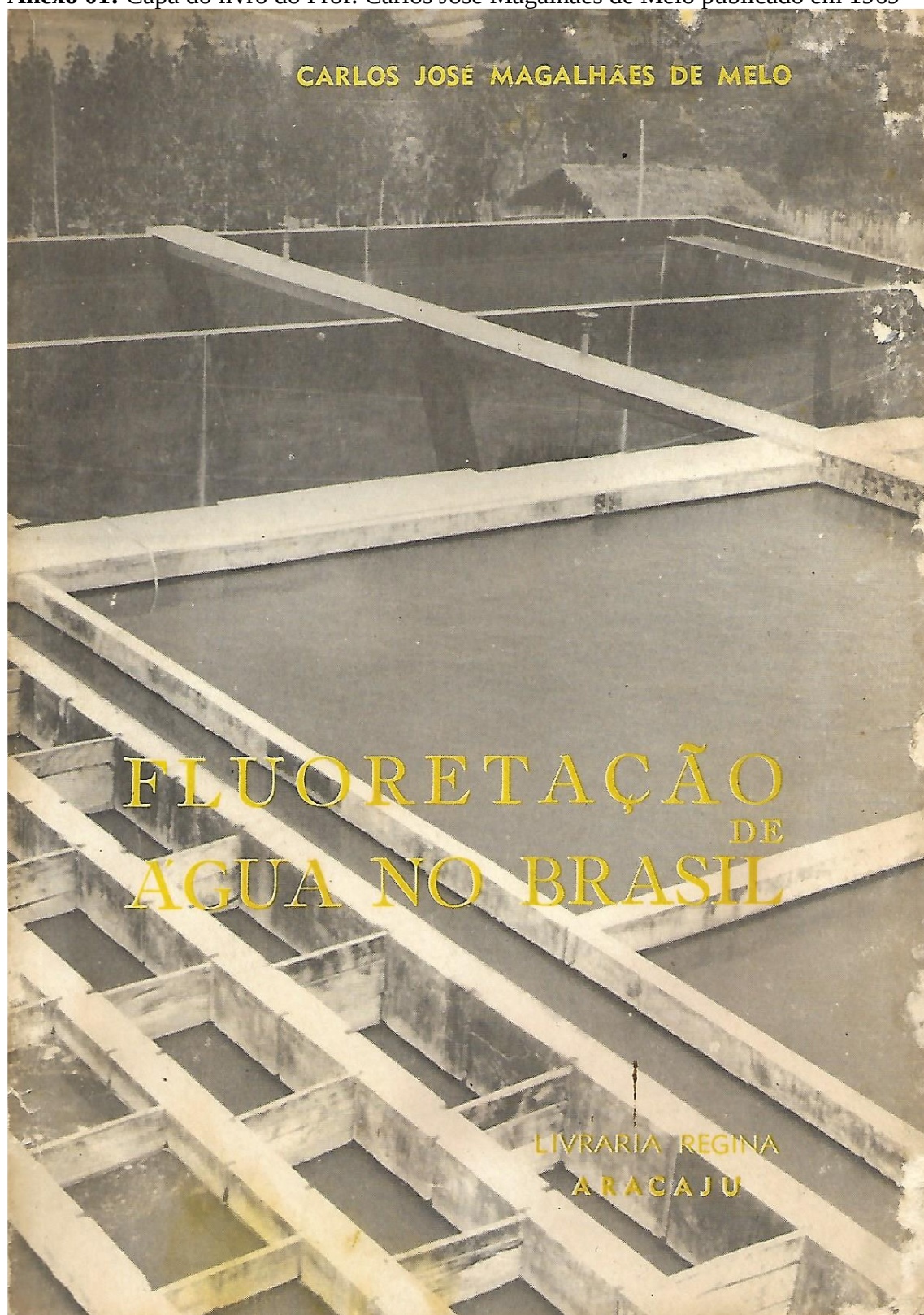
PAIXÃO, Edith Maria Bastos. [jan. 2020]. Entrevistador: Danilo Mota de Jesus. Aracaju, Sergipe, SE, 2020.

SITES

MEMÓRIA GLOBO. **Arnaldo César Coelho**. Globo Comunicações e Participações S.A, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/perfil/arnaldo-cezar-coelho/perfil-completo/>. Acesso em: 24 maio 2022.

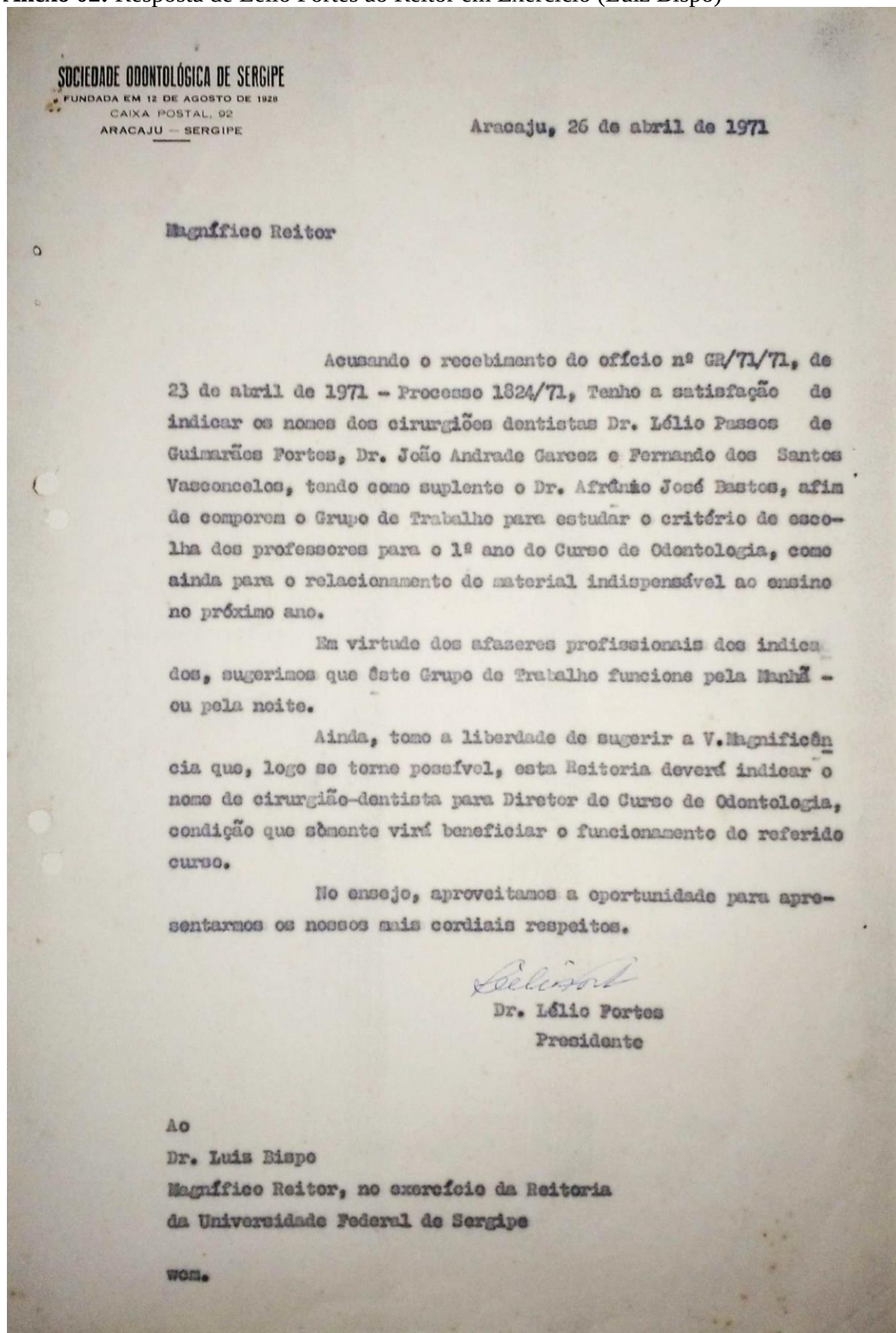
ANEXOS

Anexo 01: Capa do livro do Prof. Carlos José Magalhães de Melo publicado em 1969



Fonte: Centro Colaborador do Ministério da Saúde em Vigilância da Saúde Bucal – Universidade de São Paulo/USP.

Anexo 02: Resposta de Lélío Fortes ao Reitor em Exercício (Luiz Bispo)



Fonte: Acervo da Família de Lélío Fortes.

Anexo 03: Folha de Avaliação do Candidato – Prova-aula 1/2

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

CONCURSO PARA PROFESSORES ORIENTADORES DO ESTUDO DE PROBLEMAS BRASILEIROS

Folha de Avaliação do Candidato - Prova-aula

Data: _____ Turma: _____ Grau: _____

Candidato: _____

Assunto da aula: _____

Fatores	Itens a observar	Conceito					Grau atribuído
		nao de monst.	Fra-co	Regu-lar	Bom	Excel.	
O Professor.	Aparência e Postura Voz: clareza facilidade de expressão correção de pronúncia controle emocional						
Nota máxima: 20							
A U L A							
1. Objetivos	-Descrição do que se espera que os alunos saibam no fim da classe -Sequência da aula de acordo com os objetivos fixados						
Nota máxima: 15							
2. Organização da aula e habilidade de ensinar	-Observância do Plano em relação a aula -Capacidade de motivar -Habilidade de prender o interesse da turma -Habilidade em variar as técnicas de ensino -Habilidade em variar simultaneamente a aprendizagem						
Nota máxima: 15							
3. Domínio do assunto	-Seleção conveniente dos tópicos -Sequência dos fatos -Informação efetiva -Demonstração de idéias próprias -Analogias bem feitas e oportunas -Clareza na exposição de acordo com o que ficou estabelecido nos objetivos						
Nota máxima: 20							
4. Acessórios do Ensino	-Seleção -Habilidade no seu emprego -Utilização no momento certo e de maneira adequada -Material integrado no contexto da aula						
Nota máxima: 10							

Fonte: Acervo da Família de Lélío Fortes.

Anexo 02: Folha de Avaliação do Candidato – Prova-aula 2/2

5. Controle do Tempo Nota máxima: 10	-Aula dentro do tempo padrão -Apressa ou fica atrasado ou ex- tende o assunto para acabar a aula dentro desse tempo	<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </table>																												
6. Verifica- ção da A - prendizagem Nota máxima: 10	-Explica fazendo perguntas -Perguntas objetivas e oportu- nas -Aula dada de acôrdo com os obje- tivos -Cobertura do assunto fixado - nos objetivos	<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </table>																												

Observação: _____ Data: _____

_____ Examinador: _____

Fonte: Acervo da Família de Lélío Fortes.